

O padre Rosmini condenado por Leão XIII e 'beatificado' por Ratzinger

Quinta-feira, 17 de abril de 2008

Artigo Original disponível em [Virgo Maria](#)

- [Introdução](#)
- [1. Pequena cronologia dos eventos de 1826 a 1859 em torno de Rosmini e das origens do Instituto da Caridade \(Rosminianos\)](#)
- [2. História e papel na subversão da Igreja](#)
 - [2.1. Quem é Rosmini?](#)
 - [2.2. Por que foi condenado?](#)
 - [2.3. A simbologia do brasão de Rosmini é semelhante à simbologia Rosacruz](#)
 - [2.4. As “Cinco chagas da Igreja”: o livro-programa da crucificação da Igreja pelo Vaticano II: um livro codificado para iniciados](#)
 - [2.5. Antonio Rosmini-Serbati: um jovem ambicioso escolhido por inimigos da Igreja](#)
 - [2.6. A morte de Rosmini convencido de ter sido envenenado](#)
 - [2.7. As conexões de Rosmini e dos Rosminianos com a Inglaterra](#)

- 3. A reabilitação e a 'beatificação' de Rosmini após o Vaticano II sob a liderança de Ratzinger
 - 3.1. Como e quando os modernistas conciliares o reabilitaram e "beatificaram"?
 - 3.2. Rosmini é apresentado pelas autoridades e pelos autores conciliares como o precursor do Vaticano II e da liberdade religiosa em particular
 - 3.3. Luciani-João Paulo I rejeitou o pensamento de Rosmini, mas "teria finalmente mudado de ideia" (testemunho posterior à morte de João Paulo I que David Yallop escreve que não foi natural)
 - 3.4. A rede maçônica da Cúria que realizou a reabilitação e a "beatificação" de Rosmini
- 4. A reação e os silêncios da Tradição católica diante desta 'beatificação' de Rosmini
 - 4.1. O padre Tam denuncia a reabilitação de Rosmini em seu boletim n.º 3, onde examina os textos do Osservatore Romano do ano 2001
 - 4.2. Qual foi o comportamento da FSSPX diante dessa reabilitação e dessa beatificação?
- 5. Um Rosminiano na FSSPX: o padre Robert Belwood
 - 5.1. Quem é o “padre” Belwood?
 - 5.2. O “padre” Belwood foi ordenado no novo rito que não é válido, portanto, ele não é sacerdote (além do que não sabemos nada sobre o bispo que o “ordenou”)
- Anexos
 - Anexo 1 - Lista das 40 proposições de Rosmini condenadas pelo Papa Leão XIII
 - Anexo 2 - Artigo de Sodalitium n.º52 de janeiro de 2002 denunciando a reabilitação de Rosmini, este sacerdote condenado pela Igreja sob o pontificado de Leão XIII
 - 3. Anexo 3 - Artigo de « Trinta Dias», mensal italiano modernista (órgão vinculado à igreja conciliar), retratando a história da 'beatificação' de Rosmini, condenado pelo Papa Leão XIII
 - Anexo 4 - Nota de Ratzinger reabilitando Rosmini (30 de junho de 2001)
 - ANEXO 5 - A missão rosminiana na Inglaterra
 - Anexo 6 - Um filósofo italiano do século XIX – Obras de Rosmini traduzidas para o francês

- [Anexo 7 - Entrevista do 'cardeal' durante a beatificação de Rosmini \(texto em inglês\) pelo jornal modernista conciliar 'Trente Jours' - Nº9 - Ano XXV - Setembro de 2007](#)
- [Anexo 8 - Rosmini, profeta da liberdade religiosa do Vaticano II - pelo jornal modernista conciliar Trente Jours - Nº 9 - Ano XXV - Setembro de 2007](#)
- [Anexo 9 - Antonio Rosmini: um sacerdote filósofo nos altares - pela revista modernista conciliar 'Liberté politique' - Novembro de 2007](#)
- [Anexo 10 - Wikipedia - Biografia de Mellerio](#)

Introdução



Antonio Rosmini (1797-1855) padre com brasão apresentando semelhanças com a simbologia Rosacruz

'As 5 chagas da Igreja' de Rosmini (1848): o livro-programa da crucificação da Igreja pelo Vaticano II, cem anos depois. Um livro codificado para iniciados.

O caso da reabilitação e beatificação de Rosmini impulsionado por maçons da *lista Picorelli* no Vaticano.

O padre **Belwood** (capelão das dominicanas de Kernabat desde setembro de 2007 e protegido do ex-anglicano Monsenhor Williamson) **assistiu em Roma à 'beatificação' de Rosmini** por Ratzinger em 18 de novembro de 2007, e fez-se depois, em Kernabat, junto às crianças das famílias fiéis da FSSPX, o **zeloso propagandista** do padre condenado.

A ordenação do padre Belwood foi feita no novo rito inválido promulgado em 1969 e **não é válida. Senhor Robert Belwood**, à luz da teologia sacramental católica tradicional, **é um simples leigo** e não possui poderes sacerdotais. Ele não foi reordenado sob condições.

E enquanto isso, Monsenhor Fellay negocia com os Rosacruz do Vaticano as condições de sua 'plena comunhão' com esses meios maçônicos iluministas, pelo *ralliement* da obra de Monsenhor Lefebvre.

Os livros e vídeos importantes sobre Rosmini estão disponíveis para download a partir [dessa página](#) do site VM:

Agradecemos os conselhos sábios das pessoas que nos guiaram em nossas pesquisas para o estudo do caso de Rosmini.

1. Pequena cronologia dos eventos de 1826 a 1859 em torno de Rosmini e das origens do Instituto da Caridade (Rosminianos)

1829, 31 de março, o Monsenhor Francesco Castiglioni (20 de novembro de 1761 - 30 de novembro de 1830) é eleito Papa sob o nome de Pio VIII.

Pio VIII sucede ao Monsenhor Annibale Sermattei della Genga, Papa sob o nome de Leão XII, de 28 de setembro de 1823 a 20 de fevereiro de 1829, particularmente hostil ao liberalismo e considerado como "*o Papa da Santa Aliança*".

Leão XII havia consagrado seu breve pontificado de cinco anos e meio a lutar contra a sociedade secreta dos carbonários e a reprimir por meio de sua polícia os assassinatos e atentados cometidos por estes últimos nos estados pontifícios.

Com esse objetivo, ele havia publicado em 1826 sua importante encíclica "*Quo Graviora*", pela qual renovava a sua vez infalivelmente as excomunhões contra todos os membros das sociedades secretas e da Maçonaria, seguida em 26 de junho de 1827 de sua carta apostólica "*Dirae Librorum*", condenando seus escritos.

As famosas e capitais "*Cartas da Alta Vendita dos Carbonários*", apreendidas mais tarde pela polícia pontifícia de Gregório XVI, e que seriam publicadas por Crétineau-Joly bem mais tarde em 1859 sob o reinado de Pio IX, nos dois volumes de sua obra "*A Igreja Romana face à Revolução*", começam sob seu reinado e abrangem o período de 1820-1846. Esta obra seria reeditada em 1976 por Monsenhor Marcel Lefebvre.

Foi no final do reinado de Leão XII que um jovem padre de origem veneziana, Antonio Rosmini-Serbati, nascido em 25 de março de 1797 em Rovereto, ordenado padre católico sob o reinado de Pio VII aos 24 anos em 21 de abril de 1821 em Chioggia, após ter concluído seus estudos em Pádua e Pavia, fez aos 30 anos o conhecimento em junho de 1827, em Milão, na residência de seu grande amigo, o rico e poderoso Conde Giacomo Mellerio (da famosa família de ourives-joalheiros Mellerio,

ou Meller, protegida de Maria de Médici - cuja casa foi fundada mais tarde em Paris em 1613 - originários de Craveggia, no Val Vigezzo, ao lado de Domodossola) de um jovem padre da mesma idade, Giovanni Lowenbruck, vindo da Lorena, que lhe pediu com insistência para ajudá-lo a fundar uma sociedade religiosa, o que fizeram na Quaresma seguinte, em fevereiro de 1828, no Sacro Monte Calvario, próximo a Domodossola, Rosmini redigindo as constituições de sua nova sociedade religiosa: o Instituto da Caridade, inicialmente aberto a clérigos e leigos.

Os fundadores deste instituto (Lowenbruck, Rosmini, Gentili, Molinari) lhe atribuíram como emblema um pelicano se dilacerando as entranhas para alimentar seus filhotes (em referência ao hino católico do "*Pio Pelicano*"), mas emblema que é também o da iniciação do 18º grau maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito, grau do Cavaleiro Iluminado da Rosacruz.

1830, aparição da Santíssima Virgem Maria à Irmã Lazarista Catherine Labouré na capela da Congregação, rua do Bac, em Paris, pedindo-lhe para difundir a "*medalha milagrosa*", sob a invocação "*Ó Maria, concebida sem pecado*".

1830, o padre Félicité de Lamennais funda o jornal "*Avenir*" com o dominicano Henri de Lacordaire e Charles de Montalembert, no qual reclamava a liberdade de consciência, de imprensa e a liberdade religiosa, e no qual os cristãos liberais podiam desenvolver suas ideias de separação da Igreja e do Estado.

1830, 30 de novembro, morte do Papa Pio VIII.

1831, 2 de fevereiro, Bartolomeo Capellari (8 de setembro de 1765 - 1º de junho de 1846), Pai padre da ordem dos Camaldulenses, é eleito Papa sob o nome de Gregório XVI.

1831, 6 de fevereiro, o padre eleito Papa, Bartolomeo Capellari, após receber a plenitude do Sacerdócio por sua consagração episcopal, é coroado com a tiara pontifícia.

1831, Gregório XVI recebe em Roma os "*peregrinos da Liberdade*", redatores do jornal francês "*Avenir*", o padre Félicité Lamennais, o padre dominicano Henri Lacordaire e Charles de Montalembert.

1832, 15 de agosto, Gregório XVI publica sua Encíclica "*Mirari Vos*", condenando o Liberalismo filosófico, o Catolicismo Liberal e a Liberdade Religiosa.

1832, o padre Antonio Rosmini-Serbati conclui aos 35 anos no Sacro Monte Calvario (Domodossola) a redação de sua obra "*Das cinco chagas da Igreja*", que não publica, mas da qual faz ler o manuscrito a um círculo muito restrito de "*amigos seguros*", obra que traça o programa de uma "*reforma*" fundamental da Santa Igreja e da Santa liturgia sobre os princípios liberais e "*democráticos*", cujo programa seria realizado ponto por ponto 130 anos mais tarde pelos Decretos e Constituições do Vaticano II (de quinta-feira, 11 de outubro de 1962 a quarta-feira, 8 de dezembro de 1965).

1834, Félicité de Lamennais persiste em publicar suas "*Palavras de um crente*".

1834, pelo Breve pontifício "*Singulari nos*", Gregório XVI condena novamente pessoalmente o padre Félicité de Lamennais.

1834, dezembro, pelo Breve, o Papa Gregório XVI, que o padre Antonio Rosmini havia conhecido desde 1823, antes de sua eleição pontifícia, quando ainda era apenas Pai padre Camaldulense, responde ao padre Rosmini, que o havia interrogado sobre o envio à Inglaterra de três companheiros em missão para converter os anglicanos, indicando-lhe que "*deixa à sua prudência aceitar ou não a missão proposta por Monsenhor Baines*".

1835, partida para a Inglaterra para a conversão dos anglicanos de três companheiros do Instituto da Caridade, um italiano Luigi Gentili (membro fundador) e dois franceses Emile Belisy e Antoine Rey, chamados pelo bispo beneditino católico Monsenhor Augustine Baines, de Bath, em Prior Park, e por Ambrose Lisle March Phillipps De Lisle, um ex-anglicano convertido católico, amigo do pastor anglicano Georges Spencer, próximo da família real, em breve a sua vez convertido católico.

1838, 20 de dezembro, o Papa Gregório XVI aprova as Constituições do Instituto da Caridade, revisadas pelo padre Antonio Rosmini.

1839, 25 de março, 20 rosminianos pronunciam seus votos na Itália e 6 na Inglaterra (em Spetisbury e Prior Park).

1839, 20 de setembro, a carta apostólica "*In sublimi*" de Gregório XVI resume as autorizações pontifícias concedidas à Ordem e nomeia o padre Antonio Rosmini-Serbati, Prefeito Geral da Ordem, por toda a vida.

1840, Dom Guéranger, Pai Padre da Abadia beneditina de Solesmes, publica sua obra monumental "*As Instituições Litúrgicas*", na qual define a heresia anti-litúrgica.

1843, 17 de agosto, nascimento de Mariano Rampolla del Tindaro em Polizzi Generosa, na Sicília.

1846, 1º de junho, morte do Papa Gregório XVI de uma crise de erisipela.

1846, 16 de junho, eleição de Monsenhor Giovanni Maria Mastai Ferreti (13 de maio de 1792 - 7 de fevereiro de 1878) ao Papado sob o nome de Pio IX.

1846, 19 de setembro, a Santíssima Virgem aparece a dois pequenos pastores na montanha de La Salette, perto de Grenoble, Maximin Giraud e Mélanie Calvat. Ela confia a cada um um "*Segredo*", pedindo a Mélanie para "*fazer passar a todo seu povo*" o seu, que anuncia que "**Roma perderá a Fé e se tornará o trono do Anticristo**".

1848, 16 anos após ter concluído a redação de seu manuscrito e o ter conservado "*confidencial*" desde 1832, "*Das cinco chagas da Igreja*" que traça o programa de uma "*reforma*" fundamental da Santa Igreja e da Santa liturgia sobre os princípios liberais e "*democráticos*", cujo programa seria realizado ponto por ponto 130 anos mais tarde pelos Decretos e Constituições do Vaticano II (de quinta-feira, 11 de outubro de 1962 a quarta-feira, 8 de dezembro de 1965), Antonio Rosmini decide publicá-lo em tiragem limitada para um círculo de amigos "*que - escreveu - haviam partilhado meus sofrimentos, e que agora, como eu, esperavam no futuro*".

1848, 15 de agosto, Antonio Rosmini-Serbati chega a Roma, embaixador enviado por Vincenzo Gioberti, pelo Rei Carlo Alberto de Saboia-Piemonte, para negociar com o Papa Pio IX um Concordato entre os Estados Pontifícios e o Reino de Sardenha-Piemonte da Casa de Saboia, e formar entre os dois Estados uma aliança contra a Áustria (ex-Império Romano germânico), que estava em guerra contra esse Reino, originando as hostilidades, bem como o modelo de uma futura Federação que unifica os Estados italianos "*sob a autoridade espiritual do Papa*".

1848, 15 de novembro, o novo Primeiro-Ministro dos Estados Pontifícios, nomeado por Pio IX, Pellegrino Rossi, é assassinado com um golpe de punhal na Chancelaria e distúrbios eclodem simultaneamente em Roma. Padres e alguns cardeais são mortos.

1848, 16 de novembro, um novo governo dirigido por Antonio Rosmini, que também assumiria o cargo de Ministro da Educação, é brevemente proposto sob a autoridade de Pio IX para acalmar os ânimos. Rosmini teria recusado o cargo.

1848, 24 de novembro, o Papa Pio IX deixa Roma incógnito para Gaeta e a República é proclamada. No dia seguinte, Antonio Rosmini deixa Roma também para se juntar a ele em 26 de novembro.

1849, 19 de março, o Padre Oratoriano Theiner publica, sob o título "*Cartas histórico-críticas sobre o livro das Cinco Chagas da Igreja do P. Antonio Rosmini-Serbati*", uma crítica áspera e aprofundada da obra do padre Antonio Rosmini-Serbati, que havia sido publicada recentemente.

1849, em Gaeta, o Papa pede ao padre Antonio Rosmini, a respeito de sua obra recentemente publicada "*Das cinco chagas da Igreja Santa*", para se explicar sobre sua posição concernente aos quatro pontos seguintes expressos em sua obra:

1. O "*direito divino*" do clero e do povo à eleição dos bispos,
2. O uso do vernáculo na Liturgia,
3. Sua crítica à Escola Escolástica,
4. A separação da Igreja e do Estado.

1849, 30 de maio, por decreto, a Sagrada Congregação do Índice condena a obra de Antonio Rosmini-Serbati "*Das cinco chagas da Igreja Santa*", bem como suas duas cartas em anexo sobre a eleição dos bispos católicos pelo clero e os fiéis, ao mesmo tempo que sua obra "*A Constituição segundo a justiça social*", condenação ratificada por Gaeta em 6 de junho de 1849 pelo Papa Pio IX.

1849, 19 de junho, Antonio Rosmini é obrigado a deixar Gaeta sob a pressão do Cardeal Giacomo Antonelli, Secretário de Estado de Pio IX.

1849, 3 de julho, as tropas francesas entram em Roma, defendida pelo carbonário Giuseppe Garibaldi, e restauram o poder temporal do Santo Sínodo.

1851, 21 de novembro, nascimento de Désiré Mercier, futuro cardeal, em Braine, na Bélgica.

1854, 8 de dezembro, Pio IX proclama o dogma da Imaculada Conceição por sua Bula "*Ineffabilis Deus*".

1855, 1º de julho, o padre Antonio Rosmini-Serbati, que havia acabado de voltar doente de uma breve estadia em Rovereto, seu local de nascimento e antiga paróquia, morre aos 58 anos de uma causa indeterminada, em Stresa, que havia se tornado a sede da Ordem.

1858, 25 de março, na festa da Anunciação, aparição em Lourdes a Bernadette Soubirous da Santíssima Virgem, que Se nomeia em patoá local "*Que soy era immaculada concepciou*".

1859, o Papa Pio IX autoriza, por um breve pontifício, Crétineau-Joly a publicar as famosas e capitais "*Cartas da Alta Vendita dos Carbonários*", que abrangem o período de 1820-1846, apreendidas pela polícia pontifícia de seu predecessor Gregório XVI, nos dois volumes de sua obra "*A Igreja Romana e a Revolução*". Essa obra seria reeditada em 1976 por Monsenhor Marcel Lefebvre.

Fim da breve cronologia

Era necessário apresentar ao leitor, **para que ele a mantenha presente em sua mente**, essa breve cronologia dos eventos significativos para a Santa Igreja e para Antonio Rosmini **dos 33 primeiros anos da gestação e do nascimento de sua Ordem**, que foi formalmente reconhecida por Gregório XVI **em 20 de setembro de 1839, 11 anos após a redação de suas constituições**.

Além disso, durante esse período, o Instituto da Caridade viveu especialmente das larguezas e doações de **dois poderosos e generosos protetores** que lhe concederam liberalidades financeiras e doações de vários imóveis e propriedades, notadamente em Domodossola, Stresa e em outros lugares privilegiados: **o Conde Giacomo Mellerio** (em Domodossola, em particular) de um lado, e **o Rei de Sardenha-Piemonte Carlo Alberto, Chefe da Casa de Saboia** (em Stresa, Turim, etc.) de outro lado. **De modo que, em 1839, essa nova instituição religiosa já estava materialmente bem dotada**, quando a Ordem Rosminiana recebeu, finalmente, em 20 de setembro, seu reconhecimento oficial por parte do Papa Gregório XVI.

2. História e papel na subversão da Igreja

2.1. Quem é Rosmini?

A Wikipédia fornece o seguinte resumo autobiográfico breve.

"Antonio Rosmini, nascido em 25 de março de 1797 em Rovereto e morto em 1º de julho de 1855.

Antonio Rosmini pertence a uma família da nobreza abastada; ele entra no seminário e, após estudos em Pavia e Pádua, é ordenado padre em 21 de abril de 1821. Em 1828, ele funda uma nova ordem religiosa, o Instituto da Caridade (também chamado de ordem dos Rosminianos). Os membros podem ser padres ou leigos e se dedicam à pregação, ao ensino da juventude e às obras de caridade, quer sejam materiais, morais ou intelectuais. Eles se estabelecem na Itália, na Inglaterra, na Irlanda, na França e na América.

Dois de seus trabalhos, "As Cinco Chagas da Igreja Santa" e "A Constituição da Justiça Social", suscitam oposição na época, notadamente da parte dos Jesuítas; eles são colocados no Índice em 1849. Rosmini faz ato de submissão em Roma e se retira para Stresa, às margens do Lago Maior, onde morre seis anos mais tarde. Antes de sua morte, ele descobre que a censura que pesava sobre seus escritos foi levantada pela Congregação do Índice. Vinte anos mais tarde, a palavra usada pela Congregação para levantar a censura (dimittantur) é objeto de polêmica: alguns afirmam que isso equivale a aprovar a obra, enquanto outros sustentam que a fórmula é puramente negativa e não implica que não haja nenhum erro nos trabalhos de Rosmini. A controvérsia é resolvida em 1887 pelo papa Leão XIII: ele condena quarenta teses rosminianas e proíbe que sejam ensinadas.

A heroicidade de suas virtudes foi reconhecida pela Igreja Católica em 26 de junho de 2006. Após a assinatura de um decreto de beatificação pelo papa Bento XVI em 3 de junho do ano seguinte, ele foi beatificado em 18 de novembro de 2007, em Novara, pelo cardeal Saraiva Martins."

É claro que não é a verdadeira Igreja Católica que beatificou um padre cujos escritos foram condenados pelos Papas Pio IX e Leão XIII.

Autor prolífico, Rosmini produziu 120 obras, das quais apenas alguns títulos estão disponíveis em francês e um pouco mais em inglês.



Obras completas de Rosmini

2.2. Por que foi condenado?

Seus escritos foram objeto de **duas condenações**.

Em primeiro lugar, uma **inclusão de dois de seus trabalhos no Index no dia 30 de maio de 1849 sob Pio IX:**



Condenação de Rosmini registrada nos atos do Magistério



Desde a sua publicação, a obra de Rosmini ('As cinco chagas da Igreja') foi atacada por um oratoriano, o Padre Theiner, em 19 de março de 1849. A tradução para o francês de sua obra ('Cartas histórico-críticas sobre o livro das Cinco Chagas da Igreja do P. Antonio Rosmini-Serbati'), realizada em 1851 pelo padre P. de Geslin, pode ser baixada [4].

Essa refutação de Rosmini pelo Padre Theiner levou à intervenção da congregação do Index.

O Padre Theiner mostra o desprezo ou a ignorância histórica completa de Rosmini pela história da eleição dos bispos na Igreja:

“Quanto às matérias que ele trata em seu livro, elas são expostas e desenvolvidas com mais imaginação do que com verdadeira erudição e ciência”.

O Padre Theiner não esconde sua consternação: “Quanto a estrutura e a economia geral de todo o trabalho, acredito que posso chamá-la de infeliz”.[5]

Peu de temps après l'apparition du présent ouvrage du P. Theiner, ouvrage qui fit une profonde sensation dans le monde religieux, la sacrée Congrégation de l'index condamna le livre des *Cinq plaies*, dans le décret suivant, inséré dans le *Giornale di Roma*, partie officielle, sous la date du 31 août 1849 :

DECRETUM.

Feria III, die 30 maii 1849.

Sacra Congregatio Eminentissimorum ac Reverendissimorum sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinalium a SANCTISSIMO DOMINO NOSTRO PIO PAPA IX, sanctæque Sede apostolica indici librorum pravæ doctrinæ, eorumdemque proscriptioni expurgationi, ac permissioni in universa Christiana Republica præpositorum et delegatorum, habita Neapoli ex speciali ejusdem

SANCTISSIMI DOMINI NOSTRI jussu damnavit et damnat, proscripsit, proscribitque, vel alias damnata atque proscripta in indicem librorum prohibitorum referri mandavit et mandat opera quæ sequuntur:

Delle Cinque piaghe della santa Chiesa, trattato dedicato al Clero cattolico, *etiam* con appendice di due Lettere sulla elezione dei Vescovi mediante il Clero ed il Popolo.

La Costituzione secondo la Giustizia sociale, con una appendice sulla unita Italia. *Di Antonio Rosmini Serbati. — Decret. 3o maii 1849. Auctor laudabiliter sese subjecit.*

Il Gesuita moderno, per Vincenzo Gioberti. *Decret. eod.*

Discurso funebre pei morti di Vienna, recitato il giorno 27 novembre 1848, nella insigne chiesa di S. Andrea della Valle dal Rmo P. D. Gioacchino Ventura. *Cum* Introduzione e Protesta dell' autore. *Decret. eod.*

Itaque nemo cujuscunque gradus et conditionis prædicta opera damnata atque proscripta, quocunque loco et quocunque idiomate, aut in posterum edere, aut edita legere, vel retinere audeat, sed locorum ordinariis aut hereticæ pravitatis inquisitoribus ea tradere teneatur sub pœnis in indice librorum vetitorum indictis.

Quibus SANCTISSIMO DOMINO NOSTRO PIO PAPA IX per me infra scriptum de speciali ejusdem sanctissimi mandato pro-secretario relatis, SANCTITAS SUA decretum probavit et promulgari præcepit. In quorum fidem, etc.

Datum Cajetæ die 6 junii 1849.

J. A. CARD. BRIGNOLE, PRÆFECTUS.

Loco † sigilli. Petrus GIANNELLI, pro-secret.

Decreto de 6 de junho de 1849 de inclusão dos dois trabalhos de Rosmini no Index pelo Papa Pio IX

Aqui está a tradução publicada em 1849 em Paris:

“A Sagrada Congregação dos Eminentes e Reverendos Cardeais da Santa Igreja Romana, encarregados do Index dos maus livros por Nossa Santidade o Papa Pio IX e pela Santa Sé Apostólica, e delegados para proibir, corrigir e permitir a leitura em toda a Cristandade, reuniram-se em Nápoles por ordem especial de Sua Santidade, condenaram e condenam, proibiram como proíbem, ou ordenaram e ordenam, quanto aos escritos já condenados e proibidos anteriormente, de incluir no Catálogo dos livros proibidos os seguintes trabalhos:

- *Das cinco chagas da Santa Igreja, tratado dedicado ao Clero católico, com um apêndice de duas cartas sobre a eleição dos Bispos pelo Clero e pelo Povo,*
- *A Constituição segundo a justiça social, com um apêndice sobre a unidade da Itália,*

por Antônio Rosmini Serbati. — Decreto de **30 de maio de 1849**. **O autor se submeteu de forma louvável.**

- *O Jesuíta moderno, por Vicente Gioberti. - Mesmo decreto.*
- *Discurso fúnebre para os mortos de Viena, proferido em 27 de novembro de 1848 na igreja insigne de S. André-della-Valle, pelo P. Joachim Ventura. " Com uma introdução e uma protestação do autor. Mesmo decreto.*

Consequentemente, não é permitido a ninguém de qualquer cargo ou condição, publicar daqui em diante, em qualquer idioma, os trabalhos condenados e proibidos, lê-los ou guardá-los; mas, ao contrário, é obrigado a entregá-los aos Ordinários ou aos inquisidores da heresia, sob as penas estabelecidas no Index dos livros proibidos.

Essas decisões, tendo sido submetidas a Nossa Santidade o Papa Pio IX por sua ordem especial, Sua Santidade as aprovou e as fez publicar. Em fé do que, etc.

Dado em Gaëte, em 6 de junho de 1849.

*J. A. Gard. Brigisole, " Prefeito."***[6]**

Essa **condenação de Rosmini foi aprovada pelo Superior da Ordem** da qual Rosmini era o fundador.

Essa inclusão no Index foi seguida **trinta e oito anos depois por uma condenação de 40 de suas proposições extraídas de suas obras pelo Decreto do Santo Ofício "Post obitum" de 14 de dezembro de 1887, sob o reinado do Papa Leão XIII.**

(Nós damos no anexos 1, a lista das quarenta proposições de Rosmini condenadas pelo Santo Ofício. A filosofia desenvolvida por **Rosmini integra elementos do idealismo de Emmanuel Kant.**)

Aqui estão os comentários feitos pelo **Padre Theiner sobre Rosmini em 1849 em seu livro 'Cartas histórico-críticas ...':**

“Meu caro amigo,

O recente opúsculo de Rosmini me inspirou a mesma dor que a todos, e eu respondo voluntariamente ao seu convite para que você conheça minha opinião sobre o assunto; e, como você acha que as observações que eu lhe fiz em nossas conversas íntimas podem contribuir para completar e refutar as ideias, equívocas em parte e erradas em parte, que contém em grande número esse livro, eu decidi declarar publicamente o que eu penso sobre ele. Essa tarefa, eu confesso sinceramente, é penosa para mim; você entende, você que conhece a grande estima que eu professo por um autor cujas virtudes, conhecimento vasto e, especialmente, o nobre zelo pela defesa de nossa santa Igreja eu admiro e venero. Você se lembra, sem dúvida, do ardor que eu pus em defendê-lo, em outras ocasiões, contra seus adversários, quando eles me pareciam atacá-lo com demasiada violência. Esse reconhecimento que eu faço aqui, claro e leal, diante de todo o mundo, me dá a esperança de que eu não verei minhas palavras interpretadas de maneira desfavorável, e que não se suspeitará de meus sentimentos, se, agora, com franqueza e lealdade semelhantes, eu assinalar alguns dos defeitos e das partes fracas da última obra de Rosmini, e **se eu manifestar minhas dúvidas sobre algumas das opiniões que ele professa.**

Quanto à estrutura e à economia geral de todo o trabalho, eu acredito que posso chamá-la de infeliz; ela causa, desde o início, uma impressão desagradável ao leitor. O autor tendo se servido, para representar a Igreja, da imagem sublime do corpo de Jesus Cristo, pergunta-se por que, se ele nos expôs em palavras vivas e ardentes essa pintura tão tocante e tão bela, **ele não julgou adequado indicar os motivos que o levaram a distribuir essas cinco chagas da maneira que ele fez.** Parece que essa dissertação poética, que se mostrou até agora sob o manto de uma prosa entusiasta, ainda não pôde se elevar a essas regiões sublimes e profundas onde habita a mística cristã, e onde penetravam esses veneráveis e grandes autores da Idade Média, cujos nomes apenas parecem ter estado presentes em seu espírito.

Agora, quanto às matérias que ele trata em seu livro, elas são expostas e desenvolvidas **com mais imaginação do que com verdadeira erudição e ciência,** e isso é ainda mais lamentável porque elas são de natureza mais grave, e penetraram mais profundamente no espírito da Igreja; **o que lhe falta acima de tudo é a tranquilidade de espírito, a moderação e a penetração,** qualidades tão essenciais para quem quer se dedicar com fruto a semelhantes investigações, e sem as quais elas não podem ter nenhum valor. A ausência dessas qualidades na obra em questão é, para nós, um verdadeiro enigma, e não nos surpreende medianamente da parte de um autor conhecido pelo calmo edificante e salutar que reina em seus outros escritos. É assim que, no entanto, **ele também foi apanhado, recentemente, pela agitação febril de nossos dias,** e, infelizmente, ainda por ela invadido, apanhado, arrastado. Se quisermos definir sua obra em poucas palavras, podemos chamá-

la de uma coroa tecida das mais deslumbrantes teorias, mas cuja execução prática, possível talvez, pelo menos na fantástica imaginação do inventor, deve ser reservada para tempos melhores, e certamente para um futuro distante. Para atender ao seu desejo, meu amigo, eu venho expor **minha opinião sobre a quarta chaga da Igreja, quero dizer, a eleição dos bispos pelo poder secular**, essa chaga **que Rosmini coloca no pé direito, mais tarde, eu examinarei as outras chagas.**

A eleição dos bispos é, sem dúvida, de suma importância para a Igreja, e é realmente lamentável que ela **tenha sido tratada por nosso autor com tanta superficialidade quanto ignorância**. Nós não podemos compreender **como ele pôde se gabar de ter levantado esse grande véu de ignorância que, há muito tempo, cobre essa matéria das eleições episcopais**. Para ter o direito de ser tão afirmativo, ele deveria nos ter mostrado como o episcopado, instituído por Jesus Cristo, foi, pela Igreja, ou melhor, pela comunidade dos fiéis, desenvolvido ao longo dos séculos; como ele assumiu a forma de instituição metropolitana; quais eram suas relações recíprocas com o sistema metropolitano; qual foi, finalmente, sua dupla influência sobre a Igreja e sobre o corpo clerical, bem como sobre a massa dos fiéis. Era desejável que ele nos tivesse, com fidelidade histórica, exposto todos os motivos de ordem religiosa e social que fizeram com que os soberanos adquirissem essa influência imensa sobre a eleição dos bispos; influência às vezes necessária, às vezes útil, outras vezes pífida e prejudicial; e como essa influência se estabeleceu e se manifestou ao longo dos séculos até nossos dias. **Todas essas altas e sérias questões, cuja solução poderia, no entanto, conduzir à compreensão dessa matéria, ele as negligenciou quase completamente**, ou, pelo menos, ele não as esclareceu senão superficialmente, e com uma tal parcialidade que **parece que ele fala apenas para dar um curso livre à sua aversão contra os soberanos e à sua injusta** ode, sem ter em conta as diferentes condições sociais dos tempos diversos que produziram essa influência dos príncipes temporais. Para ampliar seu caminho, parece que ele quer, por assim dizer, agarrar todas as oportunidades pelos cabelos, e poderíamos ser tentados a crer que o autor se compadece do destino dos imperadores e dos outros príncipes seculares, que abandonaram o paganismo para abraçar a religião cristã.

Todos, o clero em primeiro lugar, o povo e os príncipes em seguida, todos, na eleição dos bispos, foram culpados. É um dever sagrado para o historiador pesar com justiça a cada um sua parte de culpa na culpa universal; mas, quando **Rosmini acredita e declara puros de todo pecado o clero e o povo, para fazer, com uma fúria selvagem, recair a responsabilidade inteira sobre a cabeça dos reis, é uma injustiça enorme**. Para nós, temos uma ideia muito alta de seu caráter para não admitir que **ele foi induzido ao erro por sua falta de conhecimento da história**, e enganado por seu zelo nobre e

santo, é verdade, mas indiscreto às vezes e pouco esclarecido, que o leva a desejar uma certa independência, ou, **para melhor dizer, uma separação absoluta entre a Igreja e o Estado.**

Nosso autor fala das eleições dos bispos de nossos dias, como se elas ainda se fizessem nas condições deploráveis do nono século até o tempo de Gregório VII. Se fosse assim, nós encontraríamos suas palavras razoáveis e justas, e não apenas dignas de elogio, mas dignas ainda de serem defendidas e admiradas. Graças a Deus! Os tempos mudaram, e o estado da sociedade, como o da Igreja, assumiu outra forma e outros modos. Sem querer levar em conta as prudentes disposições de Inocêncio III e de seus sucessores, que devolveram a eleição dos bispos àqueles a quem ela pode pertencer de direito divino, isto é, ao clero e aos capítulos das catedrais, disposições que, em geral, salvo as modificações necessárias pela exigência dos tempos, e concedidas mais tarde pelos soberanos Pontífices, ainda estão hoje, em grande número de Igrejas particulares, em uso e em plena vigor, e **não foram abolidas, nem mesmo pelo santo Concílio de Trento.** Ele, o autor, nos quer lançar novamente nas tumultuosas e bastardas eleições de bispos dos primeiros séculos da Igreja, e restituí-las ao clero e ao povo: é para atingir esse objetivo que ele desdobra toda a força de sua eloquência, e uma erudição deslumbrante e enganosa; e é da realização desse desejo que ele espera, para a Igreja, todos os bens imagináveis, e sua própria ressurreição.

Se Rosmini não se engana, é preciso dizer que se enganaram e erraram todos os Papas que se sucederam desde Inocêncio III até nossos dias; pois cada um sabe que foi Inocêncio III quem, ao retirar ao povo a eleição dos bispos e transferi-la aos capítulos catedrais, reconheceu ao mesmo tempo aos soberanos temporais uma certa influência, a qual, sempre restrita dentro dos limites da justiça e do dever, foi algumas vezes ampliada por seus sucessores, em circunstâncias imperativas. **Da mesma maneira se teriam enganado e errado os Padres do Concílio ecumênico de Trento,** se cheios de santidade e luzes, e entre os quais deviam se encontrar, eu penso, alguns bispos, prelados e sacerdotes não menos eruditos e zelosos pelo bem da Igreja que Rosmini ele mesmo, e que, no entanto, **não julgaram oportuno mudar e subverter a prática introduzida por Inocêncio III na Igreja, para a eleição dos bispos**

Se Rosmini tivesse consultado a história; se ele tivesse bebido nas fontes originais dos tempos; **se ele tivesse tido um conhecimento perfeito do direito canônico positivo, ele nunca teria professado a doutrina de que a eleição dos bispos deve ser feita pelo clero e pelo povo, doutrina que, se fosse posta em prática em nossos dias, não tardaria a abalar e a derrubar em seus fundamentos mais íntimos todo o edifício social e hierárquico da Igreja,** e a fazer à mesma Igreja a mais profunda e incurável ferida. Se Rosmini tivesse lançado um único olhar rápido sobre a história de

algumas das eleições dos Papas, dos primeiros tempos da era cristã até os de Alexandre II e Gregório VII (eleições às quais, **por causa da influência terrível e ímpia que o povo exercia sobre elas**, não podemos pensar sem indignação e sem horror), ele teria podido compreender quão errônea e perniciosa é sua proposição. A quais perigos esse uso não expôs a Igreja universal? **Se então não tivéssemos visto frequentemente os soberanos cristãos, e em particular os imperadores da Alemanha, interpor sua mediação; se eles não tivessem atacado e destruído, com suas armas poderosas, as facções ímpias, e dispersado os indignos aspirantes à tiara, candidatos favoritos do povo**, a Igreja teria sido, certamente, dilacerada pelos mais hediondos cismas. Em nossas reflexões, passaremos em silêncio essas cenas de escândalo, ou as tocamos, brevemente, para não reabrir velhas feridas, e falar apenas da eleição dos bispos; e, ainda assim, nos esforçaremos por ser breves, limitando-nos a relatar apenas alguns raros exemplos da influência funesta que o povo exerceu sobre ela.

Para dar a nossas observações sobre a forma de eleição dos bispos mais clareza e precisão, as dividiremos em três épocas diferentes: a primeira, desde a fundação da Igreja até Carlos Magno; a segunda, de Carlos Magno a Inocêncio III, e, finalmente, a terceira, desde Inocêncio III até o Concílio de Trento. Trataremos muito brevemente dessa terceira época, contentando-nos em mostrar **como as eleições dos bispos caíram nas mãos dos príncipes, e como elas foram, em seguida, reivindicadas para a Igreja por esse santo Concílio ecumênico**". Padre Theiner, 19 de março de 1849, Roma

[4] Cf. www.philosophiedudroit.org, link para o Centro francês de estudos rosminianos.

[5] Edições Bière, BP 27, 33023 Bordeaux cedex. Tel/fax: 05.56.72.91.88. M.-C. Bergey, *A Robe Púrpura, Vida de Antonio Rosmini*, Ed. Bière, coleção Biblio. Phil. Comp., Clássicos – 2, 2000.

[6] A. Rosmini, *Introdução à filosofia*, Ed. Bière, coleção Biblio. Phil. Comp., Clássicos – 1, 1992.

Annales de Philosophie chrétienne, Volume XX, 1849 - páginas 280-281, Paris.

2.3. A simbologia do brasão de Rosmini é semelhante à simbologia Rosacruz

O brasão de Rosmini apresenta uma simbologia perturbadora para um sacerdote católico, tamanha é a semelhança com a simbologia das lojas iluministas Rosacruz.

Ele se baseia na representação de um pássaro que se dilacera as entranhas para alimentar seus filhotes (evocando o hino católico do “**piedoso pelicano**”).

Os iluministas rosacruzes utilizam uma simbologia idêntica que representa o mesmo pelicano.



Símbolo Rosacruz[7] - Brasão de Rosmini - Símbolo Rosacruz

Esse emblema do pelicano se encontra nos adornos que estão **associados ao 18º grau de iniciação maçônica do “rito escocês antigo e aceito”, o de Cavaleiro da Rosacruz:**



Jóia do 18° grau de Cavaleiro da Rosacruz[8]

[7] <http://altreligion.about.com/od/symbolsandimages/ig/Rosicrucian-Images/>

<http://altreligion.about.com/od/symbolsandimages/ig/Rosicrucian-Images/index.01.htm>

[8] <http://en.wikipedia.org/wiki/Rosicrucian>

2.4. As “Cinco chagas da Igreja”: o livro-programa da crucificação da Igreja pelo Vaticano II: um livro codificado para iniciados

O livro ‘*Das cinco chagas da Igreja*’ é sem dúvida a obra mais conhecida de Rosmini. Foi **qualificado de ‘profético’ por Montini-Paulo VI** e todos os seus capítulos encontraram uma realização no Vaticano II e nas reformas que se seguiram.

Essa correspondência exata e precisa entre os capítulos do livro de Rosmini de 1848 e os documentos promulgados por ocasião do Vaticano II **foi estabelecida de forma precisa e muito detalhada pelos rosminianos do Rosmini Center localizado na Grã-Bretanha.**

Nós damos um link[9] para esse documento capital que mereceria uma tradução em português.

1ª chaga	Ver a Constituição sobre a liturgia (SL)
2ª chaga	Ver o <i>Decreto sobre a formação dos sacerdotes (FP)</i> ; ver também o <i>Decreto sobre o ministério e a vida dos sacerdotes (MVP)</i>
3ª chaga	Ver o <i>Decreto sobre a missão pastoral dos bispos na Igreja (CPE)</i> . Ver também <i>Lumen Gentium (LG)</i> .
4ª chaga	Ver o <i>Decreto sobre a missão pastoral dos bispos na Igreja (CPE)</i> . Ver também a <i>Declaração sobre a liberdade religiosa (LR)</i>
5ª chaga	Ver a <i>Declaração sobre a liberdade religiosa (LR)</i> . Ver também diversas Encíclicas Papais sobre questões sociais.

Tabela de correspondências estabelecida pelos rosminianos ingleses[10]

Com a distância de 160 anos, e a destruição da Igreja provocada pelo Vaticano II, **agora entendemos que este livro de Rosmini deve ser lido como um livro-programa, um livro-código para iniciados, que as gerações de Rosacruz que trabalhavam na destruição da Igreja sabiam traduzir** em sua simbologia e que pretendiam, em um sentido diferente do sentido literal, cada ponto de destruição da Igreja.

Este livro-programa é o livro da crucificação da Igreja, crucificando novamente Cristo.

Cada ‘chaga’ representa um ângulo de ataque contra o Corpo místico de Nosso Senhor Jesus Cristo para que seja tornada vã Sua Encarnação.

Para entender bem o que representa esse ódio de Nosso Senhor Jesus Cristo pelos Rosacruz, é necessário reler este trecho de Jules Doisnel:

“**I** (esus) **N** (azarenus) **R** (esurrexit) **I** (ncassum).

*É em vão que Jesus, o Nazareno, ressuscitou. A fé na Igreja, em seu poder, em sua missão, repousa inteiramente sobre este fato: a ressurreição do Senhor. Lúcifer não nega e não pode negar essa gloriosa manifestação da divindade de Jesus Cristo. Ele sabe, e não pode não saber que todo o cristianismo se baseia nesse milagre da onipotência de Deus. Se ele se depara com maçons ignorantes, nega e ri, com Renan ou Voltaire, que ele inspirou. Se ele se depara com luciferistas instruídos na doutrina católica - e foi o caso - ele se abstém de negar ainda. Ao contrário, afirma. Ele diz: Sim, o Nazareno realmente ressuscitou. Mas acrescenta: e é em vão que ele ressuscitou! O que significa, pois nada é mais claro: eu, Satanás, destruirei o benefício dessa ressurreição. Eu a tornarei inútil, perdendo as almas cristãs. E sua ressurreição será vã, porque essa ressurreição não salvará aqueles que estão destinados ao meu império; digamos a palavra: **OS CONDENADOS**. E a palavra sagrada que ele dá aos Rosacruz que têm a infelicidade de participar de sua obra maldita é precisamente **o INRI infernal**, pelo qual ele afirma que Jesus ressuscitou, mas que ele, Satanás, tornará nula a ressurreição. Eis uma profundidade de malícia e um profundo ódio que imprimem à interpretação que acabei de dar um selo terrível, o selo luciferiano.*

*Nem Ragon, nem Pike, nem ninguém, conseguiria encontrar por conta própria essa tradução horrenda da palavra profanada. E quando, de fato, Satanás usa a inscrição da Cruz que resgata e salva, para negar tão audaciosamente o efeito salvador da cruz, ele dá a medida de sua hostilidade formidável contra o Senhor. **O grau de Rosacruz contém, portanto, o satanismo em alta dose**. Ele é o germe dos altos graus, assim como o grau de aprendiz era o germe do grau de Mestre: com essa diferença, porém, que o grau de Rosacruz constitui o maçom perfeito, o maçom que contraiu, se for inteligente, se tiver senso religioso, um **pacto formal com o inimigo de Jesus Cristo**.*

Não contente em ter assim dado um sentido doutrinário a essa palavra sagrada, Lúcifer a utiliza como uma **invocação** diretamente dirigida à sua divindade e a opõe à fórmula pela qual se reconhece como cristão. O cristão, de fato, se assina dizendo: Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo; e por essas palavras, ele confessa sua fé e se proclama cristão. O Rosacruz, por sua vez, faz o sinal do Bom Pastor, ou o sinal do esquadro, dizendo: **I\N\R\I** E ao dizer INRI, o Rosecruz diz: I(n) N(omine) R(egis) I(nferni) **Em nome do Rei do Inferno!** Ele pronuncia, como o cristão, sua profissão de fé, mas a pronuncia em um sentido absolutamente contrário. Ele se proclama luciferiano. Ele se proclama fiel do Inferno. Ele se proclama reprovado. Que o mistério inominável que eu revelo ilumine os confessores e faça estremecer os infelizes que receberam **o estigma da besta: o Esquadro.**” **Lúcifer desmascarado - Jean Kostka - capítulo XXI - cavaleiro rosa-cruz[11]**

Os Rosacruz querem, portanto, tornar vã a Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, crucificando Sua Igreja e **destruindo o Sagrado Sacerdócio sacramentalmente válido** do qual ela é depositária por meio da Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo e pela instituição do Sacramento da Ordem que Ele realizou entre seus apóstolos, **DE FORMA A SECAR OS CANAIS ORDINÁRIOS DA GRAÇA.**

Assim como o **‘deus mortal’**, o livro-código do padre Celier é **um guia iniciático da apostasia para iniciados**, o livro de Rosmini é um livro-programa onde já estão traçadas as reformas-chave que virão em ocasião do Vaticano II para destruir a Igreja.

É por isso que **o Rosacruz Roncalli-João XXIII** declarava tanto amar a leitura das obras de Rosmini, especificando muitas vezes que o livro deste último *‘Das cinco chagas da Igreja’* havia se tornado **“seu livro de cabeceira”**.

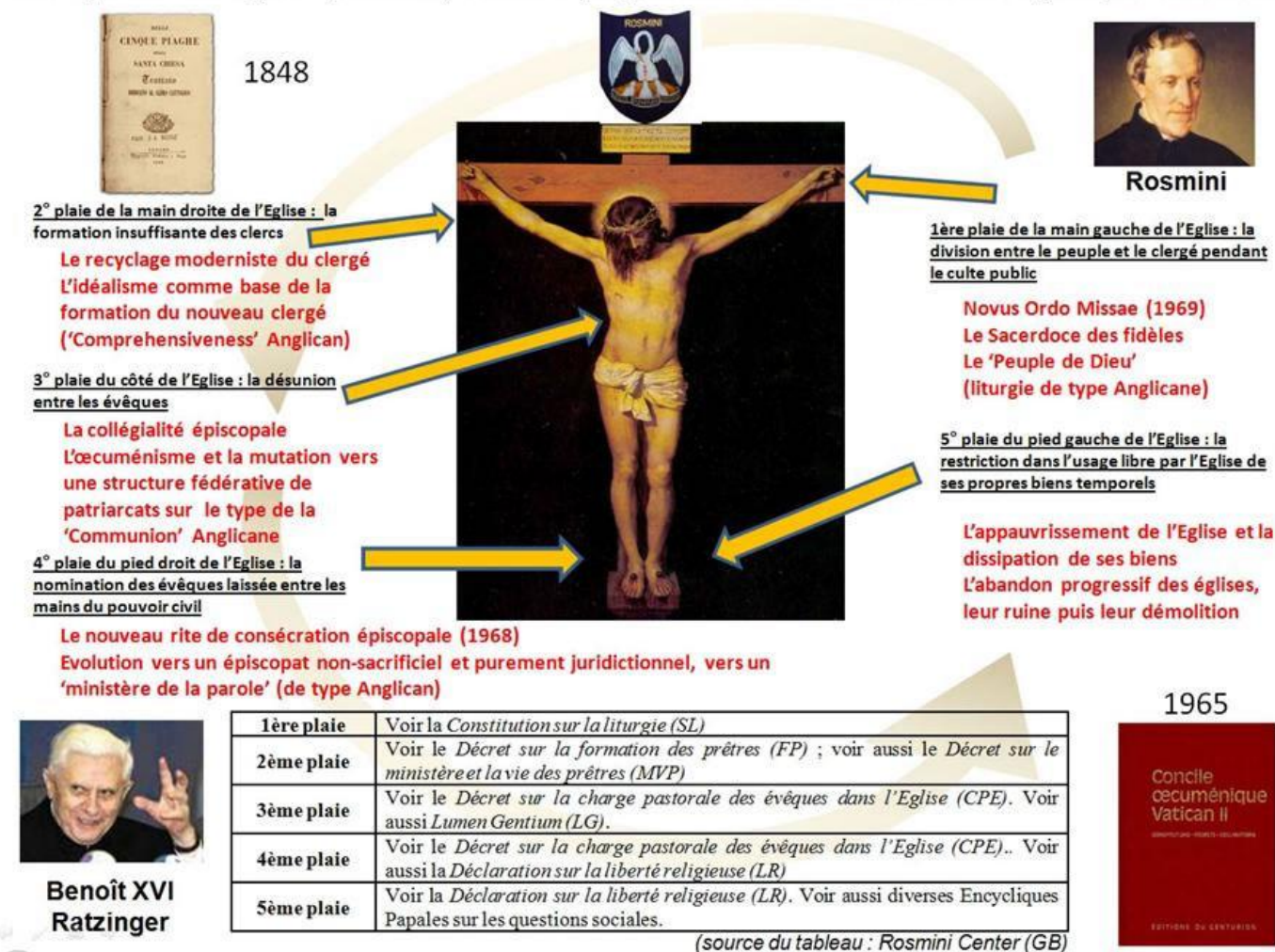
A tese da eleição dos bispos pelo povo e a santidade do povo que faria o bom clero é absurda. Nos anos 1820, Blanc de Saint-Bonnet resumiu a doutrina da Tradição católica sobre a origem da santidade no povo pela fórmula que se tornou muito célebre:

“O clero santo faz o povo piedoso, o clero piedoso faz o povo honesto, o clero honesto faz o povo ímpio....”

Ele não especificou o que fazia o clero ímpio... como hoje!

São os verdadeiros bispos católicos que vivem a plenitude de seu Sacerdócio que fizeram os povos cristãos, e não o contrário.

'Les 5 plaies de l'Eglise' (Rosmini) : le livre-programme de la crucifixion de l'Eglise par Vatican II



[9] http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Rosmini_Center-5_Wounds_and_Vatican_II.pdf

[10] <http://www.rosminicentre.co.uk/studyfivewounds1.html>

[11] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-A-00-Bon_Pasteur_Symbolique_Rose_Croix_1.pdf

2.5. Antonio Rosmini-Serbati: um jovem ambicioso escolhido por inimigos da Igreja

Rosmini aparece em cena por volta de 1821.

As cartas da Alta-Venda (publicadas pela primeira vez em 1859, enquanto as primeiras destas cartas da Alta-Vendita dos carbonários italianos são datadas da primeira metade da década de 1820), que Monseigneur Lefebvre fez republicar em 1976, **cobrem o período de 1820 a 1846** ('A Igreja romana diante da Revolução', de Crétineau-Joly).

Essas cartas já mostram a seita dos infiltrados maçônicos em ação dentro da Igreja[12], ocupando-se em escalar, com uma astúcia consumada, os degraus da hierarquia.

O '**manipulador das cordas**' dessa infiltração dos iluminados carbonários assina suas cartas com o nome de código **Piccolo Tigre**.

Rosmini aparece então como **um jovem prelado intelectual, mas ambicioso, que se deixou aliciar e, em seguida, arrastar, segundo os métodos comprovados e sutis preconizados nessas cartas**.

Quais foram, portanto, as influências que levaram Rosmini a escrever este livro-programa?

É no final do reinado de Leão XII que o jovem sacerdote de origem veneziana Antonio Rosmini-Serbati, nascido em 25 de março de 1797 em Rovereto, ordenado sacerdote católico aos 24 anos em 21 de abril de 1821 em Chioggia, após ter concluído seus estudos em Pavia e Pádua, **vai a Milão para um encontro decisivo. Com 30 anos, ele conhece em junho de 1827, um jovem sacerdote da mesma idade, Giovanni Lowenbruck, vindo da Lorena**.

Esse encontro ocorre na casa de **seu grande amigo, o rico e influente Conde Giacomo Mellerio[13]** (da famosa família de ourives-bijutistas Mellerio (ou Meller), protegida de Maria de Médici – cuja casa foi fundada mais tarde em Paris em 1613 – originária de Craveggia no Vale Vigizzo, próximo a Domodossola) **que ele conhecia desde sua chegada em fevereiro de**

1826 a Milão, ou seja, 14 meses antes. É o Conde Mellerio quem o apresenta a este jovem padre Lowenbruck da mesma idade que ele.

O padre Lowenbruck, que não o conhece, pede, entretanto, e com insistência, que ele o ajude a fundar uma sociedade religiosa. Que pedido curioso para um primeiro contato!

O assunto não demora, pois eles o realizam na Quaresma seguinte, em fevereiro de 1828, no Sacro Monte Calvário, próximo a Domodossola (região de origem da família do Conde), Rosmini redigindo as constituições de sua nova sociedade religiosa: o *Instituto de Caridade*, inicialmente aberto a clérigos e leigos.

Quando encontra o padre Lowenbruck em junho de 1827, Rosmini aparece como um jovem padre intelectual e ambicioso. E em menos de oito meses, ele vai realizar um projeto de fundação de um Instituto. Apenas oito meses. Isso parece bastante estranho. Quem inspirou e insuflou em Rosmini uma ambição tão grande?

Os fundadores desse instituto (Lowenbruck, Rosmini, Gentili, Molinari) lhe atribuem como emblema um pelicano que se dilacera as entranhas para alimentar seus filhotes (em referência ao hino católico do Piedoso Pelicano), mas emblema que se revela também precisamente aquele da iniciação do 18º grau maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito, grau do Cavaleiro Iluminado da Rosacruz.

Foi apenas quatro anos após a fundação deste Instituto, **em 1832**, que Rosmini escreverá seu livro-programa (*‘As cinco chagas da Igreja’*) do qual fará circular o manuscrito em uma difusão restrita em seu círculo próximo.

Ele não publicará este manuscrito em tiragem limitada senão dezesseis anos depois, em 1848, quando, apoiado pelo chefe da Casa de Savoia, o Rei da Sardenha-Piemonte Carlo Alberto, seu outro protetor, aspirará a ocupar responsabilidades importantes junto ao novo Papa Pio IX sobre a “abertura de espírito” da qual ele e seus amigos e protetores “liberais” contavam.

Mas sua hora de trevas ainda não havia chegado, e a Providência fez fracassar cruelmente seu projeto, como lembra a breve cronologia de 33 anos colocada na introdução.

Pouco tempo após a fundação do Instituto de Caridade, **em 16 de junho de 1835, começará a missão na Inglaterra dos membros do Instituto (Gentili) e esses sacerdotes estarão em contato com os meios anglicanos e o movimento de Oxford e os tractaristas do Pastor Pusey.**

Um jovem convertido do anglicanismo, o aristocrata inglês William Lockhart, amigo do futuro Cardeal Manning (futuro membro da *Round Table*) e do futuro Cardeal Newman (ambos ainda anglicanos nessa época), ingressa no *Instituto de Caridade*[14].

Lucienne Portier (professora emérita na Sorbonne) **detalha o grande interesse de Rosmini pelos ritos orientais, estimulado nisso pelo padre Pagani, superior da missão inglesa do**

“Reflexões sobre as missões continuarão por muito tempo. Ao Monsenhor Luquet, bispo de Hesebon, trata-se dos ritos orientais dos quais Rosmini afirma: « o apego dos povos ao seu rito é tão grande, eu ousaria dizer tão cego que acredito ser impossível fazer entrar na Igreja as nações cismáticas e heréticas do Oriente se se pretender ao mesmo tempo fazê-las mudar de ritos, conduzindo-as ao rito latino ou outro. » Assim, a sabedoria da Igreja recomendou aos missionários, particularmente pelos decretos de Bento XIV, respeitar as « liturgias antigas e veneráveis dos povos orientais, mantendo ou restituindo a seus ritos toda a dignidade que eles possam ter perdido aos olhos do Ocidente. » Uma ideia muito feliz é, de fato, « introduzir os diversos ritos junto aos membros das Congregações Católicas destinadas a se tornarem Missionários para o Pastor dessas ovelhas afastadas do rebanho. » O Instituto de Caridade, cuja divisa era *Omnibus omnia*, estaria pronto **para instituir vários colégios, cada um destinado aos povos que professam tal rito.** Seria totalmente conforme à sua instituição e ao seu espírito **que houvesse, « digamos, um colégio de Missionários para os russos, um para os gregos, um para os armênios e assim por diante.** » Giovanni Battista Pagani, que é superior da missão inglesa há já dez anos, sugeriu o projeto de missões em países distantes. Enquanto pede a ele para desenvolver amplamente seu pensamento, Rosmini expõe o que lhe parece bom em uma longa carta. **Ele volta à necessidade de um colégio especial para cada país em vista, pois é necessário se limitar e não se dispersar.**” [15]

Estamos nos anos de 1835-1850, e já aparece nesse ambiente inglês que influencia Rosmini, um interesse muito estranho pelos ritos orientais.

É precisamente nesse campo dos ritos orientais que floresceram as tentativas anglicanas para o reconhecimento da suposta validade de suas ordenações (1875 com o Cardeal Manning da Round Table e 1895 por Lord Halifax e o padre Portal), **até que o Papa Leão XIII, após uma luta acirrada de várias décadas, declarou infalivelmente « absolutamente nulas e totalmente vãs » por sua magnífica bula *Apostolicae Curae* de 1896, verdadeira vitória de Lepanto do Sacerdócio Sacrificial Católico.**

É ainda esse mesmo terreno dos ritos orientais que servirá ao trio infernal Lécuyer-DomBotte-Bugnini para forjar sua contrafação de forma sacramental essencial de consagração episcopal que precisamente pretendem falaciosamente e com astúcias ser « equivalentes » às formas sacramentais episcopais orientais (cf. www.rore-sanctifica.org), nova forma sacramental essencial episcopal **que na realidade se revela « absolutamente nula e totalmente vã »** que será imposta à santa Igreja Romana para a consagração dos bispos de rito latino **em 18 de junho de 1968 pela « Constituição Apostólica »** factualmente duplamente enganosa de Montini-Paulo VI ***Pontificalis Romani*** (cf. www.rore-sanctifica.org),

destruindo assim, desde então, o Sacerdócio Sacrificial Católico na Igreja de rito latino.

Ao ler estes comentários de Rosmini sobre seus projetos de missões especializadas e multi-rituais em direção aos múltiplos ritos orientais, **acredito ouvir Dom Beauduin, ou mais perto de nós, o Padre Michaël Sim e sua fundação muito suspeita dos Redentoristas Transalpinos.**

Rosmini pode, sem dúvida, ser considerado um manipulado nos primeiros anos, e **sua sede de ambição permitiu que inimigos poderosos, pacientes e astutos da Igreja se servissem dele para criar uma estrutura flexível, um *Instituto Religioso* que permitiria posteriormente a redes, em conexão com os anglicanos, se estabelecerem, se desenvolverem e funcionarem.**

É muito possível que o muito liberal padre Antonio Rosmini não tenha sido iniciado nas últimas finalidades dos poderosos personagens que asseguraram sua carreira. Mas sua inteligência não poderia deixar de fazer com que ele pressentisse isso rapidamente.

Sua morte por envenenamento tende a indicar isso.

E vemos que **mal criado, o *Instituto de Caridade* se torna o canal de temáticas de origem anglicana que moldarão nas décadas seguintes a história secreta da alta subversão na Igreja.**

[12] http://www.dici.org/thomatique_read.php?id=000140

[13] <http://fr.wikipedia.org/wiki/Mellerio>

[14] '*Antonio Rosmini (1797-1855) - Um grande espiritual à luz de sua correspondência*' - Lucienne Portier, Edições du Cerf, 1991 - página 140

[15] '*Antonio Rosmini (1797-1855) - Um grande espiritual à luz de sua correspondência*' - Lucienne Portier, Edições du Cerf, 1991 - páginas 141-142

2.6. A morte de Rosmini convencido de ter sido envenenado

Lucienne Portier relata a convicção de Rosmini de ter sido envenenado:

“Após uma estada em Rovereto, ele voltou doente, **convencido de que havia sido envenenado durante uma refeição de despedida, após uma primeira tentativa três meses antes.**” [16]

“Em seu diário, **Rosmini registrou um episódio incomum:**

“1852, 25 de fevereiro, dia da Cinzas. No jardim de Stresa, entrou uma pessoa bem vestida com um traje preto e um manto azul. A Antonio Carli, que estava lá, ele perguntou se ele era o criado do padre Rosmini. Após uma resposta afirmativa, ele disse que tinha um favor a lhe pedir, uma coisa sem importância, **mas que se ele o fizesse, lhe dariam uma quantia considerável de dinheiro.** Tirando de seu bolso um pequeno frasco, **ele pediu a Carli que despejasse o líquido contido no café ou no chocolate que o padre Rosmini tomava pela manhã.** Carli, atordoado com essa proposta, recusou, e o estranho imediatamente acrescentou que ele não deveria se preocupar e, saindo tranquilamente do jardim, caminhou diretamente para a margem do lago, onde uma barca com três ou quatro barqueiros o aguardava, e ele embarcou e desapareceu.” [17]

[16] ‘Antonio Rosmini (1797-1855) – Um grande espiritual à luz de sua correspondência’ – Lucienne Portier, Edições du Cerf, 1991 – página 287

[17] '*Antonio Rosmini (1797-1855) - Um grande espiritual à luz de sua correspondência*' - Lucienne Portier, Edições du Cerf, 1991 - página 257

2.7. As conexões de Rosmini e dos Rosminianos com a Inglaterra

Não aprofundaremos este assunto aqui, mas apenas mencionaremos alguns fatos.

Um anexo do documento do Rosmini Center britânico, redigido em inglês, oferece uma visão geral sobre as **conexões entre Rosmini e o Instituto que ele fundou, e os meios católicos ingleses, dos quais alguns elementos eram provenientes do anglicanismo.**

É evidente que a área de influência atual dos Rosminianos **se identifica essencialmente com o mundo anglo-saxão, com exceção da Itália e de dois locais de instalação na América do Sul.**



A presença dos Rosminianos no mundo

3. A reabilitação e a 'beatificação' de Rosmini após o Vaticano II sob a liderança de Ratzinger

3.1. Como e quando os modernistas conciliares o reabilitaram e "beatificaram"?

A beatificação de Rosmini ocorreu **em 18 de novembro de 2007, e foi precedida de uma reabilitação por Ratzinger durante o governo de Wojtyla-João Paulo II em 30 de junho de 2001.**

A proposição nº 34, extraída das obras de Rosmini e condenada em 14 de dezembro de 1887 pelo Santo Ofício, é enunciada assim:

“ « 34 - Para preservar a bem-aventurada Virgem Maria do pecado original, **bastava que permanecesse não corrompida uma minúscula semente de homem, talvez negligenciada pelo demônio**, e que dessa semente não corrompida, transmitida de geração em geração, surgisse em seu tempo a Virgem Maria.»

Rosmini imagina, então, que a Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria proviria de sua ascendência carnal que teria transmitido, **uma 'semente de homem não corrompida' - isto é, na visão de Rosmini, totalmente isenta de todo pecado original - mas inoperante na cadeia de seus pais que a transmitiam de gerações em gerações**, e que seria apenas no momento da geração carnal da Santíssima Virgem Maria por esses pais que essa *'semente de homem não corrompida'* subitamente se tornaria plenamente operante e assim poderia totalmente proteger a SVM de todo pecado original, dando origem à sua Imaculada Conceição.

Uma tal concepção é puramente grotesca.

Além disso, é **absolutamente oposta à Revelação e à Tradição católicas** que ensinam, em particular, que **a geração carnal da humanidade por Adão e Eva**, pela qual o pecado original é propagado à Humanidade de gerações em gerações, **começou após a maldição divina e a sua expulsão do Paraíso** terrestre. Ensina-se também que **o privilégio de sua Imaculada**

Conceição foi concedido à Santíssima Virgem Maria por meio de **sua “participação” atemporal na Encarnação do Verbo Eterno.**

E o que nos diz Ratzinger em 2002?

“ « Atualmente se pode **considerar como ultrapassados os motivos de preocupações e de dificuldades doutriniais e prudenciais que determinaram a promulgação do Decreto Post Obítum que condenava as “Quarenta Proposições”** extraídas das obras de Antônio Rosmini. E isso porque **o sentido das proposições**, assim compreendidas e condenadas pelo mesmo Decreto, **não pertence na realidade à autêntica posição de Rosmini**, mas a possíveis conclusões da leitura de suas obras. Contudo, permanece a questão da plausibilidade do sistema rosminiano em si, de sua consistência especulativa e das teorias ou hipóteses filosóficas e teológicas expressas por ele, remetendo ao debate teórico.

Nesse mesmo tempo, **a validade objetiva do Decreto Post Obítum permanece**, no que diz respeito à prescrição das proposições condenadas, **para quem as lê fora do contexto do pensamento rosminiano**, numa ótica idealista, ontológica, e num sentido contrário à fé e à doutrina católica. »

Para citar Dom Fellay em 2005:

“ « Nos dizem que a condenação de Rosmini, **se for considerada com os olhos do tomismo vigente no momento em que ele foi condenado pela Igreja, então essa condenação é totalmente válida. Mas hoje é diferente, se analisarmos as teses de Rosmini com os olhos de Rosmini, sua doutrina é admissível. É uma abordagem da verdade totalmente subjetiva!** (...) É o fim da verdade. Notem bem, é o fim da verdade objetiva; e isso é muito, muito grave. **Isso mostra quem é o Cardeal Ratzinger, pelo menos no nível de sua formação teológica.** » (ver abaixo).

Essa declaração do apóstata Ratzinger é tão grotesca que gostaríamos de saber, por qual raciocínio absurdo, essa geração sucessiva do tipo «semente de homem não corrompida» seria concebível e nos permitiria “considerar como ultrapassados os motivos de preocupações e de dificuldades doutriniais e prudenciais que determinaram a promulgação do Decreto Post Obítum”?

O padre Ratzinger gostaria de nos fazer crer na possibilidade de **um contexto para a proposição nº 34 que tornaria possível essa transmissão quase mágica de uma espécie de “antivírus anti-pérego original”** totalmente inativo para quem a transmite, mas radical e totalmente eficaz no caso da geração da SVM?

De onde vêm essas ideias tão absurdas quanto estranhas a toda a teologia católica?

Na verdade, essa ideia de uma transmissão misteriosa de uma ainda mais misteriosa “semente de homem não corrompida” assemelha-se mais às crenças gnósticas.

Dada a simbologia Rosacruz do pelicano que adorna o brasão de Rosmini, **as pesquisas deveriam se orientar mais para o exame dos vínculos entre os meios gnósticos-rosacruzes e o padre Rosmini.**

Poderíamos também comentar a proposição nº 33:

« 33 - Quando os demônios tomaram posse do fruto, **pensaram que entrariam no homem se comessem dele**; a comida sendo transformada em corpo animado do homem, poderiam entrar livremente na animalidade, isto é, na vida subjetiva desse ser, e **por isso dispor como tinham proposto.**»

Assim, **Rosmini reduz a falta original a uma espécie de possessão diabólica** que se operaria através da matéria, enquanto a doutrina do pecado original explica que esse ato de morder a maçã **é uma desobediência plena e completa a Deus, e que essa desobediência aplicada à árvore do conhecimento do bem e do mal se une ao pecado de Lúcifer que se revolta por orgulho** e se recusa a se submeter.

A serpente tenta Eva assim: **«vós sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal».**

Mr. le Docteur d’Allioli comenta assim:

“ « Eva escuta primeiro a voz do sedutor; em seguida, ela se deleita em considerar o objeto que ele lhe apresenta; finalmente, ela o deseja, estende a mão, e sucumbe: tabela fiel do que acontece em toda espécie de tentação: resistam prontamente à voz sedutora da concupiscência; o prazer que você tomaria ao ouvi-la já seria uma falta. O pecado de Adão e Eva foi um fracasso muito grave, não foi apenas uma falta de sensualidade, **de desobediência, um orgulho de revolta** contra aquele de quem recebia tudo: a vida, os bens, a felicidade: eles quiseram sacudir o jugo da dependência do Criador e se tornarem como deuses: **Vocês serão como deuses. O desejo de se tornar semelhante a Deus**, a adoração de si mesmo, que leva a negar a glória do Deus vivo e Senhor das criaturas, **foi também a falta e o princípio da queda de Satanás (Isaías XIV, 14)**; ele quis arrastar o homem para o mesmo abismo. Este é também o caráter de toda revolta contra a fé. Veja II Tessalonicenses II, 4. »[18]

[18] Bíblia do Dr. d’Allioli, Volume I, página 97, 3ª edição, 1860

3.2. Rosmini é apresentado pelas autoridades e pelos autores conciliares como o precursor do Vaticano II e da liberdade religiosa em particular

O 'cardeal' José Saraiva Martins, prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, destacou em setembro de 2007, em sua entrevista à 'Trente Jours', que **Rosmini foi precursor da constituição do Vaticano II sobre a liturgia e do que diz respeito à liberdade religiosa:**

“ « **Outra das feridas assinaladas por Rosmini é aquela que diz respeito à liturgia...**

SARAIVA MARTINS: Rosmini compreendia o drama de **uma liturgia que não era mais compreendida pelo povo e muitas vezes, pelos próprios celebrantes**. Também aqui, suas intuições anteciparam o movimento de renovação litúrgica e as exigências expressas na constituição Sacrosanctum Concilium do Concílio Vaticano II. »

« **Quais são os outros aspectos do Vaticano II que Rosmini antecipou?**

SARAIVA MARTINS: Um dos aspectos precursores do Concílio que Rosmini certamente percebeu foi o da liberdade religiosa. Sobre essa questão, Rosmini foi realmente um antecipador incompreendido. **A declaração Dignitatis humanæ deve muito a ele »[19]**

Rosmini aparece, portanto, como **um Pai muito distante, mas também muito certo desta destruição da Igreja que constituiu o Vaticano II.**

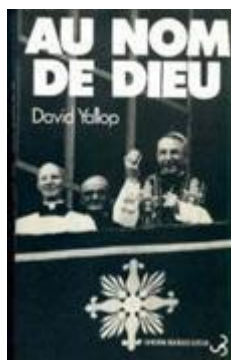
E Giuseppe de Rita vai na mesma linha em setembro de 2007:

“ « **O primeiro é o da liberdade religiosa.** Após o Concílio Vaticano II, isso parece uma evidência. Mas pensemos na época de Rosmini, quando ainda existiam o Estado Pontifício e o Sumo Pontífice e que ninguém se escandalizava porque estava escrito no Estatuto Albertino que o catolicismo era “religião de Estado”. **O único que reagiu duramente foi Rosmini, que escreveu: “A religião católica não precisa de proteções dinásticas, mas de liberdade. Ela precisa que sua liberdade seja protegida, e nada mais”.** A Igreja, sendo uma sociedade natural e espontânea, não se condensa no poder, mas filtra e penetra em toda parte como o ar e a água; e ela só precisa de não ser obstaculizada. **A fé entra nos corações sem passar pelos poderes do topo** . Raros são aqueles que, ao longo das décadas marcadas pelo concílio Vaticano I, tiveram a coragem de emitir afirmações desse tipo. »[20]

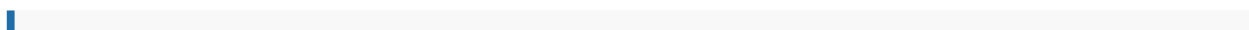
[19] Veja a entrevista completa nos anexos deste documento.

[20] <http://www.30giorni.it/fr/articolo.asp?id=15818>

3.3. Luciani-João Paulo I rejeitou o pensamento de Rosmini, mas "teria finalmente mudado de ideia" (testemunho posterior à morte de João Paulo I que David Yallop escreve que não foi natural)



A revista mensal '*Trente jours*' nos informa sobre a hostilidade de Albino Luciani a Rosmini:



« Encontrar-se-á reproduzida nestas páginas a reconstituição, publicada a partir da *Positio super virtutibus* do padre de Rovereto (vol. I, p. 426-427), do singular relatório entre o próximo bem-aventurado Antônio Rosmini e o servo de Deus Albino Luciani, o papa João Paulo I.

Em 1947, Dom Albino Luciani, então com trinta e cinco anos, obtém seu doutorado na Gregoriana com uma tese intitulada **A origem da alma humana segundo Antônio Rosmini**. Em seu trabalho, **o futuro Sumo Pontífice chega à conclusão** - amplamente compartilhada pelo mundo teológico e eclesiástico da época - de que **a doutrina do padre de Rovereto “não é conforme ao ensino da Igreja”**. Na mesma tese, **Dom Luciani escreve que o decreto *Post obitum* é “praticamente irreformável”**. A tese de Dom Albino é publicada em Belluno em 1950 e em 1958, ano em que Luciani é nomeado bispo de Vittorio Veneto, a Gregoriana Editrice de Pádua imprime uma segunda edição. Enquanto isso, **em 1956, o padre rosminiano Clemente Riva, então com trinta e quatro anos, entra em polêmica com a tese de Luciani em sua obra *O problema da origem da alma intelectual segundo Antônio Rosmini***. Em 1975, Riva é nomeado auxiliar de Roma e, três anos depois, ele se encontra com Luciani, com quem havia debatido cerca de vinte anos antes, como bispo de sua diocese. O encontro entre João Paulo I e o bispo Riva, contado por este último, talvez seja um dos episódios mais curiosos da *Positio*. » **Gianni Cardinale [21]**

Luciani-João Paulo I morreria subitamente após 33 dias de reinado, na quinta-feira, 28 de setembro de 1978.

E um testemunho vem hoje afirmar que, sobre Rosmini, Luciani "teria mudado de ideia"...

É mais fácil depois da morte do interessado, que já não pode desmentir.

As circunstâncias dessa **morte súbita de Albino Luciani** foram estudadas pelo grande jornalista inglês David Yallop (*‘Em Nome de Deus – Foi assassinado o Papa João Paulo I?’*, Christian Bourgois editor, 1984), **que conclui que não foi natural, mas criminosa.[22]**

[21] <http://www.30giorni.it/fr/articolo.asp?id=15821>

[22] http://www.affaires-criminelles.com/livre_170.php

3.4. A rede maçônica da Cúria que realizou a reabilitação e a "beatificação" de Rosmini

Na revista mensal '*Trente jours*', Claudio Massimiliano Papa, o postulador da causa de beatificação, revela as incessantes e sucessivas tentativas para reabilitar Rosmini (cf. anexo 3 adiante).

Após o decreto *Post Obitum* de 14 de dezembro de 1887 que condenava as 40 proposições de Rosmini, os rosminianos esperaram até 1928 e a ascensão, sob o governo de Pio XI, do Cardeal Gasparri, então Secretário de Estado, ex-"pupilo" do Cardeal Rampolla, alto iniciado RC do OTO (cf. o *dossiê Rampolla* em www.virgo-maria.org), para tentar novamente reanimar a causa... Mas os tempos ainda não estavam maduros.

Foi mais tarde, sob o governo do RC Angelo Roncalli-João XXIII, em 1962, que os contatos em nível mais alto da Cúria foram retomados para relançar a causa...

Foi de fato especialmente a partir dos contatos privilegiados **com membros dos mais influentes das comissões sucessivas criadas por Pio XII, João XXIII e Paulo VI para preparar a "Reforma" da Liturgia Latina**, que a questão da reabilitação foi relançada no final dos anos 50. Esses membros privilegiados receberam cada um um exemplar do livro programa de Rosmini, ***Das cinco feridas da Igreja***.

Essas comissões, lembremos, foram as seguintes, constituídas por outros personagens[23]:

- **A Comissão Piana (1948-1960) de 13 membros**, instituída na sexta-feira, 28 de maio de 1948, sob Pio XII, incluindo os Cardeais **Arcadio Larraona, Agostino Bea (B'B')**, o lazarista Annibale Bugnini, e o padre Ferdinando Antonelli O.F.M.**
- **A Comissão Litúrgica Preparatória (1960-1962) de 66 membros e consultores**, incluindo o Cardeal **Arcadio Larraona**, o lazarista Annibale Bugnini, o beneditino **Dom Botte (Henri)**, e os Padres Pierre-marie Gy O.P. e Aimé-Georges Martimort.
- **A Comissão Conciliare sobre a Liturgia (1962-1964) de 52 membros e periti**, incluindo os Cardeais **Arcadio Larraona, Giacomo Lercaro**, o padre Ferdinando Antonelli O.F.M., o lazarista Annibale Bugnini, e o Padre Aimé-Georges

Martimort.

- **O Consilium Litúrgico encarregado da aplicação da Constituição Sacrosanctum Concilium (1964-1975) de 294 membros, consultores e conselheiros**, instituído pelo bispo apóstata Montini-Paulo VI na quarta-feira, 26 de fevereiro de 1964 e dissolvido na quinta-feira, 31 de julho de 1975, incluindo os Cardeais **Giacomo Lercaro, Benno Gut, Agostino Bea (B'B')**, **Ferdinando Antonelli O.F.M., John Patrick Cody, Arcadio Larraona, Michele Pellegrino, Virgilio Noe**, o lazarista **Annibale Bugnini**, o beneditino **Dom Botte (Henri)**, o padre espiritano **Joseph Lécuyer**, os padres **Louis Bouyer, Pierre-marie Gy O.P., Jean Daniélou S.J., Aimé-Georges Martimort**, e **Karl Rahner**, grande amigo de **Joseph Ratzinger**.

Dentre essas personalidades religiosas católicas, **que pertenciam e colaboraram com as quatro comissões** sucessivas encarregadas de "refazer" completamente a liturgia católica romana de rito latino, antes, durante e após o *"Concílio"* Vaticano II, **há um número de nomes que pertencem notoriamente à Maçonaria**, em particular aqueles que figuram na lista publicada pelo jornalista Mino Pecorelli na edição de terça-feira, 12 de setembro de 1978, do jornal *Osservatore Politico*, em seu artigo intitulado *a Grande Loja Vaticana*.

25 semanas depois, na terça-feira, 20 de março, Mino Pecorelli foi assassinado em retaliação em seu carro no meio da rua no centro de Roma à luz do dia.

Lembremos que esta lista foi republicada em março de 2001 pelo Dr. Carlo Alberto Agnoli em seu livro ***A Maçonaria na conquista da Igreja***, publicado por ***Le Courier de Rome*** e distribuído pela **FSSPX**.

Os nomes são os seguintes:

- **BEA Agostino**, jesuíta, morreu na sexta-feira, 15 de novembro de 1968, conhecido por estar próximo da ordem maçônica dos *B'nai B'rith*, Cardeal, Secretário de Estado sob João XXIII e Paulo VI, muito próximo desses "Papais", ex-confessor de Pio XII.
- **BUGNINI Annibale**, lazarista, nome de código **Matrícula 1365/75 - BUAN**, registrado no GO da Itália desde terça-feira, 23 de abril de 1963, Arcebispo Pro-Núncio no Irã (exílio), ele foi quem concebeu e redigiu o *Novus Ordo Missae* N.O.M. de 1969.
- **PELLEGRINO Michele**, carmelita, nome de código **Matrícula 352/36 - PALMI**, registrado no GO da Itália desde segunda-feira, 2 de maio de 1960, Cardeal, Arcebispo de Turim, Itália, Conservador Pontifical do Santo Sudário. Ele foi quem concluiu em 1988 que esta peça arqueológica sagrada era uma falsificação, depois das falsas datações anglo-saxônicas por carbono 14.
- **NOÊ Virgilio**, nome de código **Matrícula 43652/21 - VINO**, registrado no GO da Itália desde segunda-feira, 3 de abril de 1961, Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação para o Culto Divino. Ele foi quem, com Bugnini, associou cinco pastores protestantes e um rabino judeu para elaborar o *Novus Ordo Missae* N.O.M. de 1969.

Todas essas pessoas estão sensíveis à causa da "reabilitação" de Rosmini, que se encaixa perfeitamente em seu programa de ação.

Em particular, **o Cardeal Arcadio Larraona, que fez parte desde 1948 de todas as quatro Comissões de reforma da Liturgia Latina**, que conseguiu, embora permanecendo amigo do padre Ferdinando Antonelli o.f.m., o *alter ego* do lazarista, exilar temporariamente em 1962 o lazarista Annibale Bugnini, apesar do apoio que este último sempre recebeu do Cardeal Giacomo Lercaro, **permanecendo constantemente**, como nos informa *Trente Jours*, **um fiel apoio da causa de Rosmini** (cf. Anexo 3 abaixo):

« **No tempo de João XXIII, a partir de 1962**, o padre-geral da época, Giovanni Gaddo, começa a coletar uma série de informações para verificar a oportunidade de uma nova tentativa. **Os contatos com o cardeal Larraona, prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, com Dom Antonelli, promotor da Fé**, e com o cardeal Ottaviani, secretário do Santo Ofício, todos têm um desfecho positivo. **O cardeal Larraona**, em cujas mãos a causa é depositada (pois segundo a vontade explícita de seu fundador, o Instituto não tem um cardeal protetor) **se mostra particularmente benevolente**.

O Papa, por sua vez, em sua prudência e solicitude, se interessa pela causa de Rosmini com o objetivo declarado de se ocupar dela assim que o Concílio terminar e deseja que a causa de Rosmini seja uma causa histórica e não doutrinal. O novo clima é encorajador e o pedido de obtenção do *nihil obstat* por parte da Sagrada Congregação dos Ritos parte em 17 de setembro de 1962, mas o surto de esperança de alcançar o objetivo é aniquilado pela morte do papa, em junho de 1963.

Enquanto isso, **os Padres conciliares discutem os problemas relacionados à liturgia, e o procurador geral acha bom enviar em homenagem ao cardeal Larraona o livro *As cinco feridas*, que trata dessas questões**. Ele acompanha seu presente com reflexões sobre as razões históricas e políticas pelas quais este livro havia sido colocado no Index, formulando o desejo de que **essa proibição possa ser levantada no momento oportuno**.

Em março de 1965, os contatos para abrir a causa de Rosmini foram retomados. Em um encontro com o cardeal Ottaviani, Secretário da Congregação do Santo Ofício, o padre geral ouviu: «Começamos mesmo agora. Prepare todas as objeções e já acrescente algumas respostas, de modo que quando o processo nos chegar, tudo esteja preparado para uma boa solução. É necessário buscar pessoas muito competentes».

A Suplica foi enviada em meados de dezembro e foi comunicada através de **Monsenhor Angelo Dell'Acqua** para obter o consentimento do Papa para a abertura do processo. Em torno do mês de **novembro de 1966**, o padre Bolla, rosmينiano, procurador do Instituto da Caridade, lembrou ao cardeal Larraona que nenhuma resposta ainda havia chegado, enquanto o padre geral, durante um encontro com Monsenhor Dell'Acqua, portador da petição, questionou sobre esse atraso e recebeu como resposta que «são questões que devem ser bem refletidas», com o conselho de solicitar uma audiência ao Santo Padre. Mas algum tempo depois, ele deu a entender que seria melhor desistir. As novas esperanças, alimentadas por essas vozes favoráveis, se dissiparam como as anteriores, e as razões para esse silêncio permanecem vagas.

Existem nos arquivos gerais rosminianos documentos datados dos primeiros meses de 1971 que provam a intenção de reativar a causa de beatificação de Rosmini. **Na data de 19 de maio, encontra-se um Relatório sobre o problema das “quarenta proposições”, apresentado a Monsenhor Giuseppe Del Ton com um Promemória anexo e enviado ao cardeal Franjo Seper, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé,** no qual se pede o *Nihil obstat*. Ainda em 20 de maio, existe uma Petição ao papa por parte do padre geral. A resposta do cardeal Seper a Monsenhor Del Ton é datada de 9 de junho, informando-o de que «este Dicastério não concede um *Nihil obstat* desse tipo na fase preventiva; é por isso que esta Sagrada Congregação se reserva o direito de tratar com a maior imparcialidade a questão da eventual beatificação em questão **assim que chegar uma requisição oficial da parte da Congregação para as causas dos santos**».

Os contatos informais para uma nova tentativa foram retomados no final do verão de 1971. Monsenhor Del Ton e o cardeal Nasalli Rocca di Corneliano reafirmam ao padre rosminiano Clemente Riva que os meios do Vaticano, incluindo o Papa, estão favoráveis. Este mesmo padre recebe instruções precisas sobre o procedimento a seguir de parte de **Monsenhor Frutaz, sub-secretário da Congregação para as Causas dos Santos**. É necessário: a Suplica ao Papa por parte do padre geral em nome do Instituto, de amigos e especialistas de Rosmini, que ressaltam a personalidade e a atual utilidade da vida santa e do pensamento rosminiano, o Perfil de sua vida e de suas virtudes, a alusão explícita às “quarenta proposições”, o *Nihil obstat* e um Ponent (um cardeal ou o superior geral ele mesmo) que apresenta ao Papa a petição com todo o material.

No dia 24 de maio de 1972, uma Suplica é apresentada ao Santo Padre através de Monsenhor Pasquale Macchi.

Assim, entre os primeiros intervenientes importantes **desde 1972** para tentar pessoalmente e "reabilitar" Rosmini, encontramos **o «cardeal» Pasquale Macchi, Secretário pessoal de João-Batista Montini-Paulo VI, um notório homossexual, que estava listado na lista Picorelli dos maçons do Vaticano [24].**

Ele usava o nome de código Matrícula 5463/2 - MAPA.

Inscreveu-se na quarta-feira, 23 de abril de 1958, no Grande Oriente da Itália, sob o pontificado do Papa Pio XII.

Essas informações foram fornecidas por Agnoli ('*A maçonaria na conquista da Igreja*' publicada pelo *Courrier de Rome* e distribuída pela FSSPX, a partir da famosa "**lista Pecorelli**" cuja publicação por este último lhe custou a vida algumas semanas depois), **Pasquale Macchi** foi «*Cardeal*, Secretário privado e Prelato de Honra de Paulo VI, até sua excomunhão por heresia, e foi reintroduzido pelo Secretário de Estado, o Cardeal Jean Villot, ele mesmo listado nesta lista do GO desde sábado, 6 de agosto de 1966, sob o nome de matrícula 041/3 - JEANNI (Zurique).



O Cardeal Pasquale Macchi, maçom homossexual

No entanto, essas tentativas sucessivas não resultarão.

Terá que esperar até que o padre apóstata Joseph Ratzinger seja nomeado, em 1982, pelo bispo apóstata Karol Wojtyla, "cardeal" *Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé*, para que a "reabilitação" de Rosmini comece realmente.

Além disso, esta última fase ativa e triunfal do processo de "reabilitação" de Rosmini irá envolver, como nos informa novamente o jornal *Trente Jours*, **dois personagens importantes que, em 1994, coordenaram a questão tecnicamente dentro das Congregações romanas**, entre eles Monsenhor **Giovanni-Battista Ré** e o **Cardeal Alberto Bovone**, que, por sua vez, figura na **lista Pecorelli**, elaborada 18 anos antes:

“«Na Instrução comunicada pelo padre Eszer, é indicado que devem constar como documento, entre os capítulos da bibliografia documental, as “quarenta proposições” condenadas pelo Santo Ofício em 1887, com **uma introdução que prove que as doutrinas condenadas não são as do servo de Deus**. Este capítulo será apresentado **separadamente à Congregação para a Doutrina da Fé, conforme estabelecido pelo excelentíssimo arcebispo Alberto Bovone, secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, na carta de 19 de janeiro de 1994 enviada a sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Giovanni Battista Re, substituto da Secretaria de Estado.**» (*Trente Jours*)

- **BOVONE Alberto, Carmelita**, nome de código **Matrícula 254/3 - ALBO**, registrado no GO da Itália desde domingo, 30 de abril de 1967, Cardeal, Subsecretário do Santo Ofício.

Não se deve deixar de destacar que as principais Congregações da Cúria estavam, ao longo das últimas décadas, **“coordenadas”** em questões sensíveis por um personagem considerável desta **lista Picorelli**, que não poderia ignorar nem a causa de Rosmini nem sua importância:

- **SUENENS Leo**, nome de código **Matrícula 21/64 - LESU**, registrado no GO da Itália desde quinta-feira, 15 de junho de 1967, Cardeal, Membro de três Congregações: A Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, a Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino e a Sagrada Congregação para o Clero (Seminários), Protetor da Igreja São Pedro aos Grilhões.

Se todas as tentativas **fracassaram antes de 1994**, incluindo sob Paulo VI, isso significa que a rede Rosacruz infiltrada na Cúria considerava que não estava ainda suficientemente bem implantada no Vaticano antes dessa data para conseguir levar a cabo **sem nenhum perigo** essa “**beatificação**” de Rosmini, preferindo aguardar.

Isso também confirma muito claramente que o padre apóstata **Joseph Ratzinger é realmente um dos homens-chave dessa rede iluminista Rosacruz na Cúria Romana, visto que ele foi o artífice da reabilitação e, posteriormente, da “beatificação” de Rosmini.**



Cerimônia de beatificação de 18 de novembro de 2007

O vídeo completo da cerimônia pode ser consultado no site VM[25].

[23] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/ListeAGNOLI_Pecorelli_version_1_3reduit.xls

<http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-11-C-00-Liste-Pecorelli.pdf>

[24] <http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-11-C-00-Liste-Pecorelli.pdf>

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/ListeAGNOLI_Pecorelli_version_1_3reduit.xls

[25] http://www.virgo-maria.org/Fichier_Video/rosmini_messa/rosmini-massa-conciliare.html

4. A reação e os silêncios da Tradição católica diante desta 'beatificação' de Rosmini

4.1. O padre Tam denuncia a reabilitação de Rosmini em seu boletim n.º 3, onde examina os textos do Osservatore Romano do ano 2001

Os comentários entre colchetes [] são do padre Tam.

As citações são extraídas do *Osservatore Romano* em 2001, ano da reabilitação de Rosmini pelos modernistas.

Capítulo IV - A Revolução anti-filosófica[26]

O Papa e o cardeal Ratzinger abrem a porta à filosofia moderna e reabilitam Antonio Rosmini

A Congregação para a Doutrina da Fé, Cardeal Ratzinger, O.R. 1.7.2001:

«...pode-se considerar como **ultrapassadas** as preocupações de prudência e as dificuldades doutrinárias que determinaram a **promulgação do Decreto** Post obitum de **condenação** das “**Quarenta Proposições**” extraídas da obra de **Antonio Rosmini... A Carta Encíclica de João Paulo II** Fides et ratio... introduz Rosmini entre os pensadores mais recentes, nos quais se realiza um **encontro fecundo** entre o saber filosófico e a palavra de Deus... É preciso ainda afirmar que a empresa especulativa intelectual de Antonio Rosmini, caracterizada por muita ousadia e coragem... **se desenvolveu em um espírito ascético e espiritual.**»

[É uma tese da pseudo-restauração do **Cardeal Ratzinger: a Revolução na Igreja é melhor feita se for feita de joelhos... e se possível em latim!** Assim como, no século XVII, a Revolução mundial precisou enraizar seu liberalismo na filosofia subjetivista de Descartes, da mesma forma, para a Revolução na Igreja, **chegou a hora de introduzir a mesma filosofia moderna e assim assentar a liberdade religiosa, a colegialidade e o ecumenismo.** Estas são as três bombas-relógio introduzidas pelo Vaticano II na Igreja, e denunciadas, com autoridade, por S. E. Dom Marcel Lefebvre].

Giuseppe Lorzio, O rosminismo, O.R. 5.7.2001:

[O mesmo O R. reconhece que **Rosmini é filho do kantismo e do jansenismo, que foi tomado como emblema pelos maçons italianos, que foi o inspirador de Fogazzaro e que sustentou a tese da mudança de natureza, ou seja, a teoria panteísta e evolucionista pela qual a matéria se torna espírito “de tal modo que o princípio sensitivo muda de natureza e se torna intelectual.”]**

«Outro manual de filosofia... expunha uma série de observações sobre a teoria de **Rosmini** quanto à origem das ideias, fazendo notar que seu sistema **não era outra coisa senão uma exemplificação do criticismo kantiano...** quanto ao conteúdo... o início dos anos (mil novecentos) quarenta, parece querer propor novamente a polêmica que... viu se desdobrar contra os Jesuítas os **discípulos** mais ou menos conscientes de **Jansenius** e de Baïus... Na período que se seguiu à condenação e à unidade da Itália, **franges maçônicas** milanesas tomaram Rosmini como emblema anti-católico e propunham a ereção de um monumento em sua honra... Ele era tomado como emblema para uma radical reforma eclesial, inspirando, entre outros, Fogazzaro e sua **“ecclesiologia”**... A teoria da mudança de natureza consiste no fato de que “o princípio sensitivo muda de natureza e se torna intelectual.”»

Antonio Livi, O.R. 12.7.2001

[O Cardeal Ratzinger, após ter negado o valor universal da filosofia grega, abre a porta a outros sistemas filosóficos: «A Igreja faz sua a universalidade das linguagens do homem, de suas imagens e de seus conceitos... A doutrina da Igreja deve ser compreendida e interpretada somente na Fé...» (O Cardeal Ratzinger, Com. Theo. Inter., Civ. Catt., 21.4.1990).

O Osservatore Romano reconhece que **Rosmini é filho de Descartes**]:

«**O Magistério da Igreja confirmou com autoridade... a doutrina dos pensadores cristãos que, mesmo estando na unidade da fé católica, praticaram caminhos muito diferentes para elaborar uma proposta própria da filosofia cristã.** A Encíclica **Fides et ratio...** menciona... os filósofos... exatamente **Antonio Rosmini...** (com) muitos outros, **optaram por uma nova tradição inaugurada pelo católico René Descartes...** Henri de Lubac fez parte desta escola... **A Nota (do Card. Ratzinger) reconhece a compatibilidade substancial do sistema teosófico de Antonio Rosmini com a doutrina católica...** especialmente pela metodologia que inspirou o sistema... Com o sistema de Hegel, a teosofia rosminiana tem um outro ponto de contato mais importante. **...a teosofia rosminiana é uma verdadeira filosofia cristã...** O diálogo com o pensamento moderno, que se inicia com a virada da metodologia cartesiana, **leva**

Rosmini a adotar, em diversos casos, a linguagem e os **procedimentos** filosóficos **típicos do racionalismo...** Sem se preocupar muito em demonstrar o ponto de partida... que possa justificar a adoção de tais conceitos... Tomemos o conceito rosminiano do “divino” na natureza... o ser “ideal” concebido como “algo divino em si, ou seja, tal como pertence à natureza divina”.»

Antonio Staglianò. Espiritualidade de Rosmini, O.R. 19.7.01

[Neste artigo, o O.R. ensina que: 1. – Um autor com uma má doutrina, se for devoto, sua devoção é uma «*garantia de ortodoxia*.»

2 – No caso de Rosmini, a «*garantia de ortodoxia*» é, além disso, confirmada por uma revelação privada que Deus lhe concedeu. **Na Revolução na Igreja, muitos subversivos que quiseram ensinar algo contrário à Revelação pública, interpretada exclusivamente pelo Magistério romano tradicional, sentiram a necessidade de apoiar sua doutrina em uma revelação privada.** Um outro exemplo importante é o do cardeal **Nicolau de Cusa** com sua visão do “Congresso das religiões” (ver *Pseudo-restauração*, Doc. Rév. Égl. N° 4, p. 27), realizado pelo Papa no Congresso de Assis de 1986].

«Assim, a recente **Nota (do Card. Ratzinger)...** **credibiliza com autoridade a ortodoxia de Rosmini** e conduz à solução da longa e complexa “questão rosminiana”, deslocando o foco do verdadeiro problema de ontem e de hoje, que é o da inculturação da fé. [Ou seja, a fé “inculturada” na filosofia moderna].

A ascese e a espiritualidade de Rosmini acreditam a interpretação ortodoxa de seu empreendimento especulativo: **elas são como a garantia suprema** da impossibilidade de ler seu pensamento sob uma ótica idealista e ontológica...

(Rosmini diz): **“Estou convencido de que minha doutrina vem de Deus** e que somente Ele me a comunica, eu até acrescentaria, sem fazer grande uso dos meios humanos, mas **por meio da luz** da graça...”

Essa consciência que parece conferir à pensamento de Rosmini uma unção particular, **justifica... a obra das reformas da filosofia e do renascimento da teologia...** Sua filosofia desenvolvia nele a certeza de ter descoberto um sistema de pensamento único, capaz de ser **o único** instrumento científico utilizável para um desenvolvimento teológico **coerente da doutrina da fé.**»

Leão XIII, Decreto do Santo Ofício Post Obítum que condena os erros de Antonio Rosmini Serbati, sintetizados em 40 proposições:

Enunciado de algumas das 40 erros condenadas em 14 de dezembro de 1887

n° 1. Na ordem das coisas criadas, se manifesta imediatamente à inteligência humana algo que é divino em si mesmo, tal como pertence à natureza divina.

n° 2. Quando falamos do divino da natureza, não tomamos esta palavra “divino” para significar um efeito não divino de uma causa divina; e não é nossa intenção falar de algo que seria divino por participação.

nº 3. Na natureza do universo, isto é, nas inteligências que nele se encontram, há portanto algo a que convém a denominação de divino, não em sentido figurado, mas em sentido próprio – é uma realidade que não é distinta do resto da realidade divina...

nº 19. O Verbo é essa matéria invisível da qual, como diz a Sabedoria 11, 18, todas as coisas do universo foram criadas.

nº 20. Não repugna que a alma se multiplique por geração, de modo que seja concebida como progredindo do imperfeito, isto é, do grau sensitivo, ao perfeito, ao grau intelectual.

nº 21. Quando o ser se torna objeto de intuição para o princípio sensitivo, por este único contato, por esta única união, este princípio que primeiro apenas sentia e que agora compreende, se eleva a um estado mais nobre, muda de natureza e se torna inteligente, subsistente e imortal.

nº 22. Não é impossível conceber que, pela potência divina, possa ocorrer que a alma intelectual seja separada do corpo animado, e que este continue a ser animal; pois permanecendo nela, como a base do puro animal, o princípio animal que anteriormente estava nela como apêndice.

nº 23. No estado natural, a alma do falecido existe como se não existisse; dado que não pode exercer reflexões sobre si mesma, nem ter consciência de si mesma, pode-se dizer que sua condição é semelhante ao estado de trevas perpétuas e do sono eterno.

nº 25. Uma vez que o mistério da Trindade é revelado, sua existência pode ser demonstrada por argumentos puramente especulativos, com certeza negativos e indiretos, mas tais, no entanto, que por eles essa verdade é reduzida às disciplinas filosóficas e se torna uma proposição científica como as demais: porque se ela fosse negada, a doutrina teosófica da *pura razão*, não apenas permaneceria incompleta, mas seria aniquilada por ofuscações surgindo de toda parte.

nº 27. Na humanidade de Cristo, a vontade humana foi tão arrebatada pelo Espírito Santo e unida ao ser objetivo, isto é, ao Verbo, que lhe cedeu completamente o governo do homem, e que o Verbo a assumiu de modo pessoal ao unir-se assim à natureza humana. Por isso, a vontade humana deixou de ser pessoal no homem, e enquanto é pessoa nos outros homens, permanece natureza em Cristo.

Nº 30. A transubstanciação completada, pode-se pensar que, ao corpo glorioso de Cristo, algumas partes incorporadas a ele, não separadas dele e igualmente gloriosas, estão unidas.

Nº 31. No sacramento da eucaristia, em virtude das palavras, o corpo e o sangue de Cristo estão unicamente presentes na medida que corresponde à quantidade (*a quel tanto*) da substância do pão e do vinho transubstanciados: o resto do corpo de Cristo está presente por concomitância.

nº 34. Para preservar a Bem-Aventurada Virgem Maria do pecado original, bastava que permanecesse incorrupta uma minúscula semente de homem, negligenciada talvez pelo demônio, e dessa semente não corrompida, transmitida de geração em geração, saiu a seu tempo a Virgem Maria.

Nº 35. Quanto mais se está atento à ordem da justificação no homem, mais justo parece o discurso da Escritura segundo o qual Deus cobre ou não imputa certos pecados. Segundo o salmista (Sl XXXII, 1), há uma diferença entre as iniquidades que são remetidas e os pecados que são cobertos: aquelas são faltas atuais e livres; estes, em contrapartida, são pecados não livres daqueles que pertencem ao povo de Deus e que por isso não recebem nenhum dano.

...(..)...

[Conclusão] : (Censura confirmada por **o Sumo Pontífice**): o santo Ofício **julgou que as proposições... são a serem proscritas e desaprovadas segundo o sentido do autor, e por este decreto geral as desaprova, condena, proscribe...»**

São Pio X, *Pascendi*:

"Em consequência, **as fórmulas dogmáticas estão sujeitas a essas mesmas vicissitudes**, sendo, portanto, passíveis de mutação. **Assim se abre o caminho para a variação substancial dos dogmas.** Um acúmulo infinito de sofismas, onde toda religião encontra sua sentença de morte.

Evoluir e mudar, não apenas o dogma pode, ele deve: é o que os modernistas afirmam em voz alta e que, aliás, decorre manifestamente de seus princípios. As fórmulas religiosas, de fato, para serem verdadeiramente religiosas e não meras especulações teológicas, devem estar vivas, e da própria vida do sentimento religioso: isto é uma doutrina capital em seu sistema, deduzida do princípio da imanência vital..."

Pio XII, *Humani Generis*:

"É claro também que **a Igreja não pode se vincular a qualquer sistema filosófico**, cujo reinado dura pouco tempo; mas as expressões que, durante séculos, foram estabelecidas com o consentimento comum dos doutores católicos para se chegar a alguma compreensão do dogma, não repousam certamente sobre um fundamento frágil...

Assim, **é da maior imprudência** negligenciar ou rejeitar ou privar de seu valor tantos conceitos importantes que homens de um gênio e uma santidade não comuns, sob a vigilância do magistério e não sem a iluminação e a condução do Espírito Santo, conceberam, expressaram e precisaram no trabalho secular que formulou sempre exatamente as verdades da fé, **Leão XIII, *Æterni Patris* : «A filosofia grega**, pelo seu concurso, nada acrescenta ao poder da verdade; mas **como ela destrói os argumentos opostos** a essa verdade pelos sofistas, e que ela dissipa as armadilhas que lhe são tendidas, **ela foi chamada a sebe e a paliçada da qual a vinha se municiou..."**

[26] http://www.marcel-lefebvre-tam.com/pdf/francese/livre_12.pdf

4.2. Qual foi o comportamento da FSSPX diante dessa reabilitação e dessa beatificação?

Em 2001, a FSSPX condenava a reabilitação de Rosmini e denunciava o *'cardeal'* Ratzinger, a quem qualificava de *modernista*, como fez Dom Tissier de Mallerais em Paris no dia 11 de novembro de 2007.

Em 2007, no dia 18 de novembro, durante a *'beatificação'* de Rosmini, Dom Fellay e os meios de comunicação da FSSPX mantêm um silêncio ensurdecedor sobre essa *'beatificação'* inválida.

O que aconteceu nesse intervalo???

Aqui estão os termos em que *'Nouvelles de Chrétienté'* (revista da FSSPX) denunciava em junho de 2002 a reabilitação de Rosmini ocorrida em julho de 2001:

“*Canonizar um padre condenado?*”

Em julho de 2001, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou um veredicto escandaloso sobre o padre Antonius de Rosmini Serbati (1797-1855), esse padre italiano cujas 40 proposições foram condenadas postumamente pelo Santo Ofício em 1887. Apesar disso, o Papa Paulo VI iniciou um trabalho visando à beatificação de Rosmini e estabeleceu uma comissão para estudar esse problema, uma vez que não se pode canonizar alguém que foi condenado pela Igreja. Essa comissão emitiu seu veredicto: “Não, você não pode beatificá-lo”. O Papa João Paulo II convocou uma nova comissão para estudar o mesmo problema; esta também deu um veredicto idêntico. O que fez o papa? Ignorou. O problema permanece que Rosmini foi condenado, e com razão.

O cardeal Ratzinger veio em socorro: “Que ele tenha sido condenado, em seu tempo, era normal. Mas agora, não é mais assim. No momento em que ele foi condenado, o Vaticano usava óculos tomistas para dar seus julgamentos. Se você usar óculos tomistas, ele é condenado. Por outro lado, se você usar os óculos de Rosmini, a condenação não tem mais valor, pode ser contestada.”

O que o cardeal Ratzinger está dizendo? Ele está colocando a verdade em uma ladeira escorregadia. E mais uma vez, **os modernistas entenderam muito bem o que aconteceu.** Eles dizem que, **pela primeira vez, o Vaticano fez uso da “método histórico-crítico” em relação a uma condenação da Igreja.** Esse “método histórico-crítico” é **uma tática bem conhecida dos modernistas que proclamam que a verdade evolui, que as verdades dogmáticas de ontem diferem das de hoje e que o que foi considerado falso ontem, pode bem ser considerado verdadeiro hoje.** Este caso de Rosmini provocará uma confusão enorme.” *Nouvelles de Chrétienté*, nº75 – Junho 2002 (publicação da FSSPX)[27]

Surpreende-nos que, **a reabilitação de Rosmini datando de julho de 2001, a reação da FSSPX tenha ocorrido apenas quase um ano depois, em junho de 2002?**

Isso significa que a FSSPX, estando em plena negociação com Roma, não quis reagir?

Mas qual foi o evento que decidiu essa reação?

Seria a publicação em janeiro de 2002 pela revista *Sodalitium* dos padres de Verrua, de um artigo que denunciava então o escândalo? Esse artigo de *Sodalitium* figura nos anexos do nosso presente documento.

Mas então, o que significa essa defesa da verdade por *Nouvelles de Chrétienté*?

Fica cada vez mais claro que esses meios de comunicação da FSSPX estão nas mãos de uma pequena rede de infiltrados que os mantém sob seu controle.

E no dia 13 de junho de 2005 em Bruxelas, Dom Fellay une sua voz àqueles que denunciam essa “reabilitação” de Rosmini por Ratzinger:

“ « Um outro exemplo dessa ideia segundo a qual a verdade evolui. Ele se encontra na explicação que a Congregação para a Doutrina da Fé deu no momento em que tentava justificar Rosmini. Vocês sabem que o Papa João Paulo II queria beatificar Rosmini, ou pelo menos abrir o caminho para a beatificação de Rosmini. Já Paulo VI havia estabelecido uma comissão para estudar seu processo de beatificação. O problema de Rosmini é que ele foi condenado pela Igreja. Assim, temos uma primeira comissão sob Paulo VI que diz: Não, isso não

*é possível, ele foi condenado! Mas João Paulo II, que gostaria de ver esse processo de beatificação começar, cria uma nova comissão... que diz como a primeira. Então, vamos impedir que ela emita um julgamento definitivo; isso vai permanecer nas gavetas. E vamos tentar sair de outra forma. Vamos fazer com que a Congregação para a Doutrina da Fé emita um decreto que tentará explicar algo um pouco difícil de aceitar. Assim, nos dizem que a condenação de Rosmini, se olharmos com os olhos do tomismo vigente no momento em que ele foi condenado pela Igreja, então essa condenação vale totalmente. Mas hoje é diferente, se olharmos as teses de Rosmini com os olhos de Rosmini, sua doutrina é admissível. É uma abordagem da verdade totalmente subjetiva! Rosmini falou, sua obra foi compreendida. A Igreja a compreendeu e disse que o que era compreensível era condenável. Mas, um pouco mais tarde, nos dizem que não era assim que deveríamos entender, que era necessário entrar na cabeça de Rosmini para entender sua visão das coisas. **É o fim da verdade. Notem bem, é o fim da verdade objetiva; e isso é muito, muito grave. Isso mostra quem é o Cardeal Ratzinger, ao menos em nível de sua formação teológica.** Eu digo que ela é hegeliana por causa de outro aspecto. Ao lado do elemento evolucionista, você tem a famosa trilogia tese-antítese-síntese. Isso é muito marcante quando consideramos, desta vez, não mais as verdades especulativas - essas verdades sobre as quais se reflete, mas que não têm uma aplicação diretamente prática - mas, de fato, quando observamos uma aplicação prática segundo o cardeal Ratzinger. Esta perspectiva dinâmica de tese-antítese-síntese quer explicar os eventos da história por um encontro conflituoso que termina em um novo estado, supostamente melhor que os anteriores, mas que é fruto desse encontro, desse conflito entre a tese e a antítese. Aqui está uma aplicação totalmente concreta feita pelo prefeito da Congregação da Fé. » Dom Fellay, 13 de junho de 2005 - Nouvelles de Chrétienté n°94 - julho-agosto de 2005[28]*

Após tais palavras escandalizando-se com a reabilitação de Rosmini em 2001, por que Dom Fellay permaneceu em silêncio durante a “beatificação” em 2007?

É verdade que, entretanto, Dom Fellay encontrou o ‘beatificador’, o padre apóstata Joseph Ratzinger, no dia 29 de agosto de 2005 em Castel Gandolfo.

Dom Fellay teria agora colocado os óculos de Ratzinger?

Terá ele sucumbido às tentações de promoção patriarcal tridentina que lhe faz vislumbrar o temível Castrillon Hoyos?

Em uma palavra, por que Dom Fellay mudou de posição em relação a Rosmini?

“É o fim da verdade” dizia ele, sua frase se aplica agora a ele?

[27] <http://www.dici.org>

[28] http://www.dici.org/dl/nouvelles/Nouvelles_94.pdf

5. Um Rosminiano na FSSPX: o padre Robert Belwood

5.1. Quem é o “padre” Belwood?

Um caso bastante curioso na Tradição.

O padre Belwood pertence ao Instituto da Caridade, congregação dos Rosminianos, tornados agora conciliares.

Depois de officiar **na Normandia no priorado de Gavrus da FSSPX com o padre Aulagnier, ele foi nomeado a partir de setembro de 2007 como capelão da escola de Kernabat** (na Bretanha), mantida pelas irmãs dominicanas que pertencem a uma das **comunidades amigas** da FSSPX.

E assim, mesmo ocupando responsabilidades em atividades dependentes do perímetro da FSSPX, o padre Belwood tem como superior um religioso da igreja conciliar!

Um intruso da igreja conciliar dentro do perímetro da FSSPX e, além disso, esse marginal de sua Ordem rosminiana conciliar seria considerado pelo Geral (conciliar) de sua congregação conciliar como **“o melhor de seus religiosos”!**

Mas que doutrina ensina, então, o padre Belwood aos filhos das famílias da FSSPX que confiam sua prole a Kernabat?

“ « O padre Roux é rosminiano e, a esse título, pertence a uma congregação cujo superior é INTELIGENTE: é ele, de fato, quem lhe concedeu a liberdade da qual goza e **que manifestou a mesma confiança a Monsieur o padre Belwood**, que já auxiliou valiosamente o priorado de Caen e as dominicanas de Saint-Manvieu (não sei como está atualmente, mas suponho que ele deve continuar essa colaboração). Disseram-me até que ele disse (a um padre da Fraternidade ou às dominicanas, não sei) quando lhe concedeu essa liberdade que o padre Belwood era o melhor de seus religiosos... Os sacerdotes dessa congregação gozam, portanto, da maior liberdade para agir em benefício das almas, enquanto permanecem totalmente em obediência (o Padre de Chivré também teve a graça de não ser obrigado a se separar de seus superiores, embora certamente não tenha desfrutado da mesma benevolência por parte deles). » Luciole[29]

[29] <http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=126668>

5.2. O “padre” Belwood foi ordenado no novo rito que não é válido, portanto, ele não é sacerdote (além do que não sabemos nada sobre o bispo que o “ordenou”)

Mas há algo ainda mais grave. VM mencionou esse assunto muito sério em seu site desde o verão de 2007[30].

Vamos lembrar imediatamente que durante a vida de Dom Lefebvre, a FSSPX tinha como linha de conduta reordenar condicionalmente todo padre que se juntasse a ela para colaborar e que tivesse sido ordenado no rito conciliar de 1969.

O “padre” Belwood foi ordenado nos anos 1970 (e por qual(is) bispo(s)?) no novo rito sacramentalmente inválido promulgado em 1969 e não é válido. Monsieur Robert Belwood, à luz da teologia sacramental católica tradicional, não é mais que um simples leigo, pois não possui os poderes sacerdotais católicos. Ele não foi reordenado condicionalmente.

- De fato, parece que **não se sabe nada sobre o seminário** (conciliar?) onde o “padre” Belwood recebeu sua formação sacerdotal.
- Ignora-se **tudo sobre a data e o local exato de sua ordenação** segundo o rito conciliar (duvidoso ou inválido).
- Ignora-se, principalmente, quem foram os “bispos” conciliares que o teriam ordenado, nem se esse(s) bispo(s) possuía(m) a realidade da plenitude da *Potestas Ordinis*

episcopal, ou seja, **não se sabe se esses “bispos” tinham sido consagrados segundo o novo rito conciliar episcopal que certamente é sacramentalmente inválido de *Pontificalis Romani* de 18 de junho de 1968** (cf. www.rore-sanctifica.org), ou se ele(s) foram consagrado(s) no antigo rito sacramentalmente válido.

Isso significa que **os sacramentos que o “padre” Belwood distribui às religiosas de Kernabat, como às crianças que elas educam, são inválidos, não transmitem a graça sacramental.**

Esses falsos sacramentos não são mais operantes do que na igreja conciliar, à qual, aliás, o senhor Robert Belwood está atrelado por sua pertença à congregação dos Rosminianos.

Segundo uma fonte bem informada, o padre Belwood dizia, em uma época, que **Dom Lefebvre havia querido reordená-lo condicionalmente, mas o padre Belwood se opôs a isso. Agora, o padre Belwood afirma que nunca houve questão de reordenação.**

O apego do “padre” Belwood à igreja conciliar é real, uma vez que **durante a falsa “beatificação” de Rosmini por Ratzinger no dia 18 de novembro de 2007, ele foi a Roma para participar dessa farsa.** Essa data coincidiu com a festa da escola.

O “padre” Belwood preferiu ir a Roma em vez de participar das festividades de sua escola em Kernabat, onde ele havia sido recém-nomeado.

Após seu retorno de Roma, ele distribuiu para as turmas de formatura um documento sobre Rosmini, dizendo que ele era um grande homem, um grande católico.

Retornado a Kernabat, ele se entregou à propaganda, distribuiu para as turmas de formatura um documento sobre Rosmini, dizendo que ele era um grande homem.

Publicamos essa brochura conciliar aqui[31].

Trata-se de um panegírico em inglês em louvor a Rosmini, o clérigo cujos escritos foram condenados pelos Papas Pio IX e Leão XIII. Esse documento visa preparar o bicentenário de seu nascimento.

Esse documento modernista é publicado pelo *Centro Internacional para Estudos Rosminianos*.



Centro Internacional para os Estudos Rosminianos às margens do Lago Maior na Itália
[32]

Essa situação totalmente anormal do “padre” Belwood dentro da Tradição católica deve ser amplamente conhecida e não é suportável.

Iremos retornar a isso.

A seguir...

Continuemos a boa luta

A Redação de Virgo-Maria

© 2008 *virgo-maria.org*

[30] http://www.virgo-maria.org/D-Faux-pretre/index_faux_pretres.htm

[31] http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Plaquette_Rosmini.pdf

[32] <http://www.rosmini.it/Objects/Pagina.asp?ID=62&T=Centro%20Intern.%20Studi%20Rosminiani>

Anexos

Anexo 1 - Lista das 40 proposições de Rosmini condenadas pelo Papa Leão XIII

[Decreto do Santo Ofício "*Post obitum*", 14 de dezembro de 1887.](#)

Erros de Antonio ROSMINI-SERBATI[33]

3201

1 - Na ordem das coisas criadas se manifesta imediatamente à inteligência humana algo que é divino em si, tal como pertence à natureza divina.

3202

2 - Quando falamos do divino na natureza, essa palavra 'divino' não a tomamos como significando um efeito não divino de uma causa divina; e não é nossa intenção falar de algo que seria divino por participação.

3203

3 - Na natureza do universo, ou seja, nas inteligências que nele existem, há, portanto, algo a que se aplica a denominação de divino, não no sentido figurado, mas no sentido próprio. - É uma realidade que não é distinta do restante da realidade divina.

3204

4 - O ser indeterminado, que sem dúvida é conhecido por todas as inteligências, é este divino que é manifestado ao homem na natureza.

3205

5 - O ser, objeto da intuição humana, é necessariamente algo do ser necessário e eterno, da causa criadora, determinante e final de todos os seres contingentes e isso é Deus.

3206

6 - No ser que abstrai de suas criaturas e de Deus, ou seja, o ser indeterminado, e em Deus o ser não indeterminado, mas absoluto, a essência é a mesma.

3207

7 - O ser indeterminado da intuição, o ser inicial, é algo do Verbo, que a inteligência do Pai distingue do Verbo não realmente, mas segundo a razão.

3208

8 - Os seres finitos, dos quais o mundo é composto, resultam de dois elementos, ou seja, do termo real finito e do ser inicial que confere a esse termo a forma do ser.

3209

9 - O ser, objeto da intuição, é o ato inicial de todos os seres. - O ser inicial é o começo tanto do que é cognoscível quanto do que existe: ele é também o começo de Deus, tal como O concebemos, e das criaturas.

3210

10 - O ser virtual e sem limites é a primeira e mais simples de todas as entidades, de tal modo que toda outra entidade é composta, e que o ser virtual é sempre e necessariamente um dos seus componentes. - (O ser inicial) é a parte essencial de todas as entidades sem exceção, qualquer que seja a maneira como elas são divididas pelo pensamento.

3211

11 - A quididade (o que é uma coisa) do ser finito não é constituída pelo que ele compreende de positivo, mas por seus limites. A quididade do ser infinito é constituída pela entidade, e é positiva; a quididade do ser finito, por outro lado, é constituída pelos limites da entidade, e é negativa.

3212

12 - A realidade finita não é, mas Deus a faz existir ao adicionar a limitação à realidade infinita. - O ser inicial torna-se a essência de todo ser real. - O ser que atua as naturezas finitas, estando unido a elas, é tomado de Deus.

3213

13 - A diferença entre o ser absoluto e o ser relativo não é a mesma que existe entre uma substância e outra, mas uma diferença muito maior; um, de fato, é absolutamente ser, o outro é absolutamente não-ser. Mas este outro é relativo. Logo, quando se posita um ser relativo, o ser que é absolutamente não é multiplicado; por isso, o ser absoluto e o ser relativo não são uma substância única, mas um ser único; e nesse sentido não há diversidade de ser, mas unidade de ser.

3214

14 - Pela abstração divina é produzido o ser inicial, primeiro elemento dos seres finitos; mas pela imaginação divina é produzido o real finito, ou seja, todas as realidades das quais é feito o mundo.

3215

15 - A terceira operação do ser absoluto criando o mundo é a síntese divina, ou seja, a união dos dois elementos que são o ser inicial, começo comum de todos os seres finitos, e o real finito, ou melhor: as diversas realidades finitas, os termos diferentes do mesmo ser inicial. É por essa união que são criados os seres finitos.

3216

16 - O ser inicial, relacionado pela inteligência por meio da síntese divina, não como inteligível, mas como pura essência, com os termos finitos reais, faz com que os seres finitos existam subjetivamente e realmente.

3217

17 - Tudo o que Deus faz ao criar é positar o ato inteiro da existência das criaturas; esse ato, portanto, não é propriamente feito, mas posito.

3218

18 - O amor com que Deus se ama igualmente nas criaturas, e que é a razão pela qual Ele se determina a criar, constitui uma necessidade moral que, no ser mais perfeito, produz sempre seu efeito: é apenas na maioria dos seres imperfeitos que esse tipo de necessidade deixa intacta a liberdade bilateral.

3219

19 - O Verbo é essa matéria invisível da qual, como diz em *Sb 11, 18*, todas as coisas do universo foram criadas.

3220

20 - Não repugna que a alma se multiplique por geração, de modo a ser concebida como progredindo do imperfeito, ou seja, do grau sensitivo, ao perfeito, ou seja, ao grau intelectual.

3221

21 - Quando o ser se torna objeto de intuição para o princípio sensitivo, por esse único contato, por essa única união, esse princípio que antes somente sentia e que agora compreende é elevado a um estado mais nobre, muda de natureza e se torna inteligente, subsistente e imortal.

3222

22 - Não é impossível conceber que pela potência divina possa ocorrer que a alma intelectual se separe do corpo animado, e que este continue a ser animal; em efeito, permaneceria nele, como base do puro animal, o princípio animal que anteriormente estava nele como um apêndice.

3223

23 - No estado natural, a alma do falecido existe como se não existisse; dado que ela não pode exercer reflexão sobre si mesma, nem ter consciência de si mesma, pode-se dizer que sua condição é semelhante ao estado das trevas perpétuas e do sono eterno.

3224

24 - A forma substancial do corpo é, antes, o efeito da alma e o termo interior de sua operação: por isso a forma substancial do corpo não é a própria alma. - A união da alma e do corpo consiste propriamente na percepção imediata pela qual o sujeito que tem a intuição de uma ideia afirma o sensível após ter intuitado a essência.

3225

25 - Uma vez que o mistério da Trindade é revelado, sua existência pode ser demonstrada por argumentos puramente especulativos, certamente negativos e indiretos, mas tais, no entanto, que

por eles essa verdade é reduzida às disciplinas filosóficas e se torna uma proposição científica como as outras: pois, se fosse negada, a doutrina teosófica da pura razão não apenas permaneceria incompleta, mas seria aniquilada por obscuridades que surgiriam de toda parte.

3226

26 - As três formas supremas do ser, a saber, subjetividade, objetividade e santidade, ou realidade, idealidade e moralidade, se transferidas ao ser absoluto, não podem ser concebidas de outra forma senão como pessoas subsistentes e vivas; - O Verbo, na qualidade de objeto amado e não na qualidade de Verbo, ou seja, objeto subsistente em si conhecido por si, é a pessoa do Espírito Santo.

3227

27 - Na humanidade de Cristo, a vontade humana foi tão elevada pelo Espírito Santo a aderir ao ser objetivo, ou seja, ao Verbo, que ela cedeu-lhe totalmente o governo do homem, e que o Verbo assumiu este de forma pessoal ao unir-se assim à natureza humana. Com isso, a vontade humana deixou de ser pessoal no homem, e enquanto ela é pessoal nos outros homens, ela permanece natureza em Cristo.

3228

28 - Segundo a doutrina cristã, o Verbo, caráter e face de Deus, é impresso na alma daqueles que recebem com fé o batismo de Cristo. - O Verbo, ou seja, o caráter impresso na alma, é, segundo a doutrina cristã, o ser real (infinito) manifesto por si mesmo, e que nós reconhecemos ser a segunda pessoa da santíssima Trindade.

3229

29 - Não pensamos que seja uma conjectura estranha à doutrina católica, que é a única verdade, afirmar que no sacramento eucarístico a substância do pão e do vinho se torna a verdadeira carne e o verdadeiro sangue de Cristo quando Cristo fazem do sacramento o termo de seu princípio sensitivo e o vivifica por sua vida, quase da maneira como o pão e o vinho são transubstanciados em nossa carne e nosso sangue, uma vez que se tornam o termo de nosso princípio sensitivo.

3230

30 - Após a transubstanciação completada, pode-se pensar que no corpo glorioso de Cristo alguma parte incorporada a ele, não separada (dele) e igualmente gloriosa, lhe é unida.

3231

31 - No sacramento da eucaristia, em virtude (as palavras, o corpo e o sangue de Cristo estão presentes apenas na medida que corresponde à quantidade (aquele tanto) da substância do pão e do vinho que é transubstanciada: o restante do corpo de Cristo está presente por concomitância.

3232

32 - Porque aquele que "não come a carne do Filho do homem e não bebe seu sangue não tem a vida em si" *Jo 6, 54* e que, no entanto, aqueles que morrem com o batismo de água, de sangue ou de desejo obtêm de forma certa a vida eterna, deve-se dizer que àqueles que nesta vida não comeram o corpo de Cristo, esse alimento celestial é administrado na vida futura, no instante mesmo da morte. - É por isso que, quando desceu ao inferno, Cristo pôde também se comunicar

sob as espécies do pão e do vinho aos santos do Antigo Testamento para torná-los aptos à visão de Deus.

3233

33 - Quando os demônios tomaram posse do fruto, pensaram que entrariam no homem se dele comessem; a comida, ao ser transformada em corpo animado do homem, poderia permitir-lhes entrar livremente na animalidade, ou seja, na vida subjetiva desse ser, e assim dispor dela como haviam planejado.

3234

34 - Para preservar a bem-aventurada Virgem Maria do pecado original, bastava que permanecesse não corrompida uma minúscula semente de homem, talvez negligenciada pelo demônio, e que dessa semente não corrompida, transmitida de geração em geração, surgisse em seu tempo a Virgem Maria.

3235

35 - Quanto mais se está atento à ordem da justificação no homem, mais justo parece o discurso das Escrituras segundo o qual Deus cobre ou não imputa certos pecados. - Segundo o Salmista *Sl XXXII,1*, há uma diferença entre as iniquidades que são perdoadas e os pecados que são cobertos; aquelas são faltas atuais e livres; estes, por outro lado, são os pecados não livres daqueles que pertencem ao povo de Deus e que por isso não recebem nenhum dano.

3236

36 - A ordem sobrenatural é constituída pela manifestação do ser na plenitude de sua forma real; o efeito de sua comunicação ou manifestação é o sentimento (sentimento) deiforme que, começando nesta vida, constitui a luz da fé e da graça, e que, completado na outra vida, constitui a luz da glória.

3237

37 - A primeira luz que torna a alma inteligente é o ser ideal; a segunda primeira luz é também o ser, não apenas ideal, mas subsistente e vivo: este oculta sua personalidade e mostra apenas sua objetividade; mas aquele que vê a segunda (que é o Verbo), embora como em um espelho e em enigma, vê Deus.

3238

38 - Deus é o objeto da visão beatífica na medida em que é o autor das obras ad extra.

3239

39 - As marcas da sabedoria e da bondade que brilham nas criaturas são necessárias para aqueles que contemplam (no céu); reunidas de fato no exemplar eterno, elas são essa parte dele que pode ser vista por eles (que é acessível a eles), e fornecem o assunto dos louvores que os bem-aventurados cantam a Deus por toda a eternidade.

3240

40 - Visto que Deus não pode, nem mesmo pela luz da glória, se comunicar totalmente aos seres finitos, Ele só pôde revelar e comunicar sua essência àqueles que contemplam (no céu) segundo o modo que é conveniente para inteligências finitas, ou seja, que Deus se manifesta a eles na

medida em que é em relação a eles como seu criador, sua providência, seu redentor, seu santificador.

3241

(A censura confirmada pelo sumo pontífice: o Santo Ofício) julgou que as propostas... devem ser proscritas e reprovadas segundo o sentido do autor, e por este decreto geral as reprovava, as condena, as proíbe...

[33] <http://www.catho.org/9.php?d=bxb#eur>

Anexo 2 - Artigo de Sodalitium n°52 de janeiro de 2002 denunciando a reabilitação de Rosmini, este sacerdote condenado pela Igreja sob o pontificado de Leão XIII

O caso Rosmini: o “*in proprio Auctoris sensu*”

contra “uma distinção astuciosa” do cardeal Ratzinger

(extrato de Sodalitium n°52 de janeiro de 2002)

Monsenhor Benigni relata em sua *Storia sociale della Chiesa* [História social da Igreja] sobre os arianos: “O grupo em que se destacava o exilado Eusébio de Nicomédia (daí a denominação de grupo dos eusébianos) retratava sua subscrição não à doutrina de Nicéia, mas à condenação de Ário: isto é, afirmava que não era a doutrina ariana que o Concílio havia condenado. Esta **astuciosa** distinção criou escola: e entre tantos outros, encontra-se o exemplo notório das distinções jansenistas nas condenações papais da doutrina do bispo de Ipres” (1).

As notas históricas do “Denzinger” explicam o episódio ao qual Monsenhor Benigni faz alusão: “depois que foram condenadas as cinco proposições de Jansênio, seus partidários, sob a liderança de Antônio Arnould, distinguiram entre a ‘*quæstio facti*’ e a ‘*quæstio iuris*’: a condenação não se referiria a uma heresia fictícia, mas sim à verdadeira concepção de Jansênio” (2). O Papa Alexandre VII teve então que, pela Constituição *Ad sanctam beati Petri sedem* (16 de outubro de 1656), refutar a “astuciosa distinção”: “Uma vez que ... para grande escândalo dos fiéis de Cristo, certos

*filhos da iniquidade não temem afirmar que as cinco propostas (...) ou não se encontram no livro mencionado de Cornelius Jansen, mas foram montadas de forma fictícia e arbitrária, **ou não foram condenadas segundo o sentido visado por este**, Nós (...) declaramos e definimos que estas cinco proposições foram tiradas do livro do mencionado Cornelius Jansen, bispo de Ipres, que tem o título ‘Augustinus’, e **que foram condenadas segundo o sentido visado por este mesmo Cornelius Jansen**”* (“*in sensu ab eodem Cornelio Jansenio intento*”, DS 2010-2012). Esta Constituição de Alexandre VII demonstra como a Igreja tem autoridade para definir não apenas que a doutrina de tal autor é errônea, mas também que foi de fato sustentada por este autor no sentido que a Igreja lhe atribuiu; ao contrário, o exemplo dos arianos primeiro e dos jansenistas depois demonstra, por sua vez, que negar que uma doutrina condenada pela Igreja tenha sido realmente sustentada por seu autor é uma escapatória típica dos hereges.

Uma velha escapatória volta à atualidade

Nihil novi sub sole... [Nada de novo sob o sol] A velha escapatória utilizada no passado pelos arianos e jansenistas (entre outros), tornou-se mais atual do que nunca com o Vaticano II e o “magistério” que se seguiu. De um lado, de fato, o Vaticano II sustentou - em vários pontos - uma doutrina e uma prática contrárias à doutrina e à prática da Igreja. Do outro, a menos que renunciem a toda legitimidade, não é possível aos partidários do Vaticano II admitir explicitamente a existência dessa contradição e a realidade dessa ruptura. Para os partidários da nova doutrina e da nova prática conciliar, o principal problema consiste, portanto, em apresentar uma nova doutrina sem renegar explicitamente o passado.

No que diz respeito à prática, mais ligada ao contingente, a tática escolhida é a do “*mea culpa*”, ou seja, de pedidos incessantes de perdão, através dos quais se pode denunciar todo o passado da Igreja. A escapatória utilizada consiste em pedir perdão não pelas “faltas da Igreja”, mas pelas faltas dos “filhos da Igreja” (como se, em muitos casos, esses “filhos da Igreja” não tivessem atuado na qualidade de autoridade suprema da Igreja).

No que diz respeito à doutrina oficial, as coisas são mais difíceis (mesmo que menos evidentes). Pensou-se em relativizar os documentos do passado, diminuindo sua autoridade (não infalíveis, mas sim apenas prudenciais) e historicizando-os (válidos apenas para uma época dada e um contexto determinado) etc.

É essa tática que foi utilizada, como veremos, no caso que tomamos aqui em consideração.

Existe uma outra tática: a de afirmar que o magistério passado da Igreja - sempre válido, claro! - não tem mais atualmente nenhuma eficácia: os anátemas solenes do Concílio de Trento sobre a justificação, por exemplo, atingiriam protestantes imaginários, ou no máximo protestantes falecidos, pois os protestantes de hoje não sustentariam mais a doutrina condenada. Trata-se de uma sutil variação da escapatória ariano-jansenista da qual falávamos acima. No caso que eu examino aqui, a escapatória é, por outro lado, reapresentada tal como é, e é o que veremos...

Reabilitar Rosmini, e além...

Nesse contexto, parece previsível e necessário reabilitar Rosmini, condenado *post mortem*, em 1887, pelo Decreto do Santo Ofício *Post obitum*. Este sacerdote da cidade de Rovereto é, antes de

tudo, um representante eminente do pensamento católico liberal que o Vaticano II adotou (o cardeal Ratzinger ele mesmo o admitiu). Além disso, ele foi “vítima” - conjuntamente - do Santo Ofício e da filosofia e teologia tomistas, vítimas por sua vez do Vaticano II. Um “mea culpa” sobre o caso Rosmini era previsível, e até mais. De fato, existe uma nova maneira de enterrar o passado da Igreja sem deixá-lo à mostra; consiste em beatificar e canonizar personagens outrora afastados; já para lançar sombra sobre a santidade de São Pio X, João XXIII desejou a beatificação do cardeal Ferrari e a quis com todas as suas forças. A canonização de Rosmini, já prevista, ofuscará ainda mais a Igreja “pré-conciliar” e dará aos liberais um novo patrono.

Uma “Nota” da Congregação para a Doutrina da Fé “reabilita” Rosmini e abre o caminho

para sua “beatificação”

Em 1º de julho de 2001, o cardeal Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, e Monsenhor Bertone, o secretário, assinaram uma Nota *“sobre o valor dos Decretos doutrinários concernentes ao pensamento e às obras de Antonio Rosmini Serbati”*. (L’Osservatore Romano, 1-2 de julho de 2001; La Doc. Cath., 5-19 de agosto de 2001, nº 2253, p. 725-726).

A Nota, como lembra a Postulação de Rosmini, *“responde ao texto apresentado pelo Postulador Geral em dezembro de 1999 no intuito de esclarecer a ‘questão rosminiana’ (com referência particular ao Decreto ‘Post obitum’) como foi pedido no decreto de 22 de fevereiro de 1994, quando o Prefeito da Congregação para as causas dos santos da época concedia o ‘nihil obstat’ da parte do Santo Sé à abertura da Causa de Beatificação do Servo de Deus Antonio Rosmini. O decreto em questão assinalava que ‘...a Congregação para a Doutrina da Fé deveria ser novamente interpelada a respeito do julgamento doutrinal definitivo sobre este assunto’”* (3).

De qualquer forma, a resposta positiva da Congregação para a Doutrina da Fé não poderia faltar depois que João Paulo II, no mesmo ano de 1999, tivesse publicado a encíclica *Fides et ratio*, na qual Rosmini se encontra *“incluso entre os pensadores mais recentes em que se realiza um encontro fecundo entre saber filosófico e Palavra de Deus”* (8). João Paulo II deve, portanto, ser considerado responsável por esta reabilitação de Rosmini, tanto por tê-la solicitado pela encíclica *Fides et ratio*, quanto por ter pessoalmente aprovado a Nota da Congregação para a Doutrina da Fé (4).

A reabilitação era, portanto, necessária; mas como realizá-la?

A “astuciosa distinção” resgatada para reabilitar Rosmini e enterrar - sem dizer - o magistério da Igreja

Isso estabelecido, peço ao leitor que se lembre do que é dito no início deste artigo sobre a tática dos hereges para despojar um decreto de condenação da Igreja de todo valor: essa tática consiste em afirmar que esse decreto condena uma heresia fictícia, imaginária, que nunca foi realmente sustentada pelo autor ao qual é atribuída essa doutrina. E isso foi o que fez a Congregação para a Doutrina da Fé...

Aqui está, de fato, o argumento essencial da Nota, expresso nos números 6 e 7 do documento: *“Além disso, deve-se reconhecer que um estudo científico global, sério e rigoroso do pensamento de Antonio Rosmini, que se expressou no âmbito católico por teólogos e filósofos pertencentes a diversas escolas de pensamento, demonstrou que **essas interpretações contrárias à fé e à doutrina católica não correspondem, de fato, à posição autêntica de Rosmini.** A Congregação para a Doutrina da Fé, após um exame aprofundado dos dois decretos doutrinais promulgados no século XIX, e considerando os resultados fornecidos pela historiografia e pela pesquisa científica e teórica das últimas décadas, chegou à seguinte conclusão:*

*Atualmente, pode-se considerar que os motivos de preocupação e as dificuldades doutrinárias e prudenciais que determinaram a promulgação do Decreto ‘Post obitum’ de condenação das “quarenta proposições” extraídas das obras de Antonio Rosmini estão agora superados. E isso se deve ao fato de que **o sentido das proposições, tal como foi compreendido e condenado por esse Decreto, não pertence, na realidade, à posição autêntica de Rosmini, mas sim a conclusões possíveis da leitura de suas obras**”.*

Essa é a substância da Nota sobre Rosmini: as 40 proposições foram condenadas porque compreendidas *“numa ótica idealista, ontológica e em um sentido contrário à fé e à doutrina católica”* (n. 7). Mas, na realidade, esse não era o pensamento do autor, Antonio Rosmini Serbati.

O decreto de condenação de Rosmini afirma o contrário do que sustenta a Nota de reabilitação, a qual contradiz, portanto, o magistério da Igreja

Mas o Santo Ofício - solicitado e aprovado por Leão XIII - realmente condenou 40 teses extraídas das obras de Rosmini sem comprometer sua própria autoridade sobre o fato de que essas teses refletem o pensamento de Rosmini?

Lembremos ao leitor que, segundo a Constituição *Ad Sanctam* de Alexandre VII citada acima, é certo que a Igreja pode não apenas condenar proposições, mas também definir que essas proposições estão realmente contidas nessa obra e mesmo que as proposições em questão foram condenadas **no sentido entendido pelo autor**. A autoridade da Igreja, envolvida em um decreto desse tipo, se estende também ao fato de que as teses condenadas foram condenadas justamente e precisamente no sentido entendido e desejado pelo autor, e não no sentido atribuído por terceiros ou pela Igreja.

Ora, aqui estão as palavras do famoso decreto *Post obitum*, qualificado de *“ultrapassado”* pela Nota da Congregação para a Doutrina da Fé:

*“A Santidade de Nosso Senhor Leão XIII Papa, por divina providência, a quem é caro acima de tudo que o depósito da doutrina católica seja conservado puro e isento de erro, incumbiu o Sagrado conselho dos Muito Eminentes Cardeais, Inquisidores gerais em toda a república cristã, de examinar as proposições denunciadas. A Suprema Congregação, portanto, como é de costume, iniciou um exame dos mais diligentes e procedeu à confrontação dessas proposições com as outras doutrinas do autor, especialmente aquelas que se destacam claramente dos livros póstumos; a Suprema Congregação julgou que devem ser reprovadas, condenadas, **segundo o sentido visado pelo Autor**, as seguintes proposições que este decreto geral [Post obitum] reprovava, condena e*

proscreeve efetivamente: sem que isso permita a quem quer que seja deduzir que as outras doutrinas do mesmo Autor, que não são condenadas por este decreto, sejam de qualquer forma aprovadas. Após isso, um relatório cuidadoso de tudo isso sendo apresentado à Santidade de N.S.

Leão XIII, Sua Santidade aprovou, confirmou o decreto dos Eminentes Padres e ordenou que fosse observado por todos” (5).

Essa citação mostra, evidentemente, que as 40 proposições de Rosmini foram condenadas não apenas em si mesmas (ou no sentido que lhe foi dado *“fora do contexto do pensamento rosminiano em uma ótica idealista, ontológica e em um sentido contrário à fé e à doutrina católica”*, como afirma a Nota, no n. 7) mas ***“in proprio Auctoris sensu, no sentido mesmo do Autor”***. Essa é a mesma fórmula utilizada em 1656 para reafirmar que as teses de

Jansênio haviam sido condenadas ***“segundo o sentido visado por esse mesmo ..., in sensu ab eodem... intento”*** (6).

A contradição entre um texto indiscutível do magistério eclesiástico aprovado pelo Papa Leão XIII e a Nota do cardeal Ratzinger aprovada por João Paulo II é absolutamente evidente e inegável.

Tentativa vã de negar a contradição ao invocar o precedente de 1854, quando as obras rosminianas foram “retiradas do processo”

a) a influência dos fatores culturais

A Nota da Congregação para a Doutrina da Fé lembra (à sua maneira, como veremos) os precedentes que dizem respeito à “questão rosminiana”. *“O Magistério da Igreja (...) interessou-se várias vezes, ao longo do século XIX, pelos resultados do trabalho intelectual do padre Antonio Rosmini Serbati (1797-1855). Ele colocou no Índice duas de suas obras em 1849, depois declarou isentas de todo suspeita [o texto original diz: ‘dimettendo poi dal esame’, o que pode ser traduzido mais corretamente por ‘retirando do processo’, nt], por Decreto doutrinal da Sagrada Congregação do Índice em 1854, a opera omnia, e condenou mais tarde, em 1887, quarenta proposições extraídas de obras na maioria póstumas e de algumas obras publicadas de sua vida, por Decreto doutrinal da Sagrada Congregação do Santo Ofício, intitulado ‘Post obitum’ (Denz 3201-3241). Uma leitura aproximada e superficial dessas diversas intervenções poderia fazer pensar em uma contradição intrínseca e objetiva por parte do Magistério na interpretação do conteúdo do pensamento rosminiano e sua avaliação diante do povo de Deus”_ (nn. 1 e 2). De fato, segundo a versão apresentada pela Nota, “o Decreto de 1854, pelo qual as obras de Rosmini foram lavadas de todo suspeita [o texto original diz ‘vennero dimesse’, mesma observação acima], atestam a reconhecimento da ortodoxia de seu pensamento e de suas intenções declaradas...”. De fato, se um Decreto de 1854 tivesse atestado a ortodoxia do pensamento de Rosmini, enquanto um Decreto de 1887 havia condenado 40 proposições (como a Nota pretende fazer crer), seria difícil negar a existência de certa contradição “intrínseca e objetiva”, e isso, precisamente no Magistério mais “tradicional”! A Nota, que nega essa contradição para poder sustentar que ela mesma não contradiz o decreto de condenação de 1887 (“está na mesma linha que se situa a presente Nota sobre o valor doutrinário desses decretos”_ n. 2), a Nota, dizíamos, se deleita quase em assinalar uma presunta incerteza da Igreja que, em 1854, atesta a ortodoxia do pensamento de Rosmini e,*

em 1887, atesta sua heterodoxia. Como explicar essa aparente contradição? A Nota a explica ‘à maneira modernista’:

“Uma leitura atenta, não apenas dos textos, mas também do contexto e da situação de sua promulgação” (n. 2) permitirá a Ratzinger explicar a “contradição” inventada por ele: a condenação de 1887 é devida às mudanças dos *“fatores de ordem histórico-cultural”* (n. 4), ou seja, ao renascimento do tomismo promovido por Leão XIII. Assim, uma condenação de ordem doutrinária é reduzida a uma simples questão entre diversas escolas teológicas; a atual conclusão do neotomismo explica como teses percebidas na época como erradas, não o são mais hoje. A Nota historiciza e, portanto, relativiza o Magistério por meio de uma operação que poderia ser aplicada a qualquer texto do Magistério - mesmo ao mais solene - que, devido às mudanças dos *“fatores de ordem histórico-cultural”*, se tornaria, assim, *“ultrapassado”* (7).

b) omissões e falsificações sobre o Decreto de 1854

Se a “contradição” entre os dois decretos (aquele de 1854 sob Pio IX e aquele de 1887 sob Leão XIII) não é resolvida pela nebulosa explicação do contexto cultural, como solucioná-la? Deveríamos admitir – como os partidários mais ferrenhos de Rosmini no século passado? – que a contradição existe e que Leão XIII... não era Papa!? (8). De jeito nenhum. Na realidade, é a Nota do cardeal Ratzinger que, com suas omissões e suas falsificações, impõe ao leitor um problema que não existe.

Aqui está a falsificação: afirmar que o Decreto de 1854 reconheceu a ortodoxia do pensamento de Rosmini. Quanto à omissão, ela consiste em não falar minimamente sobre esses documentos do Magistério que negam explicitamente essa falsa interpretação.

Um pouco de história esclarecerá as ideias do leitor. Após a inclusão de duas obras de Rosmini no Índice em 1849, muitos católicos denunciaram à Congregação do Índice sua *opera omnia* editada até então. *“Após os censores terem examinado suas obras durante três anos, os cardeais decidiram na sessão de 3 de julho de 1854, presidida por Pio IX: ‘dimittantur’ [retirar da consideração]”* (9). Mas que interpretação dar a essa fórmula? *“Os amigos de Rosmini e o teólogo da cúria papal interpretaram a decisão dos cardeais no sentido de uma aprovação tácita. A Civiltà Cattolica e L’Osservatore Romano negaram que houvesse aprovação:*

A obra de Rosmini é simplesmente não proibida” (nota 9). A Sagrada Congregação do Índice, a mesma que “retirou da consideração” (absolveu) a obra de Rosmini em 1854, teve então - forçada pelas falsas interpretações dos rosmínianos - que intervir pela primeira vez em 21 de junho de 1880 (e deste decreto a Nota do cardeal Ratzinger não faz menção): *“A Sagrada Congregação do Índice ... declarou que a fórmula ‘à retirar’ [dimittantur] significa somente que uma obra que é retirada não é proibida”* (10). Assim, ficou evidente que a Congregação dava razão aos adversários de Rosmini e erro a seus discípulos. Mas estes insistiram. *“O desacordo – escrevia a Civiltà Cattolica – não cessou, porque os discípulos de Rosmini entenderam esse ‘não proibidas’ como se, devido à sua qualidade e ortodoxia notórias, não poderiam ser proibidas e, portanto, que os filósofos e teólogos nada poderiam encontrar para censurá-las nem filosoficamente nem teologicamente”*

(11). Não é essa a tese do cardeal Ratzinger: o decreto de 1854 garantiu a ortodoxia das obras rosminianas? Mas essa pretensão (e hoje a de Ratzinger e da sua Nota) foi mais uma vez desmentida pela Congregação do Índice, à qual foram feitas as seguintes perguntas: *“1. Obras que foram denunciadas à Sagrada Congregação do Índice e que foram retiradas por ela do processo, ou que não foram proibidas, devem ser consideradas como isentas de todo erro contra a fé e os costumes?”*

2. Se a resposta for sim, as obras que foram retiradas pela Sagrada Congregação do Índice ou que não foram proibidas podem ser atacadas tanto filosoficamente quanto teologicamente sem incorrer no reproche [sic] de temeridade?

No dia 5 de dezembro de 1881, a Congregação do Índice respondeu negativamente à primeira pergunta (os livros retirados do processo não são, portanto, necessariamente isentos de todo erro contra a fé e os costumes) e afirmativamente à segunda (pode-se, assim, criticar as obras em questão sem temeridade, ou seja, sem estar em oposição ao decreto de 1854). O Papa Leão XIII aprovou essa resposta em 28 de dezembro (12). Também não há registro dessa segunda decisão da Congregação do Índice na Nota da Congregação para a Doutrina da Fé que, no entanto, afirma ter praticado uma *“exame aprofundado”*. O motivo é evidente: referir-se a esses dois decretos significaria destruir totalmente a falsa interpretação que se queria dar ao decreto de 1854: este não *“atestou”* [não] *“a reconhecimento da ortodoxia de sua [de Rosmini] pensamento e de suas intenções”* (n. 2), como se pretende fazer crer na Nota, mas concede apenas uma absolvição *“por insuficiência de provas”* a Rosmini (13).

Dessa forma, entre os dois Decretos, o de 1854 e o de 1887, não existe mesmo uma aparência de contradição intrínseca e objetiva, como pretende fazer crer a Nota: *“sob Pio IX – escrevia na época a Civiltà Cattolica – ficou definido que mesmo nas obras de Rosmini retiradas da consideração poderiam existir proposições condenáveis, porque contrárias à fé e aos costumes, e que sob Leão XIII ficou definido que nelas existiriam de fato. Se eu digo que pode chover e, em seguida, chove efetivamente, onde estaria a contradição? A existência de algo não se opõe à sua possibilidade, ela a inclui”* (l.c., p. 274).

Para a Nota, a culpa da condenação de 1887 reside no neotomismo. Mas a aversão à Escolástica é um sinal distintivo do modernismo

Segundo a Nota, como vimos, o Decreto de 1887 se enganou ao atribuir a Rosmini erros que ele não professava: *“o sentido das propostas, assim entendido e condenado por esse mesmo Decreto, não pertence, na realidade, à posição autêntica de Rosmini”* (n. 7). Mas a que se deve esse suposto erro? Para a Nota, o *“primeiro fator”* de *“ordem histórico-cultural”* que *“coloca as premissas de um julgamento negativo em relação a uma posição filosófica e especulativa como a posição rosminiana”* foi o *“projeto de renovação dos estudos eclesiásticos promovido pela encíclica Aeterni Patris (1879) de Leão XIII, na linha da fidelidade ao pensamento de Santo Tomás de Aquino”*. O segundo fator foi a dificuldade de compreender o pensamento de Rosmini, agora falecido, por aqueles que o liam *“na perspectiva neotomista”* (n. 4). Sem dúvida, a condenação de Rosmini amadureceu no clima da restauração da teologia escolástica e tomista promovida por Leão XIII... Mas nos questionamos: que valor os redatores da Nota, e João Paulo II que a aprovou, atribuem aos muitos numerosos documentos do Magistério a favor da escolástica e da doutrina de Santo Tomás?

(14). Suponhamos que, como o Decreto *Post obitum*, eles também devem ser considerados como “ultrapassados”, uma vez que a Nota não parece reconhecer-lhes valor doutrinal e disciplinar para o tempo presente (caso contrário, os princípios tomistas que levaram à condenação de Rosmini em 1887 teriam levado novamente à sua condenação em 2001). Isso é particularmente grave porque não é “especialmente (...) contra o risco do ecletismo” como afirma a Nota (n. 4), que a Igreja recomendou a escolástica e o tomismo, mas também e especialmente contra os erros modernos, proclamando que o fato de se afastar deles traz um grave e perigoso prejuízo à Fé (nota 14). É principalmente ao modernismo que a filosofia escolástica e a doutrina tomista representam um obstáculo, como recordava Santo Pio X na Encíclica *Pascendi*: “três coisas, eles sentem bem, barram seu caminho: a filosofia escolástica, a autoridade dos Pais e a tradição, o magistério da Igreja. A essas três coisas eles fazem uma guerra feroz. (...)”

E é um fato que, com o amor às novidades, vai sempre a par a aversão ao método escolástico; e não há indício mais seguro de que o gosto pelas doutrinas modernistas começa a aparecer em um espírito do que vê nascer o desgosto por este método”. A Nota, de um só golpe, declara “ultrapassados” os três obstáculos ao modernismo: escolástica, tradição e magistério.

Outras inexatitudes da Nota

Até agora, expusemos os erros mais graves da Nota sobre Rosmini. Contudo, ainda haveria muito a dizer: vamos abordar dois pontos.

a) O Decreto de 1887 teria sido apenas a expressão de uma preocupação!

O constrangimento da Nota transparece também na tentativa de minimizar a condenação (reconhecida como tal) de 1887. Ela é apresentada como “uma tomada de distância” (n. 4), um “julgamento negativo” (n. 4), expressando “as preocupações reais do Magistério” (n. 5) e “os motivos de preocupação e as dificuldades doutrinárias e prudenciais” (n. 7). A Nota afirma em particular que *a profunda coerência do julgamento do Magistério em suas diversas intervenções sobre o assunto é verificada pelo fato de que este mesmo Decreto doutrinal Post obitum não contém um julgamento que concerne a uma negação formal de verdades de fé por parte do autor, mas trata, antes, do fato de que o sistema filosófico-teológico de Rosmini era considerado como insuficiente e inadequado para guardar e expor certas verdades da doutrina católica, reconhecidas e confessadas pelo próprio autor*” (n. 5). No entanto, se lermos o Decreto *Post obitum*, não encontraremos nada disso. Se não diz explicitamente (mas isso não é excluído) que as proposições condenadas são heréticas, diz-se, no entanto, que elas não são conformes à verdade católica e que, como tais, são condenadas, proscritas e reprovadas: não há vestígio de insuficiência, inadequação ou simples dificuldade doutrinária, e ainda menos de caráter prudencial. Da mesma forma que exagera a importância da “absolvição” das obras feita em 1854, fazendo-a passar por um certificado de ortodoxia, a Nota diminui da mesma maneira a relevância da condenação de 1887, disfarçando-a como uma simples preocupação prudencial por uma doutrina insuficiente. Isso certamente não denota grande honestidade intelectual...

b) As interpretações heterodoxas do pensamento rosminiano seriam atribuídas a não-católicos

Ainda para atenuar a gravidade dos erros de Rosmini e a gravidade de sua condenação, a Nota atribui as *“interpretações errôneas e desviantes do pensamento rosminiano”* em oposição à fé católica *“em uma perspectiva idealista, ontológica e subjetivista”* aos *“pensadores não católicos”* e aos *“setores intelectuais da cultura filosófica laicista, marcada pelo idealismo transcendental ou pelo idealismo lógico ou ontológico”* (n. 5). Mas o autor do livro *Le Rosminianisme, synthèse du Panthéisme et de l’Ontologisme*, escrito e publicado em 1881 – com a aprovação do Mestre da sagrada Cúria (teólogo do Papa) – era católico ou não? É possível que católicos e não católicos tenham se enganado ao considerar a pensamento de Rosmini como heterodoxo?

As ambigüidades de Rosmini, ou como “embelezar a pílula”

A Nota admite, de fato, que o pensamento de Rosmini contém ambigüidades e equívocos. Mas se se acredita que assim é, como pode ser considerada a canonização de um pensador que permanece ambíguo e equívoco na Fé? Portanto, tem-se o receio de que essas concessões (o pensamento de Rosmini contém ambigüidades) tenham sido feitas para “embelezar a pílula”, para que logo sejam esquecidas e se tornem, posteriormente, “ultrapassadas”, enquanto permanecem na memória a reabilitação e a próxima beatificação de Rosmini.

Conclusão: um documento de importância aparentemente “menor”, na realidade grave e simbólico

Alguns pensarão que a questão que acabamos de abordar é de importância menor, e que, portanto, perdemos nosso tempo. Rosmini não era um ímpio, mas um sacerdote piedoso; muitos outros erros, muito mais graves do que a reabilitação de Rosmini, nos são continuamente infligidos. É verdade, existem fatos e documentos que em si são mais graves e escandalosos; mas – embora este seja um documento de importância aparentemente menor – ele continua a representar uma realidade grave e sintomática do aniquilamento progressivo e sorrateiro do magistério da Igreja.

Após o Decreto *Post obitum*, qual será a próxima vítima do “aggiornamento”?

Notas

1. Mgr Umberto Benigni, *Storia sociale della Chiesa*, vol. II, tomo I, p. 216, Vallardi, Milão 1912.
2. Heinrich Denzinger, *Símbolos e definições da Fé católica...*, editado por Peter Hünermann para a edição original e por Joseph Hoffman para a edição francesa, Ed. do Cerf, Paris 1996, p. 513.
3. *“As dificuldades doutrinárias em relação aos escritos de nosso Pai Fundador podem ser consideradas como superadas”*, carta da Postulação da Causa de Beatificação de Rosmini datada de 1º de julho de 2001, assinada pelo Preposto geral do Instituto da Caridade, pela Superiora geral das Irmãs da Providência, pelo Postulador Geral e pelo Vice-Postulador da Causa.
4. *“O Soberano Pontífice João Paulo II, durante a audiência de 8 de junho de 2001, concedida ao subscrito cardeal Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, aprovou esta Nota sobre o valor dos decretos doutrinários concernentes ao pensamento e às obras do*

sacerdote Antonio Rosmini Serbati, decidida em sessão ordinária, e ordenou sua publicação.”

5. Nossa tradução francesa do decreto *Post obitum* publicado por *La Civiltà Cattolica*, ano XXXIX, vol. X, série XIII, 1888, pp. 63-64.
6. Os Padres de *La Civiltà Cattolica* também não deixaram de ressaltar esse ponto do Decreto de condenação de Rosmini: “*O mesmo conselho [dos Cardeais] afirma que teve conhecimento do sentido em que Rosmini empregou as proposições em questão, e julgou que é no sentido mesmo empregado pelo autor que elas deveriam ser reprovadas, condenadas e proscritas; e é nesse sentido que ela as reprova, condena e proscribe, propositiones quæ sequuntur, in proprio auctoris sensu reprobandas, damnandas, ac proscribendas esse iudicaverit, prout hoc generali decreto reprobatur, damnatur, proscribit*” (*La Civiltà Cattolica*, ano 39, vol. X, série 13, 1888, pp. 269-270: *Soluzione della questione rosminiana* [Solução da questão rosminiana]).
7. Certamente, não queremos negar a existência de certa influência do contexto histórico sobre os textos doutrinários em geral, e, neste caso particular da condenação de Rosmini, a influência da promoção do tomismo por Leão XIII, assim como não queremos negar a utilidade de conhecer o contexto histórico de um documento para sua melhor compreensão. Mas negamos categoricamente que o exame do contexto histórico e cultural de um documento do Magistério (ou da Escritura Sagrada) possa autorizar a considerá-lo como “ultrapassado” em outro contexto, como se as fórmulas doutrinárias e/ou dogmáticas não tivessem um valor em si, e fossem apenas um produto sociocultural de uma época dada. A posição insinuada pela Nota destrói, de fato, radicalmente o próprio conceito e a permanência do Magistério eclesiástico (e mesmo da Revelação divina).
8. O fato é autêntico, e eu o encontrei consultando os velhos números de *La Civiltà Cattolica*, “*Soluzione della questione rosminiana*”, l.c., p. 273.
9. Denzinger, *op. cit.* pp. 703-704.
10. ASS 13 [1880/81] 92. Denzinger, *op. cit.*, p. 704.
11. *La Civiltà Cattolica*, “*Solução da questão rosminiana*”, l.c., p. 261.
12. Denzinger, nn. 3154-3155; ASS 14 [1981/82] 288.
13. “*É claro que, se sua culpabilidade tivesse sido demonstrada com certeza, ele deveria ser condenado; se sua culpabilidade não tivesse sido demonstrada, ele deveria ser absolvido, ou seja, solto; (...) A certeza prévia é necessária à condenação, porque é uma regra de direito que nemo præsumitur reus nisi legitime probetur; o que vale para qualquer tribunal.*” Leia a esse respeito toda a p. 260 de *La Civiltà Cattolica*, l.c.
14. Por exemplo, Leão XIII, Enc. *Æterni Patris*, DS 3139-3140 e a carta ao ministro geral da OFM de 27 nov. 1878; S. Pio X, Enc. *Pascendi*, m.p. *Sacrorum antistitum*, m.p. *Doctoris angelici*, e as 24 Teses, DS 3601-3624; Código de Direito Canônico, cann. 580§1 e 1366§2; Pio XI, c.ap. *Deus scientiarum Dominus* e Enc. *Studiorum ducem*, DS 3665-3667; Pio XII, Enc.

3. Anexo 3 - Artigo de « Trinta Dias», mensal italiano modernista (órgão vinculado à igreja conciliar), retratando a história da 'beatificação' de Rosmini, condenado pelo Papa Leão XIII

ANTONIO ROSMINI BEATO[34]

História de uma causa tumultuada

O postulador da causa de beatificação retrata os passos que levaram Rosmini aos altares

por Claudio Massimiliano Papa
do Instituto da Caridade



Vista da abadia beneditina da Sacra di San Michele, no Vale de Susa, que foi confiada aos rosminianos em 1836

A reputação de homem de Deus que acompanhou Antonio Rosmini desde sua juventude é ainda reforçada por algumas graças obtidas por sua intercessão. O padre Francesco Paoli, seu primeiro biógrafo, vê nessas graças e na devoção crescente a ele a oportunidade de introduzir a causa de beatificação imediatamente após sua morte; ele consulta diversas pessoas, mas logo encontra aqueles que freiam sua iniciativa. Em contrapartida, **os cardeais Hohenlohe e Bartolini, assim como os bispos piemonteses de Casale e Turim**, se pronunciam a favor da causa de beatificação.

Lorenzo Gastaldi, em particular, bispo de Turim, não se contenta em apenas aprovar a iniciativa, mas oferece seus conselhos e apoio. Em uma carta ao padre geral Luigi Lanzoni, ele o pressiona escrevendo: «Você deve apresentar sem demora seu pedido à cúria de Novara para que o processo seja aberto...».

E este mesmo prelado apoia os padres rosminianos, enviando uma carta ao bispo de Novara na qual se diz certo de que ele aceitará «o pedido mais do que legítimo desses excelentes Pais, à oração dos quais acrescento a minha»; em seguida, declarando-se disposto a dar à causa toda a ajuda possível, conclui que **«trata-se de cooperar para a glória de um dos personagens que mais iluminou a Igreja e o clero neste século»**.

No dia 22 de abril de 1882, o padre Paolo solicita ao bispo de Trento a permissão para coletar em seu diocesano testemunhos extrajudiciais sobre as virtudes do servo de Deus, com a intenção de abrir um processo informativo. A pesquisa foi iniciada, mas o processo não começou: não parecia prudente ao padre Lanzoni abrir «a grande causa de beatificação» naquele momento, **quando as obras de Rosmini estavam sendo examinadas pelo Santo Ofício**.

Foi exatamente com base nessa nova informação que o padre Lanzoni, no início de 1882, havia dirigido ao Papa Leão XIII o seguinte pedido: «... que pela graça, me sejam comunicadas (caso as notícias privadas fossem verdadeiras), pelo meio que Vossa Santidade encontrar mais adequado, **as propostas que eventualmente poderiam ter sido incriminadas nas ditas obras, a fim**

de esclarecer as obscuridades, ou seja, refutar as objeções que parecessem eventualmente ofender a santa doutrina da Igreja e da Sé apostólica». Durante os dois anos seguintes, Paoli prossegue seu incansável trabalho, escrevendo a segunda parte do livro *Della vita di Antonio Rosmini-Serbati*, sob o título *Delle sue virtù*.

Nesta obra, ele não se limita a demonstrar as virtudes heróicas praticadas por Antonio Rosmini, mas acrescenta cerca de trezentos testemunhos sobre as virtudes e a santidade deste último, apresentados por pessoas do mundo eclesiástico e laico que o haviam conhecido. Embora o material provando sua santidade de vida tenha se tornado considerável, **os superiores do Instituto religioso acharam melhor adiar o pedido de abertura do processo de beatificação, especialmente após o decreto *Post obitum* de 1887 que indicava possíveis erros doutrinários em quarenta propostas extraídas das obras de Rosmini.** O eventual pedido de abertura do processo de beatificação é, portanto, momentaneamente colocado de lado e não é mais mencionado por quarenta anos.

Foi em 1928 que o padre geral Balsari considerou oportuno tentar abrir a causa de beatificação de Antonio Rosmini. Além das curas miraculosas que haviam surgido justamente naquele ano, que são a razão principal, também foi **o ano do centenário da fundação do Instituto da Caridade** e ao se engajar a favor de Rosmini, dava-se novo ânimo ao Instituto, enfraquecido e humilhado pelo fato de ter sido fundado por um homem que ainda não havia sido compreendido. E também era necessário evitar a perda dos poucos testemunhos de visão ainda existentes e garantir os testemunhos *de auditu*.

A iniciativa de Balsari é incentivada não apenas pelas palavras do Papa, mas também pelo parecer do cardeal Gamba, arcebispo de Turim, e de Dom Mariani, secretário da Sagrada Congregação dos Ritos. O pedido feito aos bispos de Novara e Trento recebe um parecer favorável. Em 13 de janeiro, recebe sem dificuldades **da Sagrada Congregação dos Ritos o mandato de procuração para o padre Giuseppe Sannicolò e para os dois vice-postuladores, com o nihil obstat emitido pela Chancelaria da mesma Congregação e assinado pelo substituto, Dom Di Fava.** Com base nos cânones 2038 e 2939, então em vigor, os bispos podiam, *iure proprio*, instituir o processo informativo sobre a fama de santidade e o processo de não-culto. Enquanto **o bispo de Trento leva isso em consideração, instituindo o Tribunal e celebrando a primeira sessão, o de Novara escreve em 6 de janeiro de 1928 ao secretário de Estado, o cardeal Gasparri,** uma carta para solicitar informações. Como isso não era da sua competência, Dom Gasparri encaminha a carta ao **procurador geral da fé, Dom Salotti.** Após suas considerações sobre o caso Rosmini, ele responde ao bispo de Novara desaconselhando a introdução da causa de beatificação para «não reavivar antigas polêmicas, incitar discussões nem oportunas nem úteis, e despertar entre os clérigos e os leigos essas divisões que a caridade e a prudência aconselham a evitar».

No dia 5 de fevereiro seguinte, o padre Balsari, armado desses testemunhos, escreve ao Papa uma longa carta, em parte para informá-lo e em parte para suplicá-lo, pedindo que o processo de beatificação seja aberto no diocese de Novara e que seja continuado naquele de Trento, onde já tinha começado. Mas nenhuma ação é tomada e tudo é interrompido.

Várias outras tentativas foram feitas posteriormente para introduzir a causa. **Com exceção de Lanzoni, que é o homem da obediência humilde e silenciosa ao Post obitum, nenhum padre geral do Instituto da Caridade abandonou a tentativa de introduzir a causa de beatificação** de seu fundador.

Após o padre Balsari, a petição apresentada pelo padre geral Giuseppe Bozzetti durante o pontificado de Pio XII terá o mesmo resultado que a de 1928. Ali também, tudo estava pronto para a abertura do processo informativo no diocese de Novara, e o **postulador já estava nomeado na pessoa do padre John Hichey.** Mas no dia 4 de julho de 1947, o padre provincial recebe uma carta de Novara: ela é assinada por Dom Giovanni Cavigioli, que «com uma alma profundamente consternada» comunica **a resposta negativa da Sagrada Congregação dos Ritos. É o próprio cardeal Salotti, na qualidade de prefeito da Congregação, que a redigiu e que reafirma o “não”** com base nas mesmas motivações dadas em 1928.



Uma foto de época do Colle Rosmini com o santuário onde está sepultado o padre de Rovereto e onde se encontra o Colégio que lhe é dedicado.

No tempo de João XXIII, a partir de 1962, o padre geral da época, Giovanni Gaddo, começa a recolher uma série de informações para verificar a oportunidade de uma nova tentativa. **Os contatos com o cardeal Larraona, prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, com Dom Antonelli, promotor da Fé,** e com o cardeal Ottaviani, secretário do Santo Ofício, têm todos uma saída positiva. **O cardeal Larraona,** em cujas mãos a causa é depositada (pois, segundo a vontade explícita de seu fundador, o Instituto não tem um cardeal protetor) **mostra-se particularmente benevolente.**

O próprio Papa, em sua prudência e solicitude, se interessa pela causa de Rosmini com a intenção declarada de lidar com ela assim que o Concílio fosse concluído, desejando que a causa de Rosmini fosse uma causa histórica e não doutrinária. O novo ambiente é encorajador e o pedido de obtenção do nihil obstat por parte da Sagrada Congregação dos Ritos parte em 17 de setembro de 1962, mas o ímpeto de esperança de alcançar o objetivo é aniquilado pela morte do papa, em junho de 1963.

Enquanto isso, **os Padres conciliares discutem os problemas relacionados à liturgia, e o procurador geral julga bom enviar como homenagem ao cardeal Larraona o livro Les cinq plaies, que aborda essas questões.** Ele acompanha seu presente com reflexões sobre as razões históricas e políticas pelas quais esse livro foi colocado no Index, expressando o desejo de

que «**essa proibição possa ser levantada no momento oportuno**».

Em março de 1965, os contatos para abrir a causa de Rosmini são retomados. Em um encontro com o cardeal Ottaviani, Secretário da Congregação do Santo Ofício, o padre geral ouve: «Vamos começar agora mesmo. Prepare todas as objeções e já adicione respostas a elas, de modo que, quando o processo nos chegar, tudo esteja preparado para uma boa solução. Precisamos buscar pessoas muito competentes».

A petição é enviada em meados de dezembro e é comunicada por meio de **Dom Angelo Dell'Acqua** para obter o consentimento do Papa para a abertura do processo. Por volta de **novembro de 1966, o padre Bolla, rosminiano, procurador do Instituto da Caridade, lembra ao cardeal Larraona** que nenhuma resposta ainda foi recebida, enquanto o padre geral, durante um encontro com Dom Dell'Acqua, portador da petição, questiona sobre esse atraso e recebe como resposta apenas que «são coisas que precisam ser bem refletidas», com o conselho de solicitar uma audiência ao Santo Padre. Mas algum tempo depois, ele faz entender que é melhor desistir. As novas esperanças, alimentadas por essas vozes favoráveis, se apagam como as anteriores, e as razões para esse silêncio permanecem vagas.

Existem nos arquivos gerais rosminienses documentos datados dos primeiros meses de 1971 que comprovam a intenção de reativar a causa de beatificação de Rosmini. **Em 19 de maio, encontra-se de fato um Relatório sobre o problema das “quarenta propostas”, apresentado a Dom Giuseppe Del Ton com um Memorando em anexo, enviado ao cardeal Franjo Seper, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé,** no qual se solicita o Nihil obstat. Também no dia 20 de maio, há uma Petição ao papa por parte do padre geral. A resposta do cardeal Seper a Dom Del Ton é datada de 9 de junho e informa que «este Dicastério não concede um Nihil obstat desse tipo em nível preventivo; é por isso que esta Sagrada Congregação se reserva para tratar com a maior imparcialidade a questão da eventual beatificação assim que uma requisição oficial for recebida por parte da Congregação para as causas dos santos».

Os contatos informais para uma nova tentativa são retomados no final do verão de 1971. Dom Del Ton e o cardeal Nasalli Rocca di Corneliano reafirmam ao padre rosminiano Clemente Riva que os círculos do Vaticano, inclusive o Papa, estão favoráveis. Esse mesmo padre recebe orientações precisas sobre o procedimento a seguir por parte de **Dom Frutaz, subscrutador da Congregação para as Causas dos Santos**. É necessário: a Petição ao Papa por parte do padre geral em nome do Instituto, de amigos e especialistas de Rosmini, que enfatizam a personalidade e a utilidade atual da vida santa e do pensamento rosminiano, o Perfil de sua vida e de suas virtudes, a alusão explícita às “quarenta propostas”, o Nihil obstat e um Ponente (um cardeal ou mesmo o superior geral) que apresente ao Papa a petição com todo o material.

Em 24 de maio de 1972, uma Petição é apresentada ao Santo Padre por meio de Dom Pasquale Macchi. Os signatários são o padre Francesco Berra, procurador do Instituto, e o padre Clemente Riva, vigário do padre geral. No final do mês de maio, Dom Macchi informa que a Petição e a documentação que a acompanha foram corretamente encaminhadas. **Em 18 de novembro de 1972, a Congregação para a Doutrina da Fé se dirige ao padre Cornelio Fabro, estigmatino,** e ao padre rosminiano Clemente Riva (em 7 de dezembro de 1973) para obter a

opinião deles sobre a questão rosminiana.



O bispo de Novara, Renato Corti (o segundo da esquerda), e o padre Claudio Massimiliano Papa (o segundo da direita), postulador da causa de beatificação, durante a coletiva de imprensa de apresentação da cerimônia de beatificação de Rosmini.

Dada a complexidade da questão, **uma comissão é constituída em abril de 1974 junto à Congregação para a Doutrina da Fé** para estudar a questão rosminiana e apresentar as conclusões aos membros do dicastério. Fabro e Riva fazem parte dessa comissão. O trabalho continua até meados de 1976 e é apresentado na sessão plenária do dicastério; um grande número de membros parece favorável à abolição do Post obitum, enquanto outros são contrários. O padre rosminiano Clemente Riva deixará a comissão ao ser eleito bispo auxiliar de Roma alguns meses antes da conclusão dos trabalhos.

A Congregação para a Doutrina da Fé, após examinar o caso, não emite um parecer negativo, mas, como relata a Dom Riva **Dom Hamer, secretário da Congregação, decide o *non expedit nunc*** devido à disparidade de julgamento dos consultores. Além disso, convida os especialistas a aprofundar seu conhecimento sobre Rosmini para encontrar uma interpretação que permita levantar a censura.

Há nesta resposta um sério problema: um autor pode ser e permanecer condenado quando a “suprema autoridade” mesmo duvida que esse autor possa estar certo e que possa haver uma interpretação favorável a ele? Essas dúvidas atormentam os especialistas e admiradores de Rosmini.

Com base em novas pesquisas, **em 5 de junho de 1990, o padre geral Giovanni Zantedeschi envia à Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé** a documentação relativa a «novos elementos de avaliação que podem esclarecer a posição exata de Antonio Rosmini em relação às “quarenta propostas” condenadas no decreto Post obitum».

No mês seguinte, o padre Remo Bessero Belti é nomeado como especialista do Instituto, com a intenção de instituir uma comissão de estudos encarregada de reexaminar a questão rosminiana. A procedure seguida pela Sagrada Congregação é a seguinte: numa primeira fase, é apresentada ao especialista rosminiano as dificuldades e as reservas levantadas sobre o pensamento de Rosmini durante a análise anterior, realizada em 1976; em seguida, sua resposta por escrito a essas dificuldades e questionamentos; finalmente, convoca-se a Comissão de estudos, da qual o padre Bessero Belti é membro, com a tarefa de discutir e expressar um parecer sobre o assunto.

O resultado da análise é positivo e permite a redação **da Declaratio de 19 de fevereiro de 1994 com o *non ob stare* no sentido de que “se possa abrir a causa de beatificação do servo de Deus Antonio Rosmini, padre fundador do Instituto da Caridade e das Irmãs da Providência”. Pode-se ler, ao final do documento, que a “Congregação da fé deverá ser de novo chamada a se pronunciar sobre o julgamento doutrinal definitivo a esse respeito”.**

No dia 18 de fevereiro seguinte, o superior geral comunica a **Dom Renato Corti, bispo de Novara**, no diocese do qual começará o processo informativo. O bispo procede à nomeação dos três teólogos e da Comissão histórica para o diocese de Novara, onde Rosmini viveu e morreu, e sugere a constituição de uma comissão idêntica para o diocese de Trento, onde Rosmini nasceu e foi educado. **Em 10 de março de 1994, o decreto de *non ob stare* é notificado a todos os bispos da Conferência Episcopal piemontesa.**

Em 1º de julho de 1997, é constituído o Tribunal diocesano para o processo informativo sobre a fama de santidade do servo de Deus Antonio Rosmini e eu, religioso rosminiano, sou nomeado novo postulador geral do Instituto da Caridade e das Irmãs da Providência. A irmã Carla Cattoretti, religiosa das Irmãs da Providência, é nomeada vice-postuladora. Ela deixará esse cargo em 2001, quando for eleita superiora geral. **Em 20 de fevereiro de 1998, conclui-se o processo diocesano e o Transunto é comunicado à Congregação para as Causas dos Santos. Em março de 1999, o padre Ambrogio Eszer, op, me convoca imediatamente e me fornece instruções precisas sobre como conduzir o estudo para compor a Positio.**

Na Instrução comunicada pelo padre Eszer, é indicado que deverão constar como documento, entre os capítulos da bibliografia documental, as “quarenta propostas” condenadas pelo Santo Ofício em 1887, com **uma introdução que prove que as doutrinas condenadas não são as do servo de Deus.** Este capítulo será apresentado **separadamente à Congregação para a Doutrina da Fé, de acordo com o que foi estabelecido pelo excelentíssimo arcebispo Alberto Bovone, secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, na carta de 19 de janeiro de 1994 enviada a Sua Excelência Reverendíssima Dom Giovanni Battista Re, substituto na Secretaria de Estado.**

É com esse objetivo que **em 2 de dezembro de 1999, submeto ao relator o capítulo da Positio** que examina as circunstâncias históricas e as conclusões teológicas que levaram ao Post obitum. Este estudo, completamente preparado por mim, busca demonstrar que «o sentido das “propostas” condenadas não pertence de fato à posição autêntica do autor».

Em 1º de julho de 2001, L’Osservatore Romano publica a Nota da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a “valoração dos decretos doutrinários relativos ao pensamento e às obras do reverendo padre Antonio Rosmini Serbati”. A Nota é assinada por quem era então o prefeito da Congregação, o cardeal Joseph Ratzinger.

Em 1º de julho de 2001, dia do centésimo quadragésimo sexto aniversário da morte do servo de Deus Antonio Rosmini, L’Osservatore Romano publica a Nota da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a «valoração dos decretos doutrinários relativos ao pensamento e às obras do reverendo padre Antonio Rosmini Serbati». Na Nota, após uma investigação histórica e um cuidadoso estudo

do contexto, é declarado: «***Pode-se considerar que os motivos de preocupação e dificuldades doutrinárias e prudenciais que determinaram a promulgação do decreto Post obitum de condenação das “quarenta propostas” extraídas das obras de Antonio Rosmini estão, hoje, ultrapassados. E isso se deve ao fato de que o sentido das propostas, conforme entendido e condenado por este mesmo decreto, não pertence, na realidade, à posição autêntica de Rosmini, mas a conclusões possíveis da leitura de suas obras***». O documento é assinado por quem era então o **prefeito da Congregação, o cardeal Joseph Ratzinger**. Posteriormente, o Santo Padre Bento XVI autoriza a Congregação para as Causas dos Santos, dirigida pelo **prefeito, o cardeal José Saraiva Martins**, a promulgar, em 26 de junho de 2006, o decreto sobre o exercício heróico das virtudes testemunhadas por Antonio Rosmini, e um ano depois, **em 1º de junho de 2007, o decreto sobre o milagre** ocorrido por intercessão do venerável Antonio Rosmini.

Hoje, finalmente, após todo o trabalho realizado, primeiramente pelo **diocese de Novara, ao qual agradeço ao bispo Monseigneur Renato Corti** e sua cúria diocesana, e depois pela congregação para as Causas dos Santos, à qual expressei sempre minha gratidão, começando por seu prefeito já citado, assim como pelo atual secretário Dom Michele Di Ruberto, e a todos que trabalharam para levar a cabo esta difícil causa, ao oferecer ao Santo Padre Bento XVI a documentação necessária para promulgar o decreto de beatificação, cujo anúncio será feito no dia 18 de novembro próximo no diocese de Novara, conforme os novos procedimentos para os ritos de beatificação.

Claudio Massimiliano Papa (modernista da igreja conciliar)

[34] <http://www.30giorni.it/fr/articolo.asp?id=15819>

http://www.30giorni.it/fr/articolo_stampato.asp?id=15819

Anexo 4 - Nota de Ratzinger reabilitando Rosmini (30 de junho de 2001)

NOTA DA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ [35]

SOBRE O VALOR DOS DECRETOS DOCTRINAIS RELACIONADOS AO PENSAMENTO E ÀS OBRAS

DO REV. PADRE ANTONIO ROSMINI SERBATI,

30.06.2001

1. O magistério da Igreja, que tem o dever de promover e guardar a doutrina da fé, e de preservá-la das ameaças recorrentes de alguns correntes de pensamento e práticas determinadas, se interessou várias vezes durante o século XIX pelos resultados do trabalho intelectual do Rev. Padre Antonio Rosmini Serbati (1797-1855), colocando no Índice duas de suas obras em 1849, depois excluindo desse exame a *opera omnia* em 1854, por um Decreto doutrinal da Santa Congregação do Índice, e, em seguida, condenando em 1887 quarenta proposições, extraídas em sua maioria de obras póstumas, e de outras obras inéditas durante a vida, pelo Decreto doutrinal, chamado *Post Obitum*, da Santa Congregação do Santo Ofício (Denz 3201-3241).
2. Uma leitura aproximativa e superficial dessas diversas intervenções poderia levar a pensar em uma contradição intrínseca e objetiva por parte do Magistério na interpretação dos conteúdos do pensamento rosminiano, e em sua avaliação diante do povo de Deus. No entanto, uma leitura atenta, não apenas dos textos, mas também do contexto e da situação em que foram promulgados, ajuda a compreender, e mais ainda em um necessário desenvolvimento, uma apreciação ao mesmo tempo vigilante e coerente, considerando, como sempre, que em qualquer circunstância, deve-se proteger a fé católica e se mostrar determinado a não consentir em suas interpretações desviantes ou redutivas. É nesta linha que se insere a presente *Nota* sobre o valor dos mencionados decretos.
3. O Decreto de 1854, pelo qual foram excluídas as obras de Rosmini, atesta o reconhecimento da ortodoxia de seu pensamento e de suas intenções declaradas, quando, a respeito da inclusão de duas de suas obras no Índice em 1849, escrevia ao Bem-aventurado Pio IX: “Quero me apoiar em tudo na autoridade da Igreja, e quero que

todos saibam que é a essa autoridade apenas que adiro”¹. No entanto, o Decreto em si não pretendia significar a adoção, por parte do Magistério, do sistema de pensamento rosminiano como instrumento filosófico-teológico de mediação da doutrina cristã, nem pretendia expressar qualquer opinião sobre a plausibilidade especulativa e teórica das posições do autor.

4. Os eventos ocorridos após a morte do Rovérétain exigiram que se tomasse distância de seu sistema de pensamento, e particularmente de algumas de suas formulações. É necessário esclarecer os principais fatores de ordem histórico-cultural que influenciaram tal distância, que culminou com a condenação das “Quarenta proposições” do decreto *Post Obitum* de 1887.

Um primeiro fator refere-se ao projeto de renovação dos estudos eclesiásticos promovido na Encíclica *Aeterni Patris* (1879) de Leão XIII, na linha da fidelidade ao pensamento de São Tomás de Aquino. A necessidade reconhecida pelo Magistério pontifício de fornecer um instrumento filosófico e teórico, fixado no tomismo, apto a garantir a unidade dos estudos eclesiásticos, principalmente na formação dos padres nos seminários e nas Faculdades teológicas, contra o risco do ecletismo, colocava as premissas de um julgamento negativo em relação a uma posição filosófica e especulativa, como a posição rosminiana, que diferia pela linguagem e por todo o aparato conceitual da elaboração filosófica e teológica de São Tomás de Aquino.

Um segundo fator a ser mantido em mente é que as proposições são extraídas em grande parte de obras póstumas do autor, cuja publicação se encontrava desprovida de um aparato crítico capaz de explicar o sentido preciso das expressões e dos conceitos que haviam adotado. Assim se favoreceu uma interpretação em um sentido heterodoxo do pensamento rosminiano, o que se deve também à dificuldade objetiva em interpretar suas categorias, principalmente se fossem lidas na perspectiva neotomista.

5. Além de tais fatores determinados pela contingência histórico-cultural e eclesial da época, deve-se reconhecer que o sistema rosminiano contém conceitos e expressões às vezes ambíguos e equívocos que exigem uma interpretação vigilante e que podem ser esclarecidos apenas à luz do contexto mais geral da obra do autor. A ambiguidade, a equívoca, e a difícil compreensão de certas expressões e categorias, presentes nas proposições condenadas, explicam, entre outras coisas, as interpretações em um sentido idealista, ontologista e subjetivista, que foram aquelas dos pensadores não católicos, contra as quais o Decreto *Post Obitum* se opunha objetivamente. O respeito pela verdade histórica exige, por outro lado, que se destaque e se confirme o papel importante do Decreto de condenação das “Quarenta proposições”, na medida em que não apenas expressava as reais preocupações do Magistério contra os erros e as interpretações desviantes do pensamento rosminiano, em oposição à fé católica, mas também prevenia contra o fato atestado da recepção do rosminianismo no campo intelectual da cultura filosófica laica, marcada pelo idealismo transcendental ou pelo idealismo lógico e ontológico. A profunda coerência da escolha do Magistério em suas diversas intervenções a esse respeito se verifica no fato de que o mesmo Decreto doutrinal *Post Obitum* não se referia ao julgamento sobre a negação formal da verdade da fé por parte do autor, mas sim ao fato de que o sistema filosófico-teológico de Rosmini era considerado insuficiente e inadequado para preservar e explorar certas verdades da doutrina católica, que no

entanto o próprio autor reconhecia e confessava.

6. Por outro lado, deve-se reconhecer que uma leitura científica ampla, séria e rigorosa do pensamento de Antonio Rosmini, particularmente no campo católico de teólogos e filósofos pertencentes a diversas escolas de pensamento, mostrou que tais interpretações contrárias à fé e à doutrina católica não correspondiam, na realidade, à posição autêntica do Rovérétain.
7. A Doutrina para a Doutrina da Fé, após um exame aprofundado dos dois decretos doutrinais, promulgados no século XIX, e com base nos resultados da historiografia e da pesquisa científica e teórica das últimas décadas, chegou à seguinte conclusão:

Pode-se atualmente considerar como ultrapassados os motivos de preocupações e de dificuldades doutrinais e prudenciais que determinaram a promulgação do Decreto *Post Obitum* que condenava as “Quarenta proposições” extraídas das obras de Antonio Rosmini. E isso porque o sentido das proposições, assim compreendidas e condenadas pelo mesmo Decreto, não pertence de fato à posição autêntica de Rosmini, mas a possíveis conclusões da leitura de suas obras. Contudo, permanece a questão da plausibilidade do sistema rosminiano em si, de sua consistência especulativa e das teorias ou hipóteses filosóficas e teológicas por ele expressas, ainda a ser debatida teoricamente.

Ao mesmo tempo, a validade objetiva do Decreto *Post Obitum* permanece, no que diz respeito à prescrição das proposições condenadas, para quem as lê fora do contexto do pensamento rosminiano, sob uma ótica idealista, ontológica, e em um sentido contrário à fé e à doutrina católica.

8. Ademais, a própria Carta Encíclica de João Paulo II *Fides et ratio*, enquanto situa Rosmini entre os pensadores mais recentes nos quais se realiza a união fecunda do saber filosófico e da Palavra de Deus, indica ao mesmo tempo que, por essa expressão, não se pretende “avalizar todos os aspectos de seu pensamento, mas apenas propor exemplos significativos de um caminho de pesquisa que se beneficiou consideravelmente da confrontação com os dados da fé”².
9. Deve-se também afirmar que a empreitada especulativa e intelectual de Antonio Rosmini, caracterizada por grande audácia e coragem, mesmo que testemunhe uma certa ousadia arriscada, especialmente em algumas formulações, ao tentar oferecer novas oportunidades à doutrina católica em relação aos desafios do pensamento moderno, se desenvolveu em um horizonte ascético e espiritual, reconhecido também por seus mais ferrenhos adversários, e encontrou sua expressão nas obras que acompanharam a fundação do Instituto da Caridade e das Irmãs da Providência Divina.

O Sumo Pontífice João Paulo II, durante a audiência de 8 de julho de 2001, concedida ao abaixo-assinado Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, aprovou esta Nota, decidida em Sessão Ordinária, sobre o valor dos decretos doutrinais referentes ao pensamento e às obras do Rev. Antonio Rosmini Serbati, e ordenou sua publicação.

Roma, Sede da Congregação para a Doutrina da Fé,

1 de julho de 2001-08-18.

JOSÉ Card. RATZINGER
Prefeito

TARCÍSIO BERTONE, S.D.B.
Arcebispo emérito de Vercelli
Secretário

¹ ANTONIO ROSMINI, "Carta ao Papa Pio IX", em *Epistolário completo*, Casale Monferrato, tip. Pane 1892, vol. X, 541; (lett. 6341).

² GIOVANNI PAOLO II, Lett. Enc. *Fides et ratio*, n.74, em AAS, XCL, 1999 – I, 62.

[35] <http://www.philosophiedudroit.org/note%20congregation%20trad%20francaise.htm>

ANEXO 5 - A missão rosminiana na Inglaterra

Terence WATSON, i.c.

Casa Rosmini

Durham (Inglaterra).

1- Rosmini e a Inglaterra

Antonio Rosmini nutria uma afeição especial pela Inglaterra. Ele rapidamente reconheceu algumas qualidades dessa nação, como sua estabilidade política e o equilíbrio de sua constituição. Além disso, aceitou o espírito religioso do povo. Ele escreve: "Os católicos ingleses ocupam um lugar especial no meu coração. Não sei o que faria se pudesse ajudá-los em alguma coisa. Quanto a mim, penso em não negligenciar de forma alguma tudo o que a Divina Providência me convidaria a fazer em benefício deles; eu gostaria de dar até mesmo meu sangue pela glória do nosso Senhor, embora meu sangue não tenha nenhum valor." Em sua grande obra, a *Filosofia do Direito*, ele escreve que a Inglaterra é "uma nação onde não se pode negar que o sentimento de moralidade e justiça é grande e popular." Pode-se ver que Antonio Rosmini já estava preparado, pelo menos mentalmente, para uma obra apostólica na Grã-Bretanha.

2- A situação católica na Inglaterra.

Na Grã-Bretanha, desde o reinado do rei Henrique VIII até o século XIX, a Igreja Católica não tinha nenhum direito legal de existir. No entanto, no início do século, os católicos podiam praticar sua religião sem muito assédio, desde que não realizassem atos públicos. Não lhes era permitido construir igrejas. Mas as coisas mudaram quando o governo passou o Ato de Emancipação em 1829. Então, dentro de uma seção da Igreja Anglicana, desenvolveu-se uma espécie de renovação que se chamou de Movimento de Oxford. Muitos anglicanos se converteram à fé católica, e o resultado geral foi um entusiasmo vibrante e zeloso pela conversão de toda a Inglaterra. Falava-se de uma nova primavera para a fé católica, "the Second Spring", ou seja, o segundo primavera. Assim, durante esse período, alguns anglicanos se converteram: John Henry Newman, Lord Shrewsbury, F.W. Faber, Nicholas Wiseman (que se tornaria o primeiro cardeal de Westminster), Henry Manning (também se tornou cardeal de Westminster), Augustus Welby Pugin (que, como arquiteto, projetou dezenas de novas igrejas para os católicos, após a Emancipação), e também um certo William Lockhart, amigo e discípulo de Newman e, posteriormente, discípulo de Rosmini, tanto religiosamente quanto filosoficamente.

Pode-se realmente dizer que o terreno religioso na Inglaterra estava pronto para receber uma nova evangelização e que a Igreja Católica deveria desempenhar um papel na vida pública da nação. A Providência estava preparando uma contribuição italiana a essa Segunda Primavera.

3- Bispo Baines.

Um católico inglês que acolheu a Emancipação da Igreja com muita energia cristã foi Augustine Baines. Homem de caráter excêntrico, ele era um monge beneditino, anteriormente o subprior de um mosteiro no norte da Inglaterra. Ele deixou esse mosteiro para trabalhar na missão beneditina de Bath, uma cidade histórica procurada pela alta sociedade inglesa. Entre seus projetos, ele desejava fundar um colégio, um seminário e, de maneira otimista, uma universidade católica, pois mesmo após a Emancipação, nenhum católico podia frequentar as duas universidades de Oxford e Cambridge. Baines, para realizar sua ambição, precisava de assistentes. Ele, então, retornou ao seu mosteiro com sete monges (e também com vacas!) para ocupar um grande e esplêndido castelo chamado Prior Park, localizado perto de Bath. Mais tarde, ele se tornou bispo e foi nomeado Vigário apostólico dessa região. No entanto, após todas essas peregrinações e seus relacionamentos difíceis com várias pessoas, sua saúde não conseguiu mais suportar, e ele precisou descansar: foi para Roma, sem perder contudo seu entusiasmo, e durante sua estadia, se dedicou a recrutar professores para seu colégio.

3-Ambrose Philips Delisle.

Entre os convertidos ao catolicismo, havia um jovem chamado Ambrose Delisle. De uma família anglicana, Delisle se converteu quando tinha apenas dezesseis anos. Imediatamente, ele se entregou totalmente à sua nova Fé e desejava trabalhar pela conversão de toda a Inglaterra. Assim, três anos depois, quando tinha dezenove anos, cheio de zelo apostólico, ele converteu um sacerdote anglicano chamado Spencer, que era um antepassado da atual Princesa de Gales. Delisle se casou com uma jovem de uma antiga família católica inglesa e, para esse casamento, recebeu de seu pai a mansão e a propriedade que levam o nome francês de "Grâce à Dieu". Assim, ele se tornou proprietário de uma importante terra no condado de Leicestershire, no centro da Inglaterra. Finalmente, seguindo o costume de muitos convertidos, ele quis visitar a capital do mundo católico e chegou a Roma em 1830.

4-Antonio Rosmini.

No desenrolar dessa história, um terceiro personagem desempenhou um papel decisivo: Antonio Rosmini. Em 1828, ele foi a Roma para obter a aprovação papal da obra que havia empreendido em Monte Calvario, no vale de Ossola, não longe da fronteira suíço-italiana: um novo instituto religioso chamado Instituto da Caridade. No entanto, seus negócios se prolongaram, e durante essa estadia forçada, ele publicou o livro que apresenta a fundação de todo o seu sistema filosófico: a *Origem das Ideias*. Além disso, em 1830, ele conheceu um jovem romano, estudante em vista do sacerdócio, Luigi Gentili.

6-Luigi Gentili.

Luigi Gentili, um verdadeiro romano, tinha diploma em direito civil e canônico, e nutria a grande ambição de se tornar membro do "set" social e aristocrático de Roma. Cheio de confiança e

energia, ele buscou e obteve um título de nobreza e aprendeu a tocar piano, pois tinha uma voz forte e melodiosa e sabia cantar bem. Assim, conseguiu se introduzir nas classes altas da sociedade romana. Frequentava os salões das famílias aristocráticas e ricas e, para ajudar nesse propósito, começou a falar fluentemente inglês. Um dia, conheceu uma jovem inglesa da qual se apaixonou. Ele lhe propôs casamento, o que ela aceitou. Mas, infelizmente, o guardião da jovem era o bispo Baines de Bath, que não considerava Gentili um marido adequado para sua pupila! Sem perder mais tempo, Baines levou a pobre jovem apressadamente para longe de Roma. Para Gentili, o mundo desmoronou. Ele se tornou desencantado com a vida da sociedade e começou a cultivar não mais as coisas do mundo, mas as de Deus, e começou a trabalhar para seu sacerdócio. Durante esse período, o encontro com Rosmini o impressionou tanto que ele desejou se tornar membro do novo instituto religioso fundado por Rosmini.

7-As origens da missão.

Devemos, portanto, voltar nossa atenção para Roma, pois é lá que as origens da missão rosminiana inglesa encontram suas raízes.

Embora o Monsenhor Baines não quisesse Gentili como o esposo de sua pupila, ele percebeu suas notáveis qualidades. Evidentemente, Gentili, como sacerdote, seria um bom professor. Ele o convidou, portanto, a vir para Prior Park. Gentili, sempre pronto para fazer algo pelo bem da Inglaterra, respondeu positivamente.

Ambrose Delisle, também durante sua visita a Roma, buscava um sacerdote "zeloso e bem preparado" que evangelizasse os inquilinos de suas terras em Leicestershire, cuja pobreza era extrema. Ele se dirigiu ao Colégio Irlandês, onde conheceu Gentili, e os dois discutiram a possibilidade de uma missão inglesa. Novamente, Gentili se mostrou muito entusiasmado com a empreitada. Mas ele não poderia mais tomar nenhuma decisão porque já havia se submetido à obediência a Rosmini.

Em 1831, Rosmini retornou a Monte Calvario. Gentili lhe escreveu para informá-lo das solicitações dos dois ingleses. Rosmini mostrou o mesmo entusiasmo que Gentili, mas primeiro queria que ele completasse seu noviciado em Monte Calvario e se preparasse para a missão. Enquanto isso, Delisle partira de Roma para começar sua viagem de retorno à Inglaterra. Ele ficou alguns dias em Milão e lá fez conhecimento pessoal com Antonio Rosmini. Os dois homens estabeleceram uma amizade íntima. Naturalmente, Delisle falou entusiasticamente sobre seus planos de evangelização, e Rosmini mais uma vez expressou seu próprio entusiasmo, disposto a cooperar com o projeto do jovem.

Monsenhor Baines, por sua vez, se dirigira diretamente e pessoalmente a Rosmini para obter professores para seu colégio em Prior Park. Portanto, era necessário que Rosmini decidisse entre Baines e Delisle, mas a solução do problema já estava escrita nas Constituições do Instituto da Caridade: deve-se dar preferência aos pedidos dos bispos. De qualquer forma, Baines havia persuadido Delisle a retirar seu pedido. Então, decidiu-se que os missionários rosminianos iriam ensinar no colégio de Prior Park.

8 - Os missionários.

No noviciado de Monte Calvario, havia um jovem francês, de Carpentras, na Savoia, chamado Émile Belisy, e parece que Rosmini já o considerava adequado para a missão inglesa. Mais tarde, outro francês, Antoine Rey, também savoyardo, ingressou no Instituto, e Rosmini o destinou para ser o terceiro membro da missão. O número dos primeiros missionários ficou, assim, em três: um padre italiano que falava fluentemente inglês e dois franceses que, naquele momento, não falavam nada.

O período de preparação para essa missão durou quatro anos. Durante esse tempo, além da vida religiosa, os dois franceses deveriam aprender inglês, e Rosmini, que havia sido escolhido para se tornar pároco da sua cidade natal, Rovereto, levou Gentili consigo para aprofundar seu sistema filosófico.

Todos os três missionários deveriam se reunir em Prior Park, prontos para começar o ano letivo de 1835.

Neste ponto da história, é importante mencionar a relação entre Rosmini e o Papa Gregório XVI. Rosmini, em sua primeira visita a Roma em 1823, conheceu o Padre Mauro Capellari, e ambos se tornaram bons amigos. Rosmini havia solicitado conselhos e direção sobre a fundação do novo instituto, e Capellari o apoiou e encorajou. Além disso, Capellari apreciava o talento filosófico do jovem padre. Essa troca de ideias e o apoio permaneceram sólidos e cordiais quando o padre se tornou cardeal e, finalmente, foi eleito papa, adotando o nome de Gregório XVI. Rosmini desejava que seu Instituto permanecesse sempre fiel e vinculado à Santa Sé. Assim, no momento em que a missão inglesa parecia se tornar uma realidade, ele buscou primeiro a aprovação do Papa, que lhe enviou um *Breve* (dezembro de 1834) no qual indicava que deixava "à sua prudência aceitar ou não a missão proposta por Monsenhor Baines". Uma vez decidido, Rosmini enviou Gentili e seus dois confrades a Roma para receberem a bênção pessoal do Papa. O Papa recebeu os peregrinos calorosamente em 15 de maio: informou-os de que havia apenas dezesseis padres em Londres, apesar de uma população católica tão grande quanto a de Roma. Assim, os encorajou: "Que o Senhor lhes abra um amplo campo. Apeguem-se a princípios sadios e ensinem a doutrina sã. Que Deus os abençoe, ajude e faça prosperar." Uma semana depois, os viajantes deixaram a Cidade Eterna para pegar o barco em Gênova, mas antes da partida, o Papa subiu a bordo para abençoá-los mais uma vez. Eles viajaram via Paris, onde Gentili, a pedido de Rosmini, fez uma visita de cortesia ao filósofo Victor Cousin.

Chegaram a Londres no dia 16 de junho de 1835. Sua primeira impressão foi sombria e melancólica. Gentili escreveu a Rosmini: "Parecia que estávamos entrando na cidade de Plutão: casas escuras, barcos negros, marinheiros sujos, tudo coberto de sujeira. As águas do Tâmesa eram de uma cor amarelada e exalavam um fedor muito agressivo. Em terra, tudo era ruído e confusão: cavalos, carroças, homens de todas as classes, que corriam e se cruzavam - em resumo, o diabo estava lá, entronizado, exercendo seu domínio tirânico sobre os miseráveis mortais."

9 - Prior Park.

Assim, no outono de 1835, os três missionários começaram a ensinar no colégio de Prior Park: Gentili ensinava filosofia e italiano, Rey teologia e Belisy francês. Mas desde o início, as coisas não foram bem. Além das dificuldades de adaptação aos costumes e ao modo de vida dos ingleses,

sem mencionar o estado precário da religião católica (de acordo com a opinião de Gentili), eles precisavam combater as peculiaridades e a dominação de Monsenhor Baines, assim como o mau tempo inglês! Baines começou a exercer certa autoridade sobre a pequena comunidade religiosa, que ameaçava sua independência de ação. Além disso, faltava aos três religiosos essa união de espírito tão desejada e recomendada por Rosmini. Uma das queixas era que Gentili só permitia que os outros se barbeassem duas vezes por semana! Rosmini os encorajava constantemente e os aconselhava de acordo com o espírito de sua vocação. Contudo, apesar dessas dificuldades e das reclamações contra os "costumes romanos" introduzidos por Gentili na prática da religião, o empreendimento prosperava, e o bispo estava tão satisfeito que nomeou Gentili Presidente do Colégio.

No entanto, o comportamento do bispo afastou alguns dos professores, e para substituí-los, ele solicitou a ajuda do Instituto da Caridade. Assim, Rosmini enviou generosamente mais cinco membros da jovem ordem: um desses homens chamava-se Giovanni Batista Pagani, sacerdote e ex-diretor espiritual no seminário de Novara. Infelizmente, Antoine Rey não conseguiu superar suas dificuldades pessoais e, posteriormente, deixou a ordem, embora continuasse a ensinar no colégio. Contudo, os distúrbios e dificuldades envolvendo Monsenhor Baines aumentavam. Além disso, ele intervinha na disciplina. Mas a maior dificuldade para o pobre bispo era que um dos monges que o acompanhavam no mosteiro havia entrado na ordem de Rosmini. Baines temia que todo o pessoal se tornasse rosminiano e decidiu enviar Gentili para outro lugar! Pagani então se tornou o superior da comunidade em Prior Park.

10 - Loughborough, Grâce à Dieu e Ratcliffe.

Mas a Providência não descansava. Pois foi nesse momento que Ambrose Delisle reiterou seu pedido a Rosmini para acolher Gentili, a fim de que este cumprisse missões nas proximidades de Grâce à Dieu, em Leicestershire. Gentili chegou a Grâce à Dieu em junho de 1840. Agora, ele estava em posição de iniciar um trabalho que traria muitos benefícios à Igreja católica na Inglaterra. E em poucos anos, de fato, ele converteu à Fé centenas de pessoas em Leicestershire. Passava o dia inteiro visitando as aldeias ao redor de Grâce à Dieu, pregando corajosamente a palavra de Deus a um povo protestante ou quase sem religião. Naturalmente, seus esforços geraram uma oposição acirrada: nas ruas, lançavam-lhe imundícies, barro, queimavam sua efígie... Mas ele, sem interrupções, continuava seu apostolado de evangelização. No mesmo ano, Delisle entregou a Rosmini a primeira paróquia rosminiana na Inglaterra, na pequena cidade de Loughborough, não longe do casarão de Grâce à Dieu, e pela primeira vez (1841) a ordem possuía uma casa estável no país.

Rosmini sempre desejou que o Instituto fundasse um noviciado na Inglaterra. Inicialmente, um noviciado foi estabelecido na casa paroquial de Loughborough, mas era muito pequena. Dom Luigi, ou "Doctor Gentili" (como os ingleses o chamavam) buscava um lugar mais adequado onde fosse possível construir um noviciado. Finalmente, ele conseguiu comprar (secretamente, é claro, por medo dos vizinhos protestantes) um terreno situado a 10 quilômetros de Loughborough, bem perto da aldeia de Ratcliffe, e ali foi edificado o noviciado. Além disso, Gentili queria abrir um colégio para meninos e pensava em construir um edifício suficientemente grande para as duas funções. Rosmini aprovou. Assim, o noviciado começou em 1844 e, quatro anos depois, os primeiros alunos do Ratcliffe College se estabeleceram. Pode-se realmente dizer que a missão rosminiana na

Inglaterra agora estava bem enraizada.

No entanto, em Prior Park, os relacionamentos entre os rosminiados e o bispo continuavam a se deteriorar. Após alguns desentendimentos com Baines (três ingleses haviam ingressado no Instituto), Pagani e outros dois rosminiados deixaram o colégio para se fixar em Loughborough. Os rosminiados que permaneceram em Prior Park também não conseguiam encontrar paz e harmonia: Baines havia começado a usar alguns deles fora do colégio. Finalmente, em 1842, o Instituto deixou Prior Park, o primeiro estágio do trabalho rosminiano na Grã-Bretanha.

11 - As missões nas paróquias.

Os trabalhos apostólicos e zelosos de Luigi Gentili produziram grandes frutos nas proximidades de Grãce à Dieu. Como mencionei anteriormente, centenas de protestantes se converteram à Igreja Católica. Assim, sua reputação e influência começaram a se espalhar por todo o reino. Seu modo de vida ascético e sua total aplicação do Evangelho causaram uma grande impressão. As solicitações para seu ministério se multiplicavam. O resultado foi que ele e outro rosminiano inglês iniciaram, em 1843, um novo ministério, o de pregar missões nas paróquias. Até então, essa forma de ministério não era conhecida na Inglaterra. Também pediram a Dom Luigi para pregar exercícios espirituais ao clero. Ele passava muito tempo abordando questões confessionais; introduziu novas devoções, especialmente o culto da Mãe de Deus no mês de maio; se dedicava totalmente o dia inteiro, comendo e dormindo pouco. Os fiéis vinham em grande número às missões para ouvir esse orador italiano. Em 1848, seu ministério foi solicitado na Irlanda, mas durante uma missão em um bairro pobre de Dublin, ele contraiu tifo e morreu em 26 de setembro. Dom Luigi Gentili foi a primeira oferta da missão inglesa.

12 - As irmãs da Providência (rosminianas).

É preciso mencionar, mesmo em um relato muito breve como este, a outra ramificação da família rosminiana, as irmãs da Providência, irmãs rosminianas. Depois que o Instituto se estabeleceu em Loughborough, em 1843, Rosmini enviou três irmãs italianas para fundar uma escola. Essa empreitada foi bem-sucedida e jovens garotas inglesas se juntaram posteriormente à congregação, que continuou a crescer e promover obras de caridade.

13 - Conclusão

Antonio Rosmini, seguindo as orientações da Providência e confiando completamente em Deus, lançou a missão na Inglaterra na época da Segunda Primavera, e a dirigiu pessoalmente, prudentemente e corajosamente, por meio de uma intensa correspondência, sem nunca colocar os pés em solo inglês. Essa grande empresa que ele pôs em marcha por meio dos missionários italianos e franceses e das irmãs, hoje se identifica completamente com a Igreja católica inglesa (e galesa!). O colégio de Ratcliffe ainda existe, um colégio coeducacional do qual os alunos vêm de Hong Kong, Singapura, Níger, Espanha e até da França. A mansão de Ambrose Delisle tornou-se a escola preparatória de Ratcliffe. A paróquia de Loughborough permanece sempre sob o ministério dos filhos espirituais de Rosmini. E me agrada pensar que, em 1985, durante a celebração do centésimo quinquagésimo aniversário da missão rosminiana, na catedral de Canterbury (um local muito histórico para a religião cristã na Inglaterra), estavam presentes em espírito Antonio

Rosmini, Luigi Gentili, Giovanni Batista Pagani e muitos outros homens e mulheres rosminiados que trabalharam com dedicação na vinha do Senhor.

Letters, vol. 3, p. 589

A biografia de Rosmini foi traduzida para o francês no final do século XIX pelas Edições Perrin.

Giorni Antichi, vol. 3, p. 14.

[36] <http://www.philosophiedudroit.org/watson,%20mission%20anglaise.htm>

Anexo 6 - Um filósofo italiano do século XIX – Obras de Rosmini traduzidas para o francês

Documento do site da **Biblioteca de Filosofia Comparada** e do **Centro Francês de Estudos Rosminianos**[37]:

<http://www.philosophiedudroit.org/>

ANTONIO ROSMINI

Um filósofo italiano do século XIX

Nascido em 1797 em uma família aristocrática em Rovereto, província italiana do Trentino, então sob ocupação austríaca, Antonio Rosmini estuda filosofia e teologia na universidade de Pádua. Ordenado sacerdote em 1821, estabelece-se no Piemonte em 1829, em Domodossola, onde funda uma ordem religiosa, o Instituto da Caridade.

Mas a Itália é abalada pelo grande movimento de restauração nacional, alimentado por influências diversas e eventos às vezes contraditórios, o Risorgimento. Rosmini será frequentemente chamado a participar dele, apesar de si mesmo. Cheio de modéstia, ele paga muito caro por suas tentativas diplomáticas junto ao Santo Sé, a fim de negociar, para o Reino do Piemonte, uma confederação dos estados italianos. Durante os violentos confrontos romanos de 1848, acompanha Pio IX em sua fuga para Gaeta, mas lá se depara com a hostilidade do círculo do papa e retorna ao Piemonte, em Stresa, onde continuará até o fim de sua vida (1855) sua obra apostólica e filosófica.

Pois Rosmini é, acima de tudo, um filósofo com uma obra surpreendentemente abundante: toda a sua vida foi dedicada a uma intensa reflexão e sua produção é extremamente rica, incluindo nos domínios mais específicos, como a filosofia moral, jurídica e política, a lógica e as matemáticas, a economia, a medicina, as artes e a literatura (sua amizade por Manzoni o mergulha nas agitações linguísticas e poéticas da Itália nascente). Tanto percurso a serviço da inteligência metafísica, conduzida em suas aplicações mais concretas, em uma época conturbada onde a filosofia nunca deixou de ser atacada e na qual ele se preocupa em restituí-la ao mesmo tempo em uma

perspectiva cristã. Com uma reflexão sutil e rigorosa, Rosmini eleva-se acima dos conflitos pós-revolucionários gerados pela hegemonia do racionalismo positivista, para redefinir o valor ontológico da concepção clássica do saber. Longe de todo ecletismo, Rosmini rejeita com força as teorias empiristas e se empenha em integrar as filosofias de seu tempo, como o idealismo alemão de Kant a Hegel, mas superando-as, dentro de uma concepção dinâmica das formas dialéticas do ser.

Retomando Platão e S. Agostinho, atendo-se ao método universalista de S. Tomás de Aquino, ele consegue, portanto, sintetizar na *philosophia perennis* elementos de uma nova filosofia, continuando assim um movimento filosófico interrompido após a crise nominalista medieval e prefigurando amplamente a fenomenologia, as filosofias da vida e da existência.

Finalmente, Rosmini, fundador de ordem, deve ser também inscrito na linhagem dos grandes espirituais. Sua obra aqui é igualmente considerável, desde as Constituições de sua ordem até os exercícios espirituais. Além disso, Rosmini se mostra incansável em sua correspondência, não deixando nenhuma carta sem resposta, com 8.319 reunidas em 13 volumes! Adicionemos os *diários* onde Rosmini narra memórias marcantes de uma existência voltada para o que ele denomina *caridade intelectual*.

A obra de Rosmini conta com cerca de 120 volumes, dos quais muitos ainda estão por editar, e muito poucos foram traduzidos para o francês. E, no entanto, não foi ele eleito por unanimidade, em 1843, para a *Academia de Ciências Morais e Políticas*, a pedido de Victor Cousin, e traduzido pela livraria acadêmica Perrin?

É difícil resumir essa produção intensa. Aqui nos referiremos aos livros em língua francesa:

Obras sobre Rosmini:

- François Évain, s.j., *Ser e pessoa em Antonio Rosmini* (tese com prefácio de Henri Gouhier), Paris/Roma, Beauchesne/ Univ. Gregoriana, 1981,
- Lucienne Portier, *Antonio Rosmini, 1797-1855, Um grande espiritual à luz de sua correspondência*, Paris, Cerf, 1991,
- Maria-Adelaide Raschini: *Rosmini e a ideia de progresso*, Biblioteca de Filosofia Comparada, Bordeaux, Bière, 1995
- Marie-Catherine Bergey, *O manto de púrpura. Vida de Antonio Rosmini*, Bordeaux, Bière, 2000.

Contribuições diversas, ver a bibliografia dada por J.-M. T. em sua tradução da *Introdução à filosofia* de Rosmini, p. 27 ss.

Tradução das obras de Rosmini:

- *Antropologia moral*, trechos, trad. F. Évain, Paris, precedido de uma « Introdução à ontologia personalista de A. Rosmini » por F. Évain, prefácio de J. Chaix-Ruy, Beauchesne, 1973,
- *Introdução à filosofia*, prefácio e trad. de J.-M. Trigeaud, Bordeaux, Bière, 1992,

- *Filosofia da política*, trad. J. Plaisance-Léglise, introd. J.-M. Trigeaud, Bordeaux, Bière, 1999,

Traduções mais antigas:

- *Psicologia* em três volumes, trad. E. Segond, Paris, Perrin, 1888
- *Antologia filosófica*, textos agrupados sob a direção de Mgr. R. Jolivet, Lyon, Vitte, 1954,
- *Teoria do assentimento*, M.-L. Roure, Lyon, Vitte, 1956,
- *Máximas de perfeição cristã e explicação do "Magnificat"*, trad. G. Roth, prefácio do Card. Tisserand, Nancy, Guyot, 1970.

Outras traduções, ver a bibliografia dada por J.-M. T. em sua tradução da *Introdução à filosofia* de Rosmini, p. 26.

Para as obras na língua original e em inglês, assim como os diferentes sites, cf. nossos links.

[37] <http://www.philosophiedudroit.org/antonio%20rosmini.htm>

Anexo 7 - Entrevista do ‘cardeal’ durante a beatificação de Rosmini (texto em inglês) pelo jornal modernista conciliar ‘Trente Jours’ – N°9 – Ano XXV – Setembro de 2007

Um grande cristão^[38]

*Entrevista do **cardeal José Saraiva Martins**, prefeito da Congregação para as Causas dos Santos:*

«O homem que está sendo beatificado é uma personalidade sacerdotal límpida, que se ofereceu por inteiro a Jesus e à sua Igreja, que sofreu por isso, uma personalidade que foi um guia e um conforto para muitos cristãos que vieram depois dele»

Entrevista do cardeal José Saraiva Martins por Gianni Cardinale



A igreja São Marco em Rovereto, onde Rosmini foi batizado em 25 de março de 1797; de 1834 a 1835, Rosmini foi o pároco dessa mesma igreja, onde proferiu, em setembro de 1823, o *Panegírico à santa e gloriosa memória de Pio VII*

«Estou realmente contente que Antonio Rosmini seja finalmente elevado à glória dos altares. Estou feliz pela Igreja e, se posso me permitir, por mim pessoalmente. Desde a época em que eu era **professor na Universidade Pontifícia Urbaniana**, sempre citei com prazer os escritos iluminadores desse grande pensador, lúcido e profético». O **cardeal José Saraiva Martins** já está preparando com grande cuidado a homilia que pronunciará em novembro próximo em Novara, quando presidirá à celebração na qual o grande filho de Rovereto tomará seu lugar na lista dos bem-aventurados. Ele não oculta sua satisfação por finalmente chegarmos a este importante encontro eclesial, ainda que isso não aconteça todos os dias, de fato, que um eclesiástico cujas certas propostas foram formalmente condenadas pelo Santo Ofício seja objeto de uma reabilitação tão completa.

Eminência, por que você parece tão feliz por poder presidir a beatificação de Rosmini?

JOSÉ SARAIVA MARTINS: Porque se trata de uma personalidade sacerdotal límpida, que se ofereceu por inteiro a Jesus e à sua Igreja, que sofreu por isso, uma personalidade que foi um guia e um conforto para muitos cristãos que vieram depois dele. Cristãos que pertencem ao meio intelectual, porque Rosmini era um grande pensador, mas também simples fiéis, que foram tocados pelo testemunho dos religiosos e religiosas das congregações fundadas pelo padre de Rovereto. Rosmini é realmente um cristão que viveu da maneira mais elevada as virtudes humanas e cristãs.

E, no entanto, para Rosmini, não foi fácil obter que essas virtudes fossem reconhecidas...

SARAIVA MARTINS: De fato, a causa de beatificação – imagino que é a isso que você se refere – foi particularmente complexa, por muitas razões.

Por razões doutrinárias, antes de tudo.

SARAIVA MARTINS: De fato, os escritos de Rosmini foram alvo de críticas por parte de outros eclesiásticos, críticas que culminaram com o decreto *Post obitum*, emitido pelo Santo Ofício da época, no qual foram condenadas quarenta propostas extraídas de suas obras. Mas tratava-se de

uma condenação póstuma, que ocorreu após sua morte – como bem diz o termo *post obitum* –. Rosmini não pôde, portanto, se defender; e, além disso, tratava-se de propostas extrapoladas de seu contexto e, portanto, interpretadas de maneira arbitrária.

Os jesuítas estavam entre os “inimigos” históricos de Rosmini...

SARAIVA MARTINS: Trata-se de algumas figuras da Companhia de Jesus da época. Mas os jesuítas já mudaram de opinião há muito tempo. **O atual prepósito geral, Kolvenbach, escreveu um artigo na revista Filosofia oggi (f. IV/1997) no qual antecipa Rosmini como um profeta do terceiro milênio.** Nesse artigo, Kolvenbach escreve: «Durante sua vida, alguns jesuítas, e para ser sincero, “não os melhores”, publicaram libelos contra ele... é oportuno lembrar que esses jesuítas, que haviam infringido a regra da obediência, foram desaprovados pelo prepósito geral, o reverendo padre Jan Roothaan». E, há vários anos, a *Civiltà Cattolica* chegou a abrir suas colunas a um artigo “reparador” do falecido **bispo rosminiano Clemente Riva**, o que é bastante raro, já que essa revista bimestral publica exclusivamente artigos assinados por padres jesuítas.

O padre Cornelio Fabro, crítico não arrependido de Rosmini, escreveu que a evolução do julgamento dos jesuítas se deve a um «complexo de culpa excessivo».

SARAIVA MARTINS: É verdade que **o falecido padre Fabro manteve seu julgamento negativo sobre Rosmini**, um julgamento respeitável, mas agora mais do que minoritário.

A verdade é que, de qualquer forma, no final, o decreto *Post obitum* foi revogado.

SARAIVA MARTINS: De fato, a Congregação para a Doutrina da Fé, dirigida pelo cardeal Ratzinger, reconsiderou a questão rosminiana e acabou estabelecendo que, apesar do decreto *Post obitum*, nada impedia a beatificação do religioso.

A causa de Rosmini também sofreu de um aspecto político, devido ao seu ativismo em favor de uma unidade política da Itália e à sua aversão, aliás compartilhada, à dominação austríaca...

SARAIVA MARTINS: As ideias e opiniões políticas não são, em si, determinantes para a beatificação. O fato é que a Igreja já elevou à glória dos altares o papa Pio IX que, após inicialmente compartilhar, precisamente no campo político, as ideias de Rosmini, distanciou-se posteriormente. O que podemos dizer é que, a partir de então, a história tomou um rumo que Rosmini mesmo havia, de certa forma, imaginado.

Na *Positio* apresentada pelo padre Papa, menciona-se alguns testemunhos que poderiam sugerir várias tentativas de envenenamento de Rosmini, mas faltam provas certas a esse respeito. Não é surpreendente, no entanto, que o padre possa ter sido alvo de tentativas de eliminação física.

A relação de Rosmini com Pio IX é um aspecto importante de sua vida. Em um primeiro momento, parece que o papa queria criá-lo cardeal, mas depois a relação teve que ser rompida...

SARAIVA MARTINS: Existem, de fato, testemunhos segundo os quais Pio IX tinha Rosmini em grande estima, querendo criá-lo cardeal e até mesmo nomeá-lo seu secretário de Estado. Mas as turbulências políticas e a criação da República Romana de 1849 sepultaram essa hipótese. Como algumas fontes históricas destacam, as inimizades e antipatias de certos cardeais mais próximos da Áustria, começando pelo influente Giacomo Antonelli, não favoreceram Rosmini.

De forma mais geral, qual foi a atitude dos diferentes pontífices em relação à personalidade de Rosmini?

SARAIVA MARTINS: Em geral, de grande estima. A Positio citou muitos documentos e testemunhos a esse respeito; permito-me mencionar particularmente **as palavras proferidas na época por Paulo VI em diferentes discursos e o fato de que João Paulo II o tenha citado positivamente na encíclica Fides et ratio**. E, além disso, a relação com João Paulo I foi singular.

Ou seja?

SARAIVA MARTINS: **O servo de Deus Albino Luciani, quando era jovem padre, escreveu uma tese muito crítica sobre Rosmini e foi um jovem rosminiano, Clemente Riva**, que se tornou depois auxiliar de Roma, quem lhe respondeu. Em 1978, quando Luciani se tornou papa, ele quis encontrar-se com o cardeal vigário e seus auxiliares. Quando chegou a vez de Riva, João Paulo I disse a Poletti: «Ele, eu o conheço...». Mas ele fez isso com um grande sorriso. Assim, Dom Riva – ele mesmo conta – que tinha uma certa apreensão sobre esse encontro, se sentiu muito aliviado. É importante acrescentar que existem testemunhos dignos de fé segundo os quais João Paulo I expressou o desejo de reabilitar pessoalmente Rosmini.

A obra mais famosa de Rosmini é certamente Delle cinque piaghe della santa Chiesa [Das cinco chagas da santa Igreja, nota do tradutor]. Colocada no Índice, ela foi plenamente reabilitada antes mesmo de que o Índice dos livros proibidos fosse abolido...

SARAIVA MARTINS: Trata-se em certos aspectos **de um livro profético, antecipador**, talvez até demais para a sua época. Contudo, o destino dos profetas, na Bíblia, mas também, infelizmente, na história da Igreja, é frequentemente ser mal interpretado e perseguido.

Uma das cinco chagas apontadas por Rosmini é a das nomeações episcopais...

SARAIVA MARTINS: A questão das nomeações episcopais é sempre um ponto extremamente delicado na vida da Igreja. Eu percebo isso especialmente porque **sou membro da Congregação para os Bispos há anos**. Rosmini queria erradicar a influência, já prejudicial, que os poderes mundanos exerciam na escolha dos pastores e ele propôs, para isso, o retorno à antiga prática segundo a qual **os bispos eram escolhidos pelo clero e pelo povo**.

É realmente possível voltar a essa prática?

SARAIVA MARTINS: Não sendo de direito divino, as normas segundo as quais se escolhem os bispos são sempre aperfeiçoáveis. **Mas o envolvimento direto, quase eletivo, dos fiéis leigos na**

escolha de um bispo seria imprescindível hoje. Basta pensar, entre outras coisas, no papel que os meios de comunicação social poderiam desempenhar nesse sentido. A televisão não existia na época de Rosmini...

Outra das chagas apontadas por Rosmini é a que diz respeito à liturgia...

SARAIVA MARTINS: Rosmini compreendia o drama de uma liturgia que não era mais compreendida pelo povo e, muitas vezes, nem mesmo pelos próprios celebrantes. Aqui também, **suas intuições anteciparam o movimento de renovação litúrgica e as exigências expressas na Constituição Sacrosanctum Concilium** do Concílio Vaticano II.

Permita-me uma pergunta que pode parecer um tanto impromptu. Qual seria a atitude que Rosmini teria hoje em relação ao motu proprio Summorum Pontificum?

SARAIVA MARTINS: Não se faz história com "se". Mas não acredito que, se Rosmini vivesse hoje, ele se opusesse ao motu proprio em questão, nem que fosse porque ele tinha um elevado senso de liberdade e teria apreciado muito o gesto do papa que concede aos fiéis que o pedem a liberdade de poder assistir ao que foi, de qualquer forma, a liturgia oficial da Igreja por séculos. Além disso, é necessário levar em conta o fato de que Rosmini desejava que o clero e o povo pudessem compreender e amar a liturgia, e afirmava assim **a necessidade de aprofundar o estudo da liturgia** e não apenas – como alguns acreditam – traduzi-la para a língua corrente.



Vista panorâmica da localidade do Monte Calvário de Domodossola.

Quais são os outros aspectos do Vaticano II que Rosmini antecipou?

SARAIVA MARTINS: **Um dos aspectos precoces do Concílio que Rosmini certamente percebeu foi o da liberdade religiosa.** Sobre essa questão, Rosmini realmente foi um antecipador incompreendido. **A declaração Dignitatis Humanæ lhe deve muito.**

Quando Rosmini morreu, ele tinha sessenta anos. É verdade que se falou em envenenamento?

SARAIVA MARTINS: De fato, na Positio apresentada pelo padre Papa, alude-se a certos testemunhos que sugerem várias tentativas de envenenamento de Rosmini, mas faltam provas certas a esse respeito. Não é surpreendente, no entanto, que o padre pudesse ter sido alvo de

tentativas de eliminação física: ele era uma personalidade incômoda, especialmente para alguns centros de poder político.

O postulador da causa de Rosmini revelou que o custo da causa em si e da cerimônia de beatificação é bastante elevado. Perdoe minha formulação um pouco irreverente: custa muito caro se tornar santo?

SARAIVA MARTINS: Não existe uma tabela de preços para se tornar beato ou santo. Certamente, todo processo inevitavelmente custa dinheiro: para papel, para impressão, para os justos honorários dos especialistas leigos e eclesiásticos e para os postuladores e seus colaboradores. Devo, no entanto, acrescentar que existem fundos dos quais se pode recorrer para as causas que se pode chamar de “necessitadas”.

[38] <http://www.30giorni.it/fr/articolo.asp?id=15816>

Anexo 8 - Rosmini, profeta da liberdade religiosa do Vaticano II - pelo jornal modernista conciliar Trente Jours - Nº 9 - Ano XXV - Setembro de 2007

O profeta da liberdade católica^[39]

Ele dialogou com os grandes de sua época; lutou a batalha desse catolicismo liberal que acabaria por vencer a guerra na democracia ocidental típica da segunda metade do século XX; escreveu milhares de páginas de filosofia. Mas nada disso o teria salvo do esquecimento geral se os rosminianos não estivessem lá.

por Giuseppe De Rita



A folha de rosto do ensaio *Delle cinque piaghe della santa Chiesa*, a obra publicada pela primeira vez por Rosmini em 1846 e que seria incluída no Index em junho de 1849

É um mestre que, sem seus discípulos, não teria escapado ao ostracismo cultural e eclesial. É aí que reside o misterioso mecanismo que levou, após um século e meio, à decisão da Igreja de beatificar Antonio Rosmini.

Este dialogou ao longo da vida com os grandes de sua época, de Carlos Alberto da Sardenha a Pio IX e a Manzoni; travou vigorosamente a batalha desse catolicismo liberal que acabaria por vencer a guerra na democracia ocidental típica da segunda metade do século XX; e, sobretudo, escreveu milhares de páginas de filosofia, cultura religiosa e reflexão social. Mas nenhum desses três aspectos (a amizade com os grandes, o fato de ter profetizado “a liberdade católica” e o de ter escrito milhares de páginas) jamais teria salvo Rosmini do esquecimento e do ostracismo. Seus inimigos eram numerosos, especialmente entre os membros da Igreja; seu pensamento era e é difícil de entender; muitos entre os professores e clérigos preferiram julgá-lo “inteligente demais” para as pobres mentes dos fiéis. E, além disso, o santo Ofício o havia punido, e isso forneceu um alibi a todos.

Se escapou ao esquecimento generalizado, deve-o essencialmente aos rosminianos, aos seus discípulos do Instituto da Caridade que ele fundou, tenazmente fiéis à sua pertença à Igreja, contra todos os ostracismos. **São os rosminianos que, com suas escolas, formaram dezenas de milhares de jovens segundo uma filosofia de tipo personalista e liberal, implicitamente oposta à pedagogia estatal totalizante ou à pedagogia jesuítica militante (à qual devo, aliás, a minha maneira de raciocinar).** São os rosminianos que, com constância, mas sem ostentação pública, **continuaram durante décadas a levantar a questão da qualidade estrutural da Igreja, resgatando *Le cinque piaghe* [As cinco chagas da santa Igreja, obra de Antonio Rosmini, ndr] e, sobretudo, propondo a primazia espiritual da liberdade da Igreja em relação ao poder temporal.** São os rosminianos que optaram por dialogar com essa parte da elite cultural italiana que, durante décadas, cultivou o espírito democrático, o sentido de convivência coletiva, o entusiasmo diário pela caridade espiritual ao longo dos anos; posso testemunhar ao prestígio “elitista” que cercava o pai Bozzetti nos anos do pós-guerra, e muitos podem atestar **a forte influência exercida por Clemente Riva sobre grande parte da classe**

dirigente italiana de hoje.

Portanto, são os rosminianos, tenazmente convencidos de estarem em seu direito mesmo nas épocas de maior frustração, que salvaram Rosmini de um possível esquecimento (e mesmo desejado e provocado por muitas pessoas). Honra, portanto, aos rosminianos. Mas honra também a seu fundador, se é verdade que os líderes se reconhecem por seus discípulos: afinal, é a profundidade de seu pensamento (inesgotável para aqueles que o frequentaram) que deu tal força à vontade dos rosminianos de testemunharem. Como dizia Buber, "É a raiz que sustenta".

É difícil fazer uma escolha de importância relativa entre os componentes dessa "raiz", mas para o "afiliado diletante" que sou, parece que **Rosmini e os rosminianos estiveram certos em quatro grandes temas**: primeiro, ao insistir neles e depois **ao fazê-los entrar na consciência coletiva**, sem se colocar em destaque ou tocar tambores midiáticos.

O primeiro é o da liberdade religiosa. Após o Concílio Vaticano II, isso parece uma evidência. Mas pensemos na época de Rosmini, quando ainda existiam o Estado Pontifício e o Soberano Pontífice e que ninguém se escandalizava porque estava escrito no Estatuto Albertino que o catolicismo era "religião de Estado". O único que reagiu duramente foi Rosmini, que escreveu: «A religião católica não precisa de proteções dinásticas, mas de liberdade. Ela precisa que sua liberdade seja protegida, e nada mais». A Igreja, sendo uma sociedade natural e espontânea, não se condensa no poder, mas filtra e penetra em toda parte como o ar e a água; e só precisa não ser impedida. A fé entra nos corações sem passar pelos poderes do alto. Raros são aqueles que, ao longo das décadas marcadas pelo Concílio Vaticano I, tiveram a coragem de fazer afirmações desse tipo.

O segundo grande tema rosminiano foi a liberdade do papado em relação ao seu poder temporal. Já mencionei em outro contexto uma carta de Rosmini ao cardeal Castracane em 1848, na qual ele escrevia: «Se a unidade federativa da Itália ocorrer, o Soberano Pontífice permanecerá um príncipe totalmente pacífico e enviará núncios para os assuntos espirituais; e os enviará, além disso, não para os príncipes, mas para as Igrejas do mundo». Ele estava certo e os fatos lhe deram razão, pois hoje correspondem à sua opção. Ora, essa opção, repito, remonta a 1848, ou seja, mais de vinte anos antes da unificação nacional de 1870.

Os dois temas mencionados até aqui (liberdade religiosa e distanciamento do poder temporal) estão subterraneamente ligados a outro grande tema rosminiano: a recusa da dominação do poder político, a grande escolha que fez de Rosmini o paladino italiano do catolicismo liberal, e – a menos que alguns se sintam incomodados com esse termo – do catolicismo democrático. Sempre apreciei muito sua recusa à "senhoria que não cria sociedade, mas dominação e servidão", porque também associo essa frase a outra que destaca que "a construção da sociedade é um conjunto de atos e uma pluralidade de pessoas", na qual percebemos o início da temática do pluralismo cultural e político e deste "desenvolvimento do povo" que caracterizou a democracia italiana das últimas décadas.

O primeiro tema é o da liberdade religiosa. Após o Concílio Vaticano II, isso parece uma evidência. Mas pensemos na época de Rosmini, quando ainda existiam o Estado Pontifício e o Soberano Pontífice e que ninguém se escandalizava porque estava escrito

no Estatuto Albertino que o catolicismo era “religião de Estado”.

Portanto, eu associo espontaneamente e naturalmente essa fé no desenvolvimento operado por uma pluralidade de pessoas a outra consideração, segundo a qual uma sociedade composta por tantos sujeitos não pode crescer e não pode explorar serenamente todas as suas possibilidades apenas se respeitar e fazer respeitar todos os direitos, e o livre uso de todos os direitos. O liberalismo de Rosmini, que lhe trouxe tantos problemas, a ele e à sua congregação, não é outra coisa: **a sociedade deve ser construída de tal forma que cada um possa ter o livre uso de seus próprios direitos.** Esse é o bem comum que transparece de sua complexa reflexão sociopolítica: a centralidade do sujeito, enquanto permanecendo fechada sobre si mesma, é privada de vitalidade, tornando-se vital apenas quando entra em relação com os outros e “conspira com os outros para **a criação de uma sociedade que tenha como fim comum o livre uso dos direitos**”.

Podemos imaginar, neste ponto, quanto eu gostaria de continuar nas vias abertas por essas temáticas: o valor da subjetividade individual como grande motor social, quando não se deixa levar pelo subjetivismo ético; o valor da relação como percurso de vidas que não se encerram na autocensura, seja em termos de narcisismo e/ou depressão; o valor da relação com os outros, com “o outro de você” como a verdadeira rota que permite chegar ao Outro absoluto. Mas esses caminhos seriam longos demais, obrigariam a entrar em questões e disputas que animam o debate filosófico e sociológico de nossa época. Portanto, obrigo-me a evitá-los porque quero permanecer fiel à intenção com a qual comecei a escrever: a de demonstrar que Rosmini foi certamente um grande homem, mas que teve a sorte de que seus rosminianos defenderam suas ideias (a liberdade religiosa, o fim do poder temporal, a opção pelo pluralismo democrático, a fé em um desenvolvimento multisujeitos) durante décadas, desenvolvendo-as, acompanhando-as ao longo do tempo e fazendo delas não mais questões de uma minoria reprovada, mas de uma ala combativa da Igreja em sua evolução histórica nos últimos cento e sessenta anos. Foram humildemente fiéis à Igreja e a seu fundador e profeta; merecem todos, mesmo aqueles que já partiram, considerar o fato de terem chegado a esta beatificação como sua vitória pessoal.

[39] <http://www.30giorni.it/fr/articolo.asp?id=15818>

Anexo 9 - Antonio Rosmini: um sacerdote filósofo nos altares - pela revista modernista conciliar ‘Liberté politique’ – Novembro de 2007

Antonio Rosmini: um sacerdote filósofo nos altares^[40]

Bertrand de Belval

No dia 18 de novembro, o filósofo italiano Antonio Rosmini (1797-1855) será beatificado em Novara (Itália). Ou seja, um desconhecido para o público francês. Afinal, quem conhece esse intelectual brilhante, cuja obra é a de um precursor e cuja vida, marcada pela busca da verdade e da liberdade política, foi inteira a expressão da caridade?

Rosmini não é uma figura irrelevante. Marie-Catherine Bergey-Trigeaud, sua biógrafa francesa, o apresenta como “o mais importante filósofo italiano e um dos principais mestres da história da filosofia católica”. Chaix-Ruy o considerava “um dos maiores espíritos de todos os tempos”. Na sua encíclica *Fides et Ratio* (n. 74), João Paulo II fala dele como um mestre. Bento XVI o cita frequentemente. E João XXIII fez de um de seus livros, *Maximes de perfection chrétienne*, sua leitura de cabeceira durante o Concílio Vaticano II. Para os italianos esclarecidos, Rosmini é indispensável...

A beatificação de Rosmini é, acima de tudo, a de um sacerdote filósofo a serviço da Igreja, um observador exigente que, em seu tempo, denunciou as falhas (especialmente do clero) (cf. sua obra *Les Cinq Plaies de l'Église*). Era para amá-la melhor, para proclamar melhor sua Santidade, convidando seus servos a estarem mais próximos dela. Mas, como veremos, Rosmini era, antes de tudo, um espírito universal, sempre alerta. Ele foi um verdadeiro filósofo, buscando abranger tudo.

Liberal, seu engajamento o levou a servir a causa da unidade italiana e do rei Carlos Alberto (a Itália estava então sob domínio austríaco).

Se sua abordagem o aproximava de Deus, ela passava necessariamente pelo homem ou pela pessoa. É isso que torna sua atualidade extraordinária: como advogado de Deus, ele pleiteou pela pessoa humana e sua liberdade, sinal e caminho do Criador. Como filósofo, interpretou as palavras de Cristo: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Para ele, cada “ovelha” é única. Rosmini era, em essência, um contemplativo ativo: de uma fé fervente e de uma ação transbordante, para sempre melhor penetrar o rosto de Cristo no coração de cada pessoa.

Um filósofo injustamente desconhecido

Portanto, sua ocultação parece ainda mais injusta. Na verdade, isso não foi sempre assim. Os espíritos superiores, em nosso país, perceberam sua potência. Em seu curso de *Filosofia do Direito*, Boistel, no final do século XIX em Paris, falava de Rosmini nestes termos: “Eu já conhecia esse eminente filósofo e, sem compartilhar todas as suas doutrinas, admirava a potência de concepção, a vigorosa argumentação e a riqueza de argumentação que caracterizam suas obras, notadamente seu tratado fundamental, *Nouvel Essai sur l’Origine des idées*”. Podemos mencionar também, em Lyon, o Monsenhor Régis Jolivet, que frequentemente mencionou Rosmini em seus escritos e até lhe dedicou uma notável introdução em sua *Antologia filosófica*. Mas é forçoso constatar que esses pensadores também caíram no esquecimento e não conseguiram estabelecer o pensamento rosminiano no panorama intelectual francês.

Por isso, deve-se esperar que a beatificação de Rosmini tire o filósofo de uma confidencialidade totalmente injustificada. A esse respeito, é importante destacar o trabalho salutar e muito importante do professor Jean-Marc Trigeaud (Bordeaux) e de sua esposa Marie-Catherine Bergey que, há muitos anos, na aridez do deserto francês, se dedicam a reabilitar Rosmini, por meio de publicações, traduções e um centro francês de estudos rosminienses.

Em 2000, devemos a Mme Bergey a primeira biografia de Rosmini, *La Robe pourpre, vie d’Antonio Rosmini* (Ed. Bière). A leitura dessa rica biografia perfeitamente controlada é um pré-requisito para descobrir um pensamento que não é uma construção intelectual dissociada de sua vida concreta. O que dá força a Rosmini é fundamentalmente a participação de sua vida em sua obra, a encarnação de seu pensamento. Rosmini fez corpo com sua obra. Não se pode compreender seu pensamento sem conhecer sua vida.

Uma vida atormentada

Muito brevemente, lembramos que Rosmini esteve envolvido em eventos, às vezes muito violentos, que conduziram à unidade italiana. Ele estava próximo dos papas, a quem aconselhou. Fundador de uma congregação religiosa (o Instituto da Caridade), ele tinha relações com Lamennais, Cousin, na França. Admirador de Tocqueville, ele chegou até a ser membro da Academia de Ciências Morais e Políticas (o que indica que sua notoriedade não foi total na época na França). O padre teve uma vida tudo menos tranquila, por assim dizer, pois nunca renunciou a correr riscos pelo que considerava justo.

Ele se dedicou intensamente ao trabalho (cerca de 80.000 páginas escritas), enfrentando as intrigas de outros clérigos que tentaram comprometer suas obras, algumas das quais foram provisoriamente colocadas no índice (sendo consideradas demasiado liberais), mas cujos principais escritos foram salvos pelo próprio Papa alguns tempos antes de sua morte. Isso não o impediu de ser contestado novamente algumas décadas após sua morte. Contudo, ao longo do tempo, as críticas feitas a Rosmini derreteram-se como neve ao sol, não conseguindo resistir à crítica. Como Santo Tomás de Aquino, Rosmini teve, de certo modo, o “erro” de estar certo antes dos outros!

Homem plenamente enraizado na realidade, ator de seu tempo, com conhecimentos enciclopédicos, Rosmini era um moderno voltado para o futuro, esse eterno presente, para retomar a expressão agostiniana. As obras que nos legou aparecem proféticas. Para se convencer disso, e como primeira abordagem, sugerimos a leitura das magistral introduções redigidas pelo Professor Trigeaud de duas obras-primas de Rosmini, *Introdução à filosofia* e *Filosofia da política* (aguardando a próxima publicação de sua *Teodicéia*).

A experiência do ser e a comunhão das pessoas

A força da filosofia rosminiana reside em seu reflexo da experiência do ser. Enquanto seu tempo estava, para expressar de forma ampla, estirado entre o idealismo e a escolástica que havia “petrificado” (Prof. Trigeaud) o tomista, Rosmini buscou transcender esses obstáculos revelando o substrato fundamental de toda filosofia: a pessoa humana. O que pode parecer comum era verdadeiramente original. A Ideia e o Método ofuscavam o fim da filosofia: a busca do ser, da verdade, de sua ontologia bem compreendida. Rosmini contribuiu para dar vida ao Logos, que havia derivado para uma lógica idealo-materialista. Ao fazer isso, ele mostrava que a filosofia é indissociável de uma teologia – ao menos cristã. O que é o Verbo encarnado, senão a participação do ser no Ser, como disse, entre outros, o padre Joseph de Finance? À sua maneira, Rosmini antecipou os existencialistas do século XX, em especial Gabriel Marcel, ao pleitear uma redescoberta da pessoa que, em sua humildade, vive e permanece um mistério.

Na hora da repetição dos direitos do “homem”, onde a pessoa humana é empunhada como um estandarte, a mensagem rosminiana é singularmente estimulante. Ela permite separar o bom grão da palha, evitando confundir a verdade da pessoa. Para Rosmini, a pessoa é o todo antes das partes, cada pessoa tem um fim próprio. Em outras palavras, a pessoa não deve ser assimilada à humanidade, que é um gênero. A pessoa integra o singular do “eu” e o universal do “nós” – que não é “nós”. Ela é única, ao mesmo tempo em que participa dessa humanidade.

Por isso, é preferível falar de comunhão das pessoas, em vez de *alter ego*, de pluralidade de pessoas — conceitos que apagam a singularidade de cada um. As pessoas parecem mais estar na ordem do reconhecimento – dignidade e respeito – do que na ordem da igualdade – todos iguais. Essa alteridade bem compreendida também era profética em relação ao que a história produziu: o choque entre o socialismo e o liberalismo. Rosmini saiu dessa dialética que muitas vezes leva ao erro, lembrando que a natureza da pessoa não opõe o um e o plural. Ela associa a liberdade e a sociedade, na medida em que a pessoa, cada pessoa, é singular e a pessoa remete à alteridade, a outras pessoas, como Pedro, Paulo e Tiago, etc., que assim se reconhecem. Isso implica não negar a sociedade invisível sob a sociedade visível, não reduzir a pessoa ao social, como faz Marx, nem conceber a liberdade como uma autonomia.

A serviço da verdade que se busca

Rosmini, portanto, combateu os sofismas de seu tempo, que são também os nossos. Ele os enfrentou através do testemunho de sua vida e do esforço intelectual, levando a reflexão até suas últimas consequências, diríamos hoje. Em outras palavras, ele se preocupava com a verdade, com a verdade que se busca e não com a que se fabrica. Era necessário, ao mesmo tempo, esse esforço que demanda muita energia, mas também coragem para combater os erros. Como escreve o Prof. Trigeaud, "os pensamentos falsos são pensamentos injustos".

Nestes tempos em que a democracia tende a se dissolver na lei do mais forte, Rosmini se apresenta como um guardião da razão que protege a verdade objetiva inscrita na natureza da pessoa da lei da maioria.

A beatificação de Rosmini aparece, portanto, como duplamente oportuna. Ela deve permitir tirar do esquecimento um pensamento rico e produtivo, e contribuir, sobretudo, para aproximar a fé e a razão, pelo modelo de vida que a Igreja oferece como exemplo para se comprometer ao serviço da verdade, o que não é uma missão desprovida de interesse hoje — basta lembrar o discurso de Ratisbona. O compromisso que a Igreja chama os cristãos a assumirem através do bem-aventurado Rosmini é um exercício da inteligência. Não há diálogo sem uma busca, sem uma autêntica dialética, sem um debate que mereça esse nome. E quando se sabe o quanto os desvios teológicos são o efeito de lacunas filosóficas, e o quanto a Igreja (notadamente na França) carece desesperadamente de filósofos, tendo negligenciado essa disciplina em favor da exegese e da própria teologia, mede-se o quanto a beatificação de um filósofo é sinal dos tempos. Rosmini será seguramente um companheiro neste trabalho de desbravar a verdade, desmascarar as falsas verdades, abrir o caminho do real e da vida.

Em suma, sejamos mais filósofos para sermos mais cristãos. Em seu leito de morte, Rosmini expirou deixando três instruções a seus amigos: « *Adorare, tacere, gaudere* — adorar, calar, alegrar-se». Essas foram suas últimas palavras.

Essa falta de filosofia...

“Essa falta de filosofia, dessa filosofia que considera o homem *como um todo* com as exigências de seu coração e os desejos de sua natureza, é uma das principais e mais profundas razões dos males das sociedades civis atuais.

O estado das coisas chegou a tal ponto que falar sobre as necessidades reais do homem inteiro e sua plena satisfação é considerado por muitos um argumento antigo e trivial; o escritor atual tem vergonha de abordá-lo: teme não parecer suficientemente progressista para seus leitores. É uma pena que ele não perceba que o primeiro passo realmente progressista que se dará depois dele mostrará sua ignorância!”

Antonio Rosmini,

Philosophie de la politique

Para saber mais:

- O site oficial www.rosmini.it
 - Sobre Rosmini, pensador político liberal, Chiesa.espresso.repubblica.it (em francês)
-

[1] Citamos um autor da filosofia do direito italiano que o menciona, embora não compartilhe sempre de sua opinião: G. Del Vecchio_, *Filosofia do direito*_, Dalloz, reimpressão, 2003.

[2] A. Boistel, *Curso de filosofia do direito*, Paris, 1899, prefácio XI.

[3] Por ex. R. Jolivet, *Tratado de filosofia*, volume IV, Moral, Emmanuel Vitte, 1966, Antonio Rosmini, *Antologia filosófica*, sob a direção de R. Jolivet, Emmanuel Vitte, 1954.

[4] Cf. www.philosophiedudroit.org, link para o Centro francês de estudos rosminianos.

[5] Edições Bière, BP 27, 33023 Bordeaux cedex. Tel/fax: 05.56.72.91.88. M.-C. Bergey, *A Robe Púrpura, Vida de Antonio Rosmini*, Ed. Bière, coleção Biblio. Phil. Comp., Clássicos – 2, 2000.

[6] A. Rosmini, *Introdução à filosofia*, Ed. Bière, coleção Biblio. Phil. Comp., Clássicos – 1, 1992.

[7] A. Rosmini, *Filosofia da política*, Ed. Bière, coleção Biblio. Phil. Comp., Filosofia política – 2, 2000.

[8] J. de Finance, sj, *Conhecimento do Ser, tratado de ontologia*, DDB, 1966.

[9] J.-M. Trigeaud, na introdução, *Filosofia da política*, op. cit., p. 23.

[10] Cf. a obra coletiva reunindo notadamente Maritain, Journet, De Corte, De Greef, Vignaux, Reuter, e G. Marcel, *Os homens são iguais?*, Edições carmelitanas, 1939. Ver notadamente a contribuição de G. Marcel, Considerações sobre a igualdade, p. 161 *sq*, espec. p. 168. O autor indica que « o termo que expressa mais fielmente essa interdependência ativa [n.e.d.l.r.: das pessoas] e mesmo criadora não é o termo igualdade, mas sim o termo *fraternidade* » [nós sublinhamos]. Citamos outra passagem com acentos rosminianos de G. Marcel, p. 170: « Os sujeitos entre os quais se pretende instaurar uma igualdade metafísica ou originária não são, portanto, mais sujeitos que nominalmente, uma vez que estão ipso facto despojados do índice metafísico que é um índice de criatividade, do qual se reduzem a dados, à inércia, à morte. Se o igualitarismo se revela mortificante em suas consequências, é porque repousa sobre um ato de desvitalização inicial do sujeito. »

[11] *Filosofia da política*, op. cit., p. 20.

[40] <http://www.libertepolitique.com/public/decryptage/article-2043-Antonio-Rosmini--un-pretre-philosophe-sur-les-autels.html>

Anexo 10 - Wikipedia – Biografia de Mellerio

Um artigo da Wikipédia, a enciclopédia livre.^[41]

Os **Mellerio** ditos **Meller** formam uma famosa dinastia da alta [joalheria](#) parisiense e francesa.

Desde o início do século XVI, três ourives-joalheiros, os Mellerio, originários de Craveggia, deixaram seu vale no norte da Itália, o Val Vigezzo (localizado perto de Domodossola), para se instalar na França, a fim de exercer sua profissão. Eles fizeram a viagem a pé, como muitas pessoas na época, atravessando os Alpes com sua caixa de amostras — a *marmotte* — nas costas.

Os Mellerio obtiveram privilégios da parte da regente Maria de Médici, que lhes concedeu a autorização para exercer livremente sua atividade em todo o reino, protegendo-os das hostilidades das Corporações.

Esse status privilegiado se confirmou posteriormente, e seus descendentes se tornaram os fornecedores oficiais dos grandes da corte. A joalheria, propriamente dita — a arte de montar as pedras preciosas para fazer joias — realmente nasceu sob o reinado de Luís XIII. O Cardeal Mazarin desenvolveu o gosto por isso, adquirindo os mais belos diamantes de seu tempo, fazendo-os montar em joias, e legando-os à Coroa da França. Sob o rei Luís XIV, diz-se que a Sra. de Montespan tinha um conjunto de joias combinado com a cor de cada um de seus vestidos. Seus descendentes também trabalharam com a rainha Maria Antonieta, Napoleão I, a imperatriz Joséphine, e as irmãs do imperador, Pauline Borghèse e Caroline Murat.

Eles se instalaram na 9 Rue de la Paix (Paris), durante a escavação da rua, sob o [1º Império](#), dando sua marca a este bairro parisiense, que se prolonga pela Place Vendôme.

Eles sempre mantiveram o vínculo com Craveggia, onde retornam todo ano.

Hoje a décima quinta geração dos Mellerio continua sua atividade na Alta Joalheria francesa e estrangeira.

[41] <http://fr.wikipedia.org/wiki/Mellerio>